



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO
DE LINGUAGENS

DENISE DIAS DE CARVALHO SOUSA

**DO CAIXOTE À PRATELEIRA: UM OLHAR INVESTIGATIVO
SOBRE AS MULHERES-LEITORAS DO CURSO DE LETRAS**

SALVADOR- BA
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DENISE DIAS DE CARVALHO SOUSA

**DO CAIXOTE À PRATELEIRA: UM OLHAR INVESTIGATIVO
SOBRE AS MULHERES-LEITORAS DO CURSO DE LETRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudo de Linguagens.

Orientadora: Prof^{ta} Dra. Verbena Maria Rocha Cordeiro.

SALVADOR- BA
2008

FICHA CATALOGRAFICA
ELABORAÇÃO: Biblioteca Central da UNEB
Bibliotecária Marivaldina Bulcão Reis
CRB-5/1129

SOUSA, Denise Dias de Carvalho.

Do caixote á prateleira: um olhar investigativo sobre as mulheres – leitoras do curso de letras. / Denise Dias de Carvalho Sousa. – Salvador, 2008.
166f.

Orientadora : Dra. Verbena Maria Rocha Cordeiro
Dissertação de Mestrado (Estudo de Linguagens) - Universidade do Estado da Bahia. Campus I.

Contém: Referências e Anexos

1. leitura. 2. literatura 3. leitora. 4. história da leitura 5. livro 6. biblioteca I. Cordeiro, Verbena Maria Rocha. II. Universidade do Estado da Bahia. Campus I. Departamento de Letras. III. Título.

CDD 372.24

DENISE DIAS DE CARVALHO SOUSA

**DO CAIXOTE À PRATELEIRA: UM OLHAR INVESTIGATIVO
SOBRE AS MULHERES-LEITORAS DO CURSO DE LETRAS**

**DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
COMISSÃO JULGADORA**

Aprovada em 24 de abril de 2008

Prof^a Dra. Verbena Maria Rocha Cordeiro
Doutorado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC

Prof^a Dra. Márcia Azevedo Abreu
Doutorado (Livre-Docência) em Teoria da Literatura pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP

Prof. Dr. Paulo Santos Silva
Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo - USP

*Para Silvio, Thiago, Thaise e Alexander, por
estarem constantemente me ensinando a viver.*

AGRADECIMENTOS AOS QUE ME AJUDARAM A TECER OS FIOS DESTA HISTÓRIA

A Deus, minha força, áurea e proteção maior;

A Verbena Rocha, muito mais que uma orientadora: conselheira e incentivadora... Meu fio de Ariadne, por ter me proporcionado novos desafios pelos caminhos labirínticos da construção e (re)construção desta história de leitura;

Ao meu esposo Silvio Fernando, que, por diversas vezes, entendeu minhas ausências em casa, disponibilizando-se com carinho e dedicação a compartilhar minhas leituras e produções diurnas e noturnas. Obrigada pelo companheirismo!;

Ao meu filho Thiago, que me acompanhou desde a primeira etapa de seleção deste mestrado – foram três momentos de ansiedade, luta e perseverança – e, posteriormente, por ter me acolhido em seu cantinho, em Salvador, ouvindo com sensatez meus encontros e desencontros durante este processo de aprendizagem;

À minha filha Thaise, que, ao lado do pai, dedicou horas e horas de sua vida juvenil à transcrição e digitação das histórias de vida investigadas, e, também, pelo seu sorriso e suas gargalhadas que inibiam meus choros agonizantes por conta dos prazos estabelecidos pelo mestrado e pela vida;

Ao meu filho Alexsander Fernando, que, por inúmeras vezes, não entendia o porquê das minhas viagens; contudo, ao mesmo tempo me cobria de beijos, abraçava-me e dizia: *Mamãe, vai com Deus! Estou rezando por você. Vai dar tudo certo. Mas o que é mesmo esse negócio de mestrado?! ;*

A todos da minha família, por terem compreendido as minhas opções, ajudando-me a realizá-las, principalmente, minha mãe Aédila, minha irmã Maristela, minha sogra Maria e minha cunhada Simone. Quatro mulheres com histórias de leitura surpreendentes. Quem sabe, mais adiante, a vida me presenteie com a chance de contá-las;

À minha comadre e amiga Divaneide, que através de suas orações conseguiu recarregar minhas energias. Sua força espiritual serviu como um bálsamo para minha mente;

À doce Larissa e à prestativa Joelma que, com bastante entusiasmo e eficiência, ajudaram-me na transcrição das entrevistas;

A Lucas Reis, primo-amigo, que nas horas de inconveniências tecnológicas, com bastante boa vontade me auxiliou;

Ao grupo do GOV, ou seja, ao grupo dos orientandos de Verbena, especialmente a Priscila Lícia, Leidinalva e Rita Breda, que me acolheram de forma afetiva, deixando-me confortável nas reuniões de orientação;

Aos colegas de mestrado e tantos outros que compartilharam reflexões sobre leitura, literatura e identidade e contribuíram para o meu amadurecimento intelectual;

Às colegas de mestrado Alzira de Sá e Flávia Mucarzel, que durante esta caminhada, tornaram-se minhas amigas e confidentes. Cada uma diferente no seu jeito de pensar e agir e com projetos de pesquisa distintos, mas dispostas a dialogar com as minhas indagações, proporcionando, assim, momentos deliciosos de troca e interação;

Às amigas Patrícia Vilela e Ilmara Valois, companheiras da cidade de Jacobina, parceiras de UNEB e de experiências enriquecedoras, como a do inesquecível 16º Cole (Congresso de Leitura do Brasil);

Aos professores do mestrado, que muito colaboraram para o avanço deste trabalho através de indagações e ponderações;

À Banca de Exame de Qualificação: prof^a Márcia Abreu, que, por meio de sua doce e acolhedora voz, foi deixando pistas a respeito do que eu deveria ler, reler, repensar e acrescentar; e ao prof. Paulo Santos que, por conta do seu perfil detalhista e provocador, ajudou-me a enxergar minúcias que só um historiador comprometido como ele poderia observar;

Aos solícitos e simpáticos funcionários do PPGEL, em especial Camila e Danilo;

À Universidade do Estado da Bahia, em especial, ao Campus IV, por abrir suas portas para a realização desta pesquisa, principalmente à diretora Miriam Geonisse Guerra, que inibiu com seriedade e simplicidade os empecilhos burocráticos da instituição pública;

E por fim, às donas das histórias, ou seja, as alunas do 8ª semestre do curso de Letras Vernáculas, do turno noturno, semestre 2006.2. Sem elas, minha história estaria incompleta.

“Personagem privilegiada da história da literatura,
nem sempre, contudo, levada em conta, a leitora
entra em cena há muito tempo.”

(Marisa Lajolo & Regina Zilberman)

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de campo que investiga as histórias de leitura das alunas do curso de letras do 8º semestre, turno noturno, do Departamento de Ciências Humanas – DCH – Campus IV – Universidade do Estado da Bahia, no município de Jacobina, tendo como eixo teórico a Sociologia da Leitura e as contribuições da abordagem (auto) biográfica e dos estudos da História Cultural. Nessa perspectiva, este estudo pretende apresentar como essas alunas se constituíram leitoras. No primeiro momento, analiso as redes de sociabilidade que propiciaram o contato das alunas com a leitura: pessoas, ambientes, situações, personagens, prosas e versos, bem como suas representações sobre leitura, literatura e leitor. No segundo momento, focalizo mais particularmente o itinerário de leitura de seis alunas, a partir da instância de mediação biblioteca, buscando compreender como diferentes percursos de vida possibilitam a formação de leitores distintos em espaços formais e não-formais.

Palavras-chave: leitura – literatura - leitora – história de leitura – livro – biblioteca.

ABSTRACT

It is about a field research that investigates reading histories of students at the eighth semester of the course of letters, nocturnal turn, of the Department of Human Sciences - DCH - Campus IV – at the University of the State of the Bahia, in the city of Jacobina, having as theoretical axle the Sociology of Reading and the contributions of the (auto) biographical approach and of the studies of Cultural History. From this perspective, this study intends to present how these students became. At the first moment, I analyze the sociability networks that had propitiated the contact of the students with the reading: people, environments, situations, characters, chats and verses, as well as their representations on reading, literature and reader. At the second moment, I focus more particularly on the reading itinerary of six students, from the library mediation instance, intending to understand as different ways of life make possible the formation of distinct readers in formal an non-formal spaces.

Key-words: reading – literature- reader - history of reading - book – library.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2 MULHER AO PÉ DA LETRA: LER NA PERSPECTIVA FEMININA.. | 22 |
| 2.1 A leitora em cena..... | 22 |
| 2.2 Por uma geografia da leitora..... | 28 |
| 2.2.1 SER LEITORA EM JACOBINA – CAMPUS IV –UNEB..... | 28 |
| 2.3 O diálogo com a mulher: a metodologia da pesquisa | 40 |
| 3 DE A a Z: REMEMORANDO AS HISTÓRIAS DE MULHERES – LEITORAS..... | 48 |
| 3.1 Desvendando processos de leitura: o perfil das alunas do curso de Letras Vernáculas do Campus IV UNEB..... | 48 |
| 3.1.1 IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO DAS ALUNAS..... | 48 |
| 3.1.2 PRIMEIROS CONTATOS COM A LEITURA..... | 49 |
| 3.1.3 REPRESENTAÇÕES: LEITURA, LITERATURA E LEITOR..... | 54 |
| 3.1.3.1 Leitura..... | 54 |
| 3.1.3.1.1 Ler para interpretar..... | 54 |
| 3.1.3.2.2 Ler para ampliar conhecimentos..... | 55 |
| 3.1.3.3.3 Ler para viajar nos pensamentos..... | 56 |
| 3.1.3.2 Literatura..... | 56 |
| 3.1.3.2.1 Literatura é sinônimo de escolas literárias..... | 56 |
| 3.1.3.2.2 Literatura: erudita ou popular?..... | 57 |
| 3.1.3.2.3 Literatura é a relação de interação entre autor, texto e leitor..... | 58 |
| 3.1.3.2.4 Literatura é a expressão do pensamento..... | 59 |
| 3.1.3.2.5 Literatura é catarse..... | 59 |
| 3.1.3.2.6 Literatura é produção escrita..... | 60 |
| 3.1.3.2.7 Literatura é a arte da palavra..... | 60 |
| 3.1.3.2.8 Literatura é viajar na imaginação..... | 61 |
| 3.1.3.2.9 Literatura: isso ou aquilo?..... | 62 |
| 3.1.3.3 Leitor..... | 63 |
| 3.1.3.3.1 Imagens que as leitoras têm delas mesmas..... | 63 |

| | | |
|-----------|---|----|
| 3.1.3.3.2 | Imagens que as leitoras têm de um leitor..... | 66 |
|-----------|---|----|

4 OS POSSÍVEIS CAMINHOS DA LEITURA E DAS LEITORAS.....68

| | | |
|------------|--|-----------|
| 4.1 | Narrativas de vida: itinerários de leitura de seis mulheres-leitoras..... | 68 |
|------------|--|-----------|

| | | |
|------------|---|-----------|
| 4.2 | O saber e o (dis) sabor das bibliotecas..... | 85 |
|------------|---|-----------|

| | | |
|-------|-----------------------------|----|
| 4.2.1 | CAIXOTE OU PRATELEIRA?..... | 95 |
|-------|-----------------------------|----|

| | | |
|------------|---------------------------------------|-----------|
| 4.3 | Outros espaços da leitura..... | 99 |
|------------|---------------------------------------|-----------|

| | | |
|-------|------------------------|----|
| 4.3.1 | ADORO LER EM CASA..... | 99 |
|-------|------------------------|----|

| | | |
|-------|----------------------------|-----|
| 4.3.2 | LER EM QUALQUER LUGAR..... | 100 |
|-------|----------------------------|-----|

| | | |
|-------|--------------------------------------|-----|
| 4.3.3 | LER FRENTE À TELA AINDA NÃO DÁ!..... | 101 |
|-------|--------------------------------------|-----|

| | | |
|------------|----------------------------------|------------|
| 4.4 | Leituras amordaçadas..... | 102 |
|------------|----------------------------------|------------|

| | | |
|------------|---|------------|
| 4.5 | Entrelaçando histórias e leitoras..... | 109 |
|------------|---|------------|

5 DE TEIA EM TEIA, UMA HISTÓRIA A CONTAR.....114

| | |
|-------------------------|------------|
| REFERÊNCIAS..... | 120 |
|-------------------------|------------|

ANEXOS

ANEXO A – Questionário

ANEXO B – Identificação e Formação das alunas

ANEXO C – Integralização Curricular (Componentes curriculares cursados pelas alunas)

ANEXO D – Livros circulados pelas alunas da biblioteca do Campus IV desde 2006

ANEXO E – Livros mais vendidos na Livraria *Livro de Ouro Comercial de Livros LTDA.* de 01.01.03 a 15.09.07

ANEXO F - Livros e autores que fazem parte da biblioteca pessoal das alunas

ANEXO G – Material de apoio utilizado na entrevista coletiva

ANEXO H – Material de apoio utilizado na 2ª entrevista individual

ANEXO I – Material de apoio utilizado na 3ª entrevista individual

ANEXO J – Componentes Curriculares e Ementas de Literatura do Curso de Letras Vernáculas – Integralização Curricular

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o fluxo de informações sobre a realidade leva à necessidade da criação de novas linguagens: na televisão, no cinema, na publicidade, na informática, na literatura...E, por sua vez, esse contexto vai exigir a busca por uma nova representação da figura do leitor, o qual sofreu muitas mudanças no decorrer da história. Mudanças essas que foram acompanhadas pelas transformações históricas que influenciaram a própria concepção de leitura e de leitor.

Muitos são os conceitos de leitura e de leitor, uma vez que são diversos os gêneros do discurso, os modos de leitura e diferentes histórias de vida dos leitores. Segundo Eni Orlandi (2000), todo leitor tem suas histórias de leitura. Histórias essas que não devem ser silenciadas, mas sim contadas para que o sujeito possa compreender de que maneira está construindo sentidos para o que lê. As histórias que escutamos na infância, por exemplo, vão se transformando em pequenos acervos que contribuem para o exercício da crítica acerca do que vivenciamos. Segundo Gregório Filho, “Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos” (2002, p.136).

Mesmo com os estudos sobre as histórias de leitura de leitores comuns de épocas variadas a partir da perspectiva da história cultural - como, por exemplo, o caso do moleiro Menocchio e do comerciante Jean Ranson, ambos leitores do século XVI, pesquisados por Carlo Ginzburg e Robert Darnton, respectivamente - ainda são pouco estudadas as histórias de leitura de

mulheres. Conforme ressalta Jacques Le Goff (1996), o homem tem sido objeto de estudo há dois séculos de história, enquanto que apenas recentemente houve um reconhecimento e valorização da história da mulher.

Concomitante a esta constatação, muito me interessa, por ser professora do curso de Letras e também leitora, pesquisar a respeito das histórias de leitura das alunas do 8º semestre do curso de Letras Vernáculas (Campus IV - UNEB). Mulheres formadoras de outros leitores e leitoras que trazem em suas lembranças, trajetórias e vivências, permitindo o entrelaçamento entre passado, presente e futuro.

O termo “leitora”, no contexto deste estudo, refere-se ao público feminino que representa, sobretudo a partir do século XIX, um papel determinante no mercado de circulação de impressos: as leitoras que buscam na literatura um sentido para a vida; as que se constituem leitoras através de produções para mulheres; as que, a partir de uma leitura silenciada, tornam-se autoras de sua própria história; também, aquelas que usam a leitura para entreter-se; e ainda, as que participam, de maneira significativa, na formação de outros leitores e leitoras. Dessa forma, esta pesquisa focaliza algumas práticas femininas de leitura.

Por conta disso, muito me instigam as seguintes questões: “Como as alunas do 8º semestre do curso de Letras constituíram-se leitoras?” “Quais suas representações acerca da leitura, da literatura e da figura do leitor dentro e fora da universidade e como suas histórias de leitura poderão contribuir para o novo olhar que se pretende sobre leitura na escola?”

Com a finalidade de situar o trabalho ora desenvolvido sobre as práticas de leitura femininas até início do século XXI, relato alguns desses estudos.

A tese de doutorado de Ana Alcídia de Moraes (2000): *A história de leitura em narrativas de professores: uma alternativa de formação* versa a respeito das práticas de leitura de professoras de um programa de formação continuada na Ilha de Parintins.

Em *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*, Lílian de Lacerda (2003) entrecruza três campos de estudo: a história das práticas de leitura, a história da escrita autobiográfica e a história das mulheres, entre elas, Cora Coralina, Maria José Dupré e Zélia Gattai. Segundo Chartier, no prefácio desse livro, as leitoras presentes no *Álbum de leitura*

fizeram confissões ao papel em branco, tornando-se, dessa forma, autoras da narrativa da própria vida.

Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920), de Márcia Leite (2005), traz à tona a transformação, com muita luta, de mulheres leitoras do século XIX e início do XX em mulheres escritoras.

Hilda Lontra (2006), em *Histórias de leitores*, organiza histórias de leitores que tratam do processo de constituição da identidade leitora. Dentre as 13 (treze) histórias que, através da memória, recuperam pessoas, situações e fatos relevantes para formação dos leitores-autores ligados de variadas formas à Universidade de Brasília, 12 (doze) são de mulheres-leitoras.

Em *Histórias das mulheres no Brasil*, Mary Del Priore (2006) traz o cotidiano da mulher brasileira em vários aspectos: sexualidade, maternidade, feminilidade, acesso à leitura e à escrita, traçando, dessa forma, o cenário no qual a mulher vivia desde a época da Colônia até o século XX.

A historiadora Michelle Perrot (2007), por sua vez, em *Minha história das mulheres*, traz sua visão pessoal a respeito das mulheres, uma temática que estuda há mais de trinta anos. Apresenta a mulher como um sujeito que tem uma história e da qual participa de forma ativa. Dos cinco capítulos apresentados, o primeiro - *Escrever a história das mulheres* - aborda questões em relação às representações das mulheres nos discursos e nas imagens, bem como a mulher como fonte de arquivo e sua importância na construção de bibliotecas.

Grande parte dos estudos supracitados toma como elemento principal a leitora, entretanto, nenhum trata particularmente das práticas de leitura e trajetórias leitoras femininas de alunas do curso de Letras dentro e fora do âmbito universitário. Assim, esta investigação se justifica na medida em que os estudos já existentes não abordam, nem analisam particularmente o perfil dessas mulheres de classes sociais diferentes, idades distintas, mães, filhas, esposas, profissionais que já exercem o magistério e/ou outras que ainda pretendem exercê-lo e que se reúnem em um espaço de aprendizado (universidade) para refletir sobre as especificidades das práticas de ensino, entre elas a formação de sujeitos-leitores.

Leitor e leitura são conceitos que apresentam uma dependência recíproca. Dessa forma, ao buscarmos um novo conceito de leitor, estamos, também, reconstruindo o conceito de leitura. Durante muitos anos, a concepção de leitura esteve ligada às pesquisas de Husserl (1988), dentre outros teóricos, que estabeleceu ao leitor a função de apenas desvendar a única verdade do texto, ou seja, buscar incessantemente saber o que o autor quis dizer.

A partir de estudos realizados por Mikhail Bakhtin (1992, 1999), Hans R. Jauss (2002), Wolfgang Iser (1996), Umberto Eco (1994) e Roland Barthes (2004, 2006), por exemplo, o sujeito, em sua condição de leitor, passou a ser compreendido de outra forma. Decodificar, reproduzir e transmitir não é mais suficiente; e sim a compreensão do que se lê, buscando a interpretação do mundo ¹. O leitor já procura não ser apenas o coadjuvante da obra, mas busca o papel do protagonista, ou seja, procura ter uma atuação mais fecunda na efetivação da construção do sentido do texto.

Para esses teóricos, o leitor não apenas constrói os sentidos do texto, mas também é construído por eles. Ao “mergulhar” no texto, o sujeito-leitor aciona inúmeros outros textos que compõem seu repertório e possibilita uma inter-relação entre eles. Essa relação texto-leitura-leitor, de certa forma, vai ampliar o acervo do leitor e prepará-lo para interagir com outros textos, num processo de construção mais consistente, como bem assinala Orlandi:

O conjunto de leituras feitas configura, em parte, a compreensibilidade de cada leitor específico. [...] Leituras já feitas configuram – dirigem, isto é, podem alargar ou restringir – a compreensão de texto de um dado leitor, tanto a sedimentação de sentidos como a intertextualidade, como fatores constitutivos da sua produção (2000, p. 43).

Os anos de 1960 promovem, ao lado dessa nova visão no domínio dos estudos literários, a discussão sobre a crítica feminina: estudos acerca das minorias e dos marginalizados, entre eles, a mulher. Ler do lugar da mulher é ter em vista um “horizonte de expectativa”, de interesses, desejos, necessidades e experiências. O “horizonte de expectativa” de um texto está vinculado às expectativas que o leitor nutre em relação ao mesmo. Assim, como todo produtor de texto apresenta uma intenção, o leitor, também, não se aproxima do texto ingenuamente; sua aproximação é intencional e, portanto, prevê suprir uma expectativa. Além disso, o leitor investe certas expectativas nos textos que lê em virtude de estar condicionado por outras leituras já realizadas. ²

¹ Ver sobre leitura de mundo em FREIRE, Paulo, 2006.

² Ver em JAUSS, 2002.

De um lado o Movimento Feminista, do outro, a agitação intelectual proposta por Jauss (2002): a Estética da Recepção³ - que pressupõe um novo olhar sobre a figura do leitor. Ao atribuir autonomia ao leitor, que lê a obra por meio de diversas perspectivas, nega a soberania absoluta do texto. Ou seja, o foco deixa de ser exclusivamente no texto como estrutura auto-suficiente para privilegiar também o leitor, entendido como peça fundamental na construção de sentidos do texto. Assim, o texto é construído e reconstruído pelo leitor e vice-versa, havendo uma cooperação interpretativa, na qual o mesmo é inserido através dos seus gostos, seus valores, suas situações pessoais e culturais. Essa estratégia utilizada pelo autor, ao convidar o leitor para ser um co-partícipe da obra, é uma estratégia para revitalizar o sentido da mesma.

Partindo desse pressuposto, elevar o papel do leitor a uma função de protagonista na tarefa de interpretação do texto, apoiado na visão da Estética da Recepção, é dizer também que a leitura pode ser realizada a partir de uma perspectiva feminina, ou seja, do seu “horizonte de expectativas”. Assim, falar do lugar da mulher é falar da crítica feminista⁴, que pode ser pensada do lugar da Estética da Recepção.

Para efetivação desta pesquisa de campo, que investiga as histórias de leitura das alunas do 8º semestre do curso de Letras Vernáculas, no Campus IV (UNEB), semestre 2006.2, tomei como base a Sociologia da Leitura e a Abordagem (auto) biográfica.

Com o intuito de situar melhor o *locus* desta pesquisa é essencial expor os conceitos com os quais trabalhei. Ao tratar da **Leitura**, tomo o conceito de Bakhtin (1997), ao evidenciar a leitura como sendo um processo de constituição de sentido. Ou seja, o ato de ler representa um momento de vozes, e não um ato de simples decodificação, porquanto a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico, numa relação direta com a construção do sujeito. Todo discurso se forma na fronteira entre aquilo que é seu e aquilo que é do outro.

³ A Estética da Recepção é uma Escola de teoria literária identificada na era pós-estruturalista, a partir dos finais da década de 1960, em primeiro lugar na Alemanha e mais tarde nos Estados Unidos, tendo em comum a defesa da soberania do leitor na recepção crítica da obra de arte literária. Jauss pode ser considerado um dos precursores dessa Escola.

⁴ Existem duas vertentes que definem uma identidade feminina: a linha francesa, que busca reconhecer uma possível “subjetividade feminina”, focalizando aspectos que unam o estado autor/leitor à formação do plurissignificativo e à produção textual e a linha anglo-americana, que visa denunciar a manipulação das representações da imagem feminina nos estudos literários. Ver em QUEIROZ, Vera, 1997.

Ao discutir **História de Leitura**, tomo como referência os estudos de Roger Chartier (1990; 1994; 1995; 1999; 2001a; 2001b). Suas buscas concentram-se no esforço de reconstituir, nas suas distâncias e proximidades, as diferentes maneiras de praticar a leitura, cujos modelos e modos variam de acordo com os tempos, os lugares e as comunidades. Percebe-se que este esforço parte de uma percepção da leitura como uma prática cultural, o que lhe obriga a opor-se às classificações rígidas e simplistas que restringem a realidade da leitura a duas categorias: leitores e não leitores ou alfabetizados e analfabetos. Nos seus estudos, é possível identificar a pluralidade de práticas leitoras e essas categorias, por serem construções sociais e discutíveis.

Ainda por meio da História de Leitura, trabalho a **noção de representação**, utilizando os estudos do mesmo autor. Para Chartier (1990), a representação seria o modo como diferentes grupos sociais, em lugares e momentos distintos, constroem, pensam e lêem uma determinada realidade. A formação das identidades sociais resultaria da relação de força⁵ entre representações impostas por aqueles que detêm o poder e da submissão ou resistência que cada comunidade produz de si mesma. A representação de leitura mais comum conforme esse autor seria:

[Os grandes leitores] [...], não há dúvida, têm dificuldade em aceitar que existem outras leituras além da sua, ou ainda em conceber que entre sua leitura de doutos e as da maioria existem outras diferenças afora estas: ler muito ou pouco, rápido ou lentamente (2001b, p.19).

Dentro dos estudos (auto) biográficos, tomo como referência Christine Josso (2004), Maria Helena Abrahão (2004), entre outros. A pesquisa (auto) biográfica, segundo Abrahão, “é uma forma de história auto-referente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais” (2004, p. 202).

Ao utilizar a pesquisa (auto) biográfica, recorro à **Memória** como elemento-chave do trabalho. Memória é uma construção psíquica e intelectual. É uma representação do passado, que não pertence apenas a um indivíduo; mas a esse indivíduo, inserido num contexto familiar e social. Na perspectiva de Maurice Halbwach (2004), toda memória é coletiva. Apoiando-me nessa idéia, também defendida por Le Goff (1996), cuja memória é individual e coletiva, vinculando-se às relações vivenciais - sociais e culturais -, retomo esse elemento fundamental para a rememoração das histórias de leitura das alunas pesquisadas. Segundo esse autor, “A

⁵ Expressão utilizada por Orlandi ao abordar sobre os fatores que constituem as condições de produção. Segundo essa autora, o discurso depende do lugar do qual se fala. Ver em ORLANDI, 2002, p.39-42.

memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (1996, p. 476).

A proposta de estudo ora apresentada modela-se na pesquisa qualitativa por vários motivos, entre eles: refere-se a uma pesquisa de campo que prioriza um grupo de pessoas (mulheres-leitoras do curso de Letras) e utiliza como instrumento de coleta de dados a entrevista narrativa, na qual são selecionadas somente algumas alunas, seguindo determinados critérios⁶, que trouxeram à tona a compreensão das histórias de leitura das entrevistadas, condição essencial desse tipo de pesquisa. Como diz George Gaskel (2002), a pesquisa qualitativa não pode seguir os mesmos critérios da pesquisa quantitativa, como, por exemplo, contar opiniões ou pessoas. É preferível explorar as opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em questão.

A pesquisa de campo foi organizada em duas etapas. Na primeira etapa, fiz um mapeamento da trajetória individual de leitura de 17 (dezesete) alunas com o intuito de configurar o perfil mais geral dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Para tal, foi utilizado um questionário elaborado a partir de cinco temáticas: I - *Identificação*; II - *Formação*; III - *Leitura e memória*; IV - *Leitura, literatura e formação do leitor* e V - *Leitura, literatura, leitor e suas representações*.⁷ Na segunda etapa, fiz um recorte dos sujeitos que compunham o perfil geral: 06 (seis) alunas, levando em consideração as categorias: origem social, estado civil, idade, possuir (ou não) uma biblioteca pessoal e atuar (ou não) no âmbito escolar, na função de professor.⁸

Utilizei algumas orientações fornecidas por Luiz Antonio Marcuschi para transcrever as narrativas realizadas na 2ª etapa. Segundo esse autor:

Não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados (1997, p. 9).

⁶ Mais adiante esses critérios serão esclarecidos.

⁷ Esse questionário foi inspirado na pesquisa de Verbena Cordeiro. Ver em CORDEIRO, 2006.

⁸ Os nomes das alunas que participaram da 1ª e da 2ª etapa não serão revelados. Usei nomes fictícios, porém os dados de identificação e formação delas são apresentados como foram respondidos no questionário, para que se possa ter conhecimento do lugar de onde estão falando. Ver em ANEXO B - Identificação e Formação das alunas.

Dessa forma, ao selecionar as falas para análise, busquei garantir o estilo e o conteúdo das entrevistas, sem os excessivos vícios de linguagem, mas garantindo a sua produção real.

Este trabalho organiza-se em três capítulos, nos quais as informações das entrevistadas são constantemente cruzadas e analisadas.

Com o objetivo de situar as mulheres leitoras que compõem a pesquisa, o primeiro capítulo contextualiza historicamente o público leitor feminino a partir do século XIX, em especial as mulheres-leitoras do curso de Letras, no século XXI, bem como apresenta a metodologia aplicada na pesquisa de campo.

No segundo capítulo, faço uma apresentação do perfil geral das alunas que compõem a pesquisa: o primeiro contato com a leitura, como conseguiam ter acesso aos livros, o que liam por prazer e/ou por obrigação, se possuíam uma biblioteca pessoal, se freqüentavam bibliotecas e quais suas representações sobre leitura, literatura e leitor.

No terceiro capítulo, focalizo as histórias de leitura de 06 (seis) alunas, destacando a atuação de comunidades leitoras para o acesso à leitura e o lugar do livro nas diversas fases da vida delas, assim como a presença da instância mediadora de leitura (biblioteca) em suas práticas leitoras. Ao retomar concepções de biblioteca, investigo onde e como guardam os textos impressos e com qual freqüência os procuram. Em seguida, tento compreender e analisar o uso de outros espaços de leitura (a casa, a escola, a universidade, as livrarias, os sebos, as feiras de livros, entre outros); as leituras que foram e são censuradas e aquelas que contribuíram de forma significativa para identidade leitora de cada uma delas; assim como a influência de suas histórias de leitura na formação de outros leitores e leitoras.

De teia em teia, uma história para contar aponta as considerações finais apresentadas não como conclusões, mas como indagações, inquietações e possibilidades, o que me levou a (re) conhecer que qualquer ser humano, independente de sua classe social, idade, sexo, crenças e valores têm uma história de leitura. Nesse ínterim, pude reconhecer-me como mais uma leitora e não como “a leitora”, pois ao longo deste estudo fui percebendo que folhear um livro ou catálogo, ouvir uma história ou escutar alguém falar sobre um livro ou autor permite-lhe formar uma idéia e até mesmo formular uma opinião sobre eles. O que implica dizer que isso é leitura. Como também passei a repensar sobre aquelas pessoas que dizem e/ou lêem vários

livros: há como classificá-las como “boas” leitoras? Aliás, existe bom ou mau leitor? Livros bons ou ruins?

Pesquisar sobre leitura, através das histórias de leitura contadas pelas alunas do curso de Letras no 8º semestre, foi ter a possibilidade de me defrontar com a complexidade do ato de ler. E sendo o estágio supervisionado um momento de reflexão sobre a (re) construção da identidade, traçar e analisar essas histórias, do mesmo modo, implicou universalizar as experiências vividas, de forma que as leitoras em estudo puderam se desvelar e se revelar para o mundo, refletindo como se tornaram sujeitos-leitores e sua real contribuição para formação de outros leitores e leitoras.

Talvez com uma ou outra exceção, as pessoas que demonstrarem predisposição para ler esta pesquisa integrarão a comunidade das pessoas que gostam de ler. Por isso, acredito que cada uma delas encontrará aqui pedaços de sua história de leitor ou leitora: o encontro com as primeiras letras; as primeiras histórias ouvidas e lidas; a leitura compulsiva (outdoors, rótulos de alimentos, papel caído no chão ou encontrado em livros emprestados); o desejo de ser *A Bela Adormecida* ou a *Capitu*, de Machado de Assis; a ansiedade de descobrir o final da história ou o medo de ser encontrado lendo um livro pornográfico ou proibido.

Suponho, também, que as leituras desta pesquisa não serão as mesmas. As intenções e expectativas de leitura são distintas, visto que cada leitor traz o seu conhecimento de mundo e seus interesses. Como autora e leitora deste trabalho, a minha leitura é apenas uma das possíveis, visto que está comprometida com outras leituras que coincidirão (ou não) com as demais. Possivelmente, a leitura de outrem apresentará um olhar de concordância ou discordância em relação às minhas idéias, pois a relação que será estabelecida por esses leitores com o texto que ora apresento, dependerá de fatores como seus objetivos, seu repertório de leitura e suas referências culturais.

2 MULHER AO PÉ DA LETRA: LER NA PERSPECTIVA FEMININA

2.1 A leitora em cena

Durante séculos, as práticas culturais, sociais e discursivas eram construídas exclusivamente a partir de uma visão masculina. Aos poucos, os espaços da mulher foram se estendendo em diferentes campos do conhecimento.

Na Europa, em fins do século XVIII e início do século XIX, a educação feminina, mesmo em escala menor, já era uma prática estimulada. Assim, por conta do acesso ao conhecimento, surge um novo público leitor: a mulher.

Nessa época, dentre os gêneros destinados ao novo mercado editorial, o romance foi o de maior destaque. Até então, a Bíblia representava o livro de cabeceira da leitora, pois seu papel era restrito ao de guardiã da moral e dos bons costumes. Segundo Martyn Lyons: “O papel da leitora era tradicionalmente o de guardiã dos bons costumes, da tradição e do ritual familiar” (1999, p 168).

Mesmo não sendo as únicas leitoras de romances, eram consideradas o alvo principal desse gênero, confirmando os preconceitos sobre a inteligência feminina, uma vez que os romances eram interpretados como leituras que só incitavam a imaginação, a emoção e a frivolidade. Isso representava um perigo para os maridos do século XIX, pois acreditavam que o romance poderia induzir a imaginação feminina às paixões proibidas. Concorriam dois pensamentos

nessa época: “[...] se não convém a pais e maridos que as mulheres leiam muito ou leiam errado, editores e vendedores festejam os lucros advindos do novo comércio” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996, p.238).

Além disso, a leitora se deparava com a imagem que a sociedade fazia da mulher: a boa dona-de-casa. Surge em torno da educação feminina a discussão sobre o tipo de leitura a ser destinado ao novo público e o perigo do vício de ler, o qual desviaria a mulher de suas atividades domésticas. Os afazeres domésticos, por sua vez, teriam que vir em primeiro lugar, tornando difícil o acesso à leitura. Isso fazia com que muitas mulheres da classe operária tivessem medo de castigos, caso fossem vistas lendo um livro ao invés de estarem cozinhando, lavando e bordando.

Lyons (1999) aponta Margaret Penn como uma jovem que lutou por sua autonomia como leitora. Mesmo os pais desaprovando suas leituras, exceto textos bíblicos, a jovem Margaret tomava emprestado a muito custo pequenos romances da biblioteca de sua cidade. As mulheres das classes mais abastadas, por sua vez, não tinham tantas dificuldades para comprar livros ou serem clientes de bibliotecas.

Mas graças a esse gênero, romance, mesmo sendo visto como de valor estético inferior, a leitora pôde entrar em cena. Nessa época, os romances em fascículos eram um atrativo, pois proporcionavam a expectativa do próximo capítulo, como acontece hoje com as telenovelas; além do que não cansavam muito o leitor. Eles eram tão apreciados pelo público feminino que muitas leitoras recortavam os episódios à medida que iam sendo publicados. As mulheres que não tinham condições de comprar um livro improvisavam sua biblioteca com os recortes de textos.

Havia uma preocupação de escritores e editores com esse novo público, o que é visível nas obras que circulavam na época, tais como *A dama das camélias* (1852), de Alexandre Dumas, *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, *Lucíola* (1862), de José de Alencar, *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz, *A normalista* (1893), de Adolfo Caminha, entre outros.

O pensamento desses autores estava à frente de seu tempo, visto que era testemunho de viajantes e cronistas europeus e brasileiros de que a mulher era demasiadamente ignorante, frívola, servindo apenas para cuidar dos afazeres domésticos. Segundo Márcia Abreu:

Considerando os efeitos maléficos advindos do contato com romances, chegou-se a propor, na França, a aprovação de leis proibindo a criação e edição de romances nacionais e a circulação de importados. Os europeus não foram os únicos a se preocupar. Um autor mexicano, Manuel Payno, considerava que o contato de mulheres e romances deveria ser controlado. Acreditava que um homem culto poderia ler todo tipo de obra, já as mulheres... (2006b, p. 2).

Chartier (1994) evidencia que o livro sempre objetiva instalar uma ordem, quer seja no âmbito da interpretação, ou até mesmo da organização de uma biblioteca. Mas apesar disso, ele enfatiza que o mesmo não tem a soberania de instaurar uma ordem no leitor, pois este é autônomo para se imiscuir no texto e pôr a sua marca, transformando-o e se transformando.

Se o texto é polissêmico por natureza, como afirma Bakhtin (1992), e a leitura uma operação de busca de indícios, na compreensão de Iser (1996), acredita-se que a palavra guarda diferentes significados, tornando possível ao leitor construir trilhas próprias. Novas formas de ler suscitam dessa prática novos olhares. E o leitor e a leitora vão partir dos pontos de indeterminação, preenchendo os silêncios e os vazios inerentes ao texto literário, o que lhes possibilita construir uma pluralidade de sentidos. Assim, o ato da leitura constitui-se num todo dialógico e plurissignificativo.

A leitora do século XIX ganhou mais espaço para suas pretensões literárias. Ser leitora nesse século representava um marco para a vida feminina. Os pintores representavam-na lendo sozinha ou em companhia, apenas em um espaço permitido a elas: a casa (no quarto, na sala, na varanda). Já no século XXI, ler passou a fazer parte do cotidiano da mulher. Ela continua lendo solitariamente ou em companhia, mas outros lugares são utilizados por elas: ônibus, avião, praças, academias de ginástica, salas de espera de consultórios, filas de banco, entre outros.

Mas o fato é que a voz da mulher do século XIX foi calada. Só no início do século XX, algumas conquistas femininas foram alcançadas, como por exemplo, freqüentar escolas, porém, não as universidades. A única possibilidade de trabalho ainda era no magistério, o único meio de contato com o mundo exterior ainda era reservado para aquelas que possuíam poucos recursos.

A partir da década de 1980 houve uma necessidade por parte de muitos pesquisadores de desvendar o universo literário feminino. Entre tantos, ressalto Samuel Albuquerque, que,

interessado em publicar um escrito autobiográfico legitimado na ampliação do conceito de documento histórico, proposto pela Escola de Annales, publica *Memórias de Dona Sinhá*, em 2005.

No Campus IV, lócus desta pesquisa, foram catalogados 15 (quinze) trabalhos acadêmicos, entre monografias, dissertações e teses, que apresentam como temáticas principais: a história de leitura e a questão de gênero. Dos 15 (quinze), apenas o de Ana Lúcia Gomes (2005) apresenta um estudo sobre histórias de leitura na 3ª idade: memórias individuais e coletivas, cuja problemática diz respeito à investigação da formação leitora desses sujeitos; enquanto que o restante dos trabalhos prioriza a mulher em diferentes vieses, na ficção e/ou na realidade.

Embora tais trabalhos retratem histórias de leitoras e de leituras, bem como discursos femininos, as histórias das mulheres-leitoras do curso de Letras do Departamento de Ciências Humanas – DCH – Campus IV – UNEB, até então nunca haviam sido foco de estudo.⁹

Mulheres que, mesmo com objetivos de vida diferentes, seja no âmbito educacional, seja em sua vida pessoal, são influenciadas pelas histórias de pessoas distintas e, com suas histórias de leitura, influenciam outros leitores e outras leitoras:

Quando você vê alguém que cozinha bem, você se interessa em se aproximar daquela pessoa. Quem sabe você não aprende uma receita? Aqui [em casa] eu vejo na prática que as minhas filhas gostam de ter contato com os livros. Isso é uma influência. Elas sempre me viram lendo (Thaise).

Muitos alunos não gostavam de ler e passaram a gostar depois que eles me ouviram lendo, que eu fiquei incentivando eles a ler (Paloma).

Elas cursam o 8º semestre do curso Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, semestre 2006.2, turno noturno. A habilitação em Licenciatura em Letras forma profissional professor de Língua Portuguesa e das Literaturas em Língua Portuguesa. A duração do curso oscila entre 4 (quatro) a 7 (sete) anos.¹⁰

⁹ O Departamento de Ciências Humanas – DCH – Campus IV – UNEB – está situado no município de Jacobina, que fica a 330 quilômetros de Salvador-BA. Sua população é estimada em aproximadamente 80 000 habitantes.

¹⁰ Ver em ANEXO C - Integralização Curricular (Componentes curriculares cursados pelas alunas). Posteriormente, houve uma mudança nesse currículo: *Proposta de Adaptação Curricular para Ingressos em 2002 e 2003 – Início em 2004.2*; contudo, tanto um quanto o outro dá ênfase maior aos componentes curriculares Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa, o que influencia bastante o repertório de leitura das alunas.

Ingressaram em 2003, sendo matriculado um total de 44 (quarenta e quatro) alunos: 19 (dezenove), por concurso vestibular (2003.1); 13 (treze), por concurso vestibular cota (2003.1); 05 (cinco), por portador de diploma nível superior (2003.1); 02 (dois) por transferência interna (2003.1); 04 (quatro) por transferência interna (2003.2) e 01(um) por portador de diploma nível superior (2003.2). Em 2006.2, foram matriculados 29 (vinte e nove) alunos: 05 (cinco) homens e 24 (vinte e quatro) mulheres. Das 24 (vinte e quatro) mulheres, participaram da primeira etapa da pesquisa, respondendo o questionário, 17 (dezessete), e da segunda etapa, entrevista narrativa, 06(seis).¹¹

São mulheres de classes sociais distintas: “Eu comecei a minha infância em uma escola particular. Quando me mudei para Jacobina fui para uma escola pública e, logo em seguida, só para terminar o ano, fui para a particular. Saí por dificuldade financeira, mesmo” (Thaise); “Eu comecei estudando num convento, porque lá tinha iniciação de música, e eu já tocava piano” (Daniele); “No Brasil, livros são caros, portanto o que me impede de ter uma biblioteca pessoal é o baixo poder aquisitivo” (Susana); “[Não possuo uma biblioteca pessoal] porque trabalho numa biblioteca universitária e conto com empréstimos de livros de amigos” (Gilvânia); “Eu estudei [em escola pública] por falta de condições” (Carla). Diferentes idades: Marta - 23 anos, Andressa - 26 anos, Gilvânia - 38 anos, Daniele - 51 anos; nascidas em lugares diversificados: Jacobina - BA, Miguel Calmon - BA, Feira de Santana - BA, Santo André - SP, Piracicaba - SP; algumas solteiras, outras, casadas e divorciadas: “Moro sozinha desde a morte dos meus pais” (Paloma); “Atualmente estou morando só com meu esposo, em Miguel Calmon” (Joana)¹²; “Moro com minha vó, com minha irmã e minha prima” (Cristina); “Só [mora aqui] eu e meu esposo” (Carla). Algumas trabalham na área educacional: “Adoro contar histórias para meus alunos, crianças de 1ª a 4ª série” (Joana); outras trabalham em áreas distintas e demonstram interesse em investir em profissões opostas à área de Letras: “Trabalho na previdência social. Estou já para me aposentar, então vou

¹¹ Para ingressar na UNEB, os interessados, que concluíram o ensino médio, são submetidos ao concurso vestibular que ocorre anualmente. Em 2003, foi adotado o sistema de cotas para estudantes afro-descendentes que tivessem cursado o ensino médio numa escola pública. Constam no Sistema Sagres as seguintes formas de ingresso: a) Vestibular não-cota; b) vestibular opção pela cota; c) Matrícula Especial (conforme calendário acadêmico): 1- Portador de Diploma de Nível Superior 2-Transferência interna (remanejamento de alunos do mesmo Departamento ou de outros Departamentos da UNEB); 3- Transferência externa (remanejamento de alunos de outras instituições públicas ou privadas para a UNEB e 4 - Transferência Ex-ofício (remanejamento de funcionários no âmbito federal ou estadual); d) Aluno Especial (matrícula como aluno ouvinte); e) Rematrícula (alunos que abandonaram o curso por até dois semestres ou alunos que trancaram o semestre); f) Aluno Estrangeiro e g) Matrícula por Cortesia. Essas últimas opções são disponibilizadas pelo Sistema Sagres, no entanto, nunca foram utilizadas pelo Campus IV. Fontes: Secretaria Acadêmica do Departamento de Ciências Humanas – Campus IV – Jacobina, acesso em 07/11/2007, e Manual do Candidato – Processo Seletivo 2008.

¹² Joana tem três filhos, mas estes moram em outras cidades.

seguir a carreira que eu sempre gostei: a área ambiental” (Daniele); e, ainda, aquelas que nunca se imaginavam gostando do curso de Letras ou sendo professoras, mas que acabaram por um motivo ou por outro, mudando de idéia: “Eu queria fazer jornalismo, mas meu interesse pela literatura foi despertado desde o 1º ano [do curso de Letras] por causa de algumas professoras de Língua Portuguesa” (Cristina); “Antes eu não queria de jeito nenhum [...] ser professora, mas acabei sendo conquistada pelos alunos, pelo ambiente do colégio, por uma série de coisas” (Thaise).

O que me levou a escolher apenas mulheres para participarem da pesquisa diz respeito ao maior número de indivíduos desse gênero matriculados nesse curso. A área de Letras é totalmente ocupada por mulheres, desde o início do curso, conforme demonstram os dados da tabela seguinte:

ALUNOS MATRICULADOS NO CURSO DE LETRAS DO CAMPUS IV – UNEB

| UNEB | 1981 | | 1991 | | 2001 | | TOTAL | |
|------------------------------|------|----|------|----|------|----|-------|----|
| | H | M | H | M | H | M | H | M |
| LETRAS VERNÁCULAS | 11 | 29 | 04 | 35 | 10 | 34 | 25 | 98 |
| TOTAL | 40 | | 39 | | 44 | | 123 | |

Fonte: Secretaria Acadêmica do Departamento de Ciências Humanas – DCH
 QUADRO 1 – Curso de Letras Vernáculas com predominância de mulheres.

Esses dados apontam a incidência maior do sexo feminino no curso de Letras Vernáculas no Campus IV. Em 2007, ingressaram 30 (trinta) alunos: 05 (cinco) homens e 25 (vinte e cinco) mulheres. Vários fatores podem ser assinalados para justificar essa realidade: a clientela pesquisada, por exemplo, é oriunda de classe baixa ou média - baixa e os cursos que a maior parte delas estudou de ensino fundamental e médio foram em escolas públicas, o que me leva a acreditar que procuram uma profissão que faz jus à sua origem e ao seu projeto de vida. Outro fator que explica esses dados diz respeito aos cursos oferecidos pelo Campus IV, os quais são predominantes na área de Ciências Humanas. Informações que coincidem com a pesquisa realizada por Elizete Passos (1997) na Universidade Federal da Bahia – UFBA nos cursos de Graduação. Ela expõe que cursos como História, Museologia, Pedagogia, Psicologia, Secretariado e Letras são predominantemente femininos.

Apesar de Passos (1997) apontar que o contingente feminino tem aumentado nos cursos da área I (Ciências Biológicas e Saúde), por exemplo, há de se questionar se está desaparecendo

o preconceito em relação à intelectualidade da mulher ou se essas carreiras estão deixando de ser atrativas para o sexo masculino. Situação que pode ser comparada com o Brasil do século XVI, onde a instituição escolar é primeiramente masculina, com a colonização dos jesuítas, e só na segunda metade do século XIX há permissão para a entrada das mulheres em salas de aula como docentes, o que ocorreu simultaneamente ao desinteresse dos homens pela docência.

Dentro do universo proposto para esta pesquisa, intento, no subcapítulo que se segue, explorar mais a respeito da leitora do Campus IV – UNEB.

2.2 Por uma geografia da leitora

2.2.1 SER LEITORA EM JACOBINA – CAMPUS IV - UNEB

Constata-se ausência de espaços públicos de acesso ao saber, como escolas, em Jacobina, até 1935. A partir dessa data, foi inaugurado o primeiro Grupo Escolar – Escolas Reunidas Luiz Anselmo da Fonseca (LEMOS, Doracy, 1995).

No que diz respeito ao ensino superior, até 1980, os estudantes interessados em ingressar em uma universidade deslocavam-se para as capitais ou algumas cidades do interior da Bahia, que ofereciam cursos de graduação. Estes teriam de ser oriundos de famílias abastadas, visto que o custo para manter-se fora da cidade, e, às vezes, pagando um curso particular, era alto.

Essa realidade só começou a ser modificada quando foi realizado o primeiro vestibular em Jacobina no ano de 1981. Foram oferecidas 40 (quarenta) vagas para o curso Licenciatura Curtas em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Antes de receber o nome de Departamento de Ciências Humanas, o Campus IV era conhecido como Faculdade de Formação de Professores de Jacobina – F.F.P.J.¹³

¹³ Em 1995, houve a conversão do curso de Licenciatura Curta para Licenciatura Plena em Letras, com as habilitações em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas. O curso de Letras foi reconhecido pela Portaria nº 975/85, em 10/12/85, mas só obteve reconhecimento acadêmico para expedição de registro de diplomas em 9 de maio de 1995. Ver mais informações em LEMOS, 1995.

A Universidade do Estado da Bahia é uma instituição pública, mantida pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Educação. Completa este ano 25 (vinte e cinco) anos de serviços prestados à comunidade baiana. Possui 29 (vinte e nove) Departamentos sediados na capital e em 24 (vinte e quatro) centros regionais de médio e grande porte. Dos 29 (vinte e nove) Departamentos, o Campus IV representa o Departamento de Ciências Humanas – DCH, abrangendo uma área de 23 municípios: Antonio Gonçalves, Caém, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Capim Grosso, Irecê, Mairi, Miguel Calmon, Mirangaba, Morro do Chapéu, Mundo Novo, Ourolândia, Pindobaçu, Piritiba, Quixabeira, São José do Jacuípe, Saúde, Serrolândia, Tapiramutá, Umburanas, Várzea da Roça, Várzea do Poço e Várzea Nova.¹⁴

O Campus IV contempla não só aspectos relacionados ao ensino, mas também à pesquisa e à extensão. O Núcleo de Pesquisa e Extensão – NUPE, por exemplo, incentiva e coordena atividades de Pesquisa e Extensão no âmbito do Departamento. Além do NUPE, o Departamento possui o Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade – NEEC e o Núcleo de Estudos Orais, Memória e Iconografia – NEO, criado em 2001.

Desde 2003, ano de ingresso da maioria das alunas que participaram da pesquisa, até janeiro de 2008, não foi constatada publicação de jornais pelos estudantes de Letras, contudo, os mesmos têm acesso a diversos jornais em Jacobina: *A Letra* (circulação bimensal)¹⁵, *A Semana* (circulação semanal, Ano I), *Jornal Expressão* (circulação mensal desde 20 de novembro de 1999), *Primeira Página* (circulação semanal, sendo publicado sempre às sextas-feiras desde 17/12/92) e *Tribuna Regional* (circulação semanal, sendo publicado há 3 (três) anos). Até o ano de 2007, circulava semanalmente o Jornal *O Encarte*. Em todos os jornais citados, há textos publicados tanto por homens, quanto por mulheres, mas *A Letra*, por exemplo, é o que mais publica textos de mulheres, visto que a Academia Jacobinense de Letras possui 12 (membros): 08(oito) mulheres e 04 (quatro) homens.

Além da circulação de jornais, há circulação de revistas de tipos diversos. No Campus IV, já circularam e ainda circulam muitas revistas de cunho acadêmico, contendo artigos de docentes do próprio Campus e de outras universidades. Fora do meio acadêmico, destacam-se

¹⁴ Os cursos oferecidos atualmente são: Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas e Habilitação em Língua Inglesa e Literaturas; Licenciatura em Geografia, em História e em Educação Física, e Bacharelado em Direito.

¹⁵ Esse jornal é publicado pela Academia Jacobinense de Letras – AJL.

como revistas destinadas ao público feminino: *Estilo de Vida*, *Cláudia*, *Capricho*, *Manequim*, *Boa Forma*, *Nova*, *Casa Cláudia* e *Caras*. Geralmente abordam temáticas em torno da moda, beleza, decoração, culinária, entretenimento, tomando como inspiração o estilo de vida das celebridades.

Contudo, das revistas acima aludidas, apenas uma entrou na lista de uma das alunas pesquisadas: *Casa Cláudia*. As revistas que fazem parte do repertório de grande parte delas são: *Exame*, *Veja*, *Época* e *Caros Amigos*. Por sua vez, as que já fazem parte do seu cotidiano são: *Bravo*, *Mundo Jovem*, *Revista da SBPC*, *Nova Escola*, *Planeta*, *Revista do Professor* e *Superinteressante*. Daniele, ao ser questionada sobre quais livros/revistas gostaria de ter em sua biblioteca pessoal, respondeu: “Nenhum. Tenho quase todos os livros que gosto. Revista por assinatura que já tenho em casa: *Cult*, *Bravo*, *Planeta*, *Seleções*, *Nova Escola*, *Revista do Professor*, *Revista da SBPC*, etc...”

As revistas citadas pelas alunas fazem parte de um repertório de leitura informativo, tal como a *Exame*, que seleciona e organiza as informações para quem quer se atualizar e acompanhar o mercado de trabalho; a *Veja*, que abrange ciência, artes, cultura, política, economia, esportes, entre outros e a *Seleções do Reader's Digest*, que apresenta matérias selecionadas em diversas publicações mundiais e editadas por equipe local, como saúde, meio ambiente e conhecimento. O repertório de leitura dessas alunas abrange, igualmente, as artes plásticas, o cinema, a música, os livros, o teatro e a dança, uma vez que *Bravo* é uma revista que prioriza a arte, a cultura e o entretenimento.

Através de revistas como *Nova Escola* e *Revista do Professor*, cujos objetivos são servir de material de apoio e atualização para professores, é possível traçar mais uma característica da leitora do Campus IV: preocupada com a área educacional e/ou com sua prática pedagógica. Paloma, uma das alunas que participou da segunda etapa desta pesquisa, possui desde o primeiro número da edição de *Nova Escola*: “Coleciono *Nova Escola* desde a primeira edição. Essa revista serve bastante para eu melhorar as minhas aulas. Dá dicas de ensino para tornar o aprendizado mais dinâmico e produtivo”.

Esses dados confirmam o que a proprietária da maior banca de revistas da cidade *Distribuidora de Revistas* afirma: “As revistas que mais vendem aqui são a *Superinteressante*,

a *Veja* e as de cunho educacional. Quem mais compra é professores e alunos universitários.”

¹⁶ Vale ressaltar que há 04 (quatro) revistarias na cidade.

Em relação à circulação de livros pelas alunas, o meio mais utilizado por elas é o empréstimo às bibliotecas públicas. A cidade de Jacobina dispõe de uma biblioteca municipal, a Biblioteca Afonso Costa, e a biblioteca do Campus IV. Existem bibliotecas particulares e estaduais em algumas escolas privadas e públicas, mas grande parte dessas bibliotecas fica restrita ao corpo docente e discente dessas escolas.

As alunas que participaram da primeira etapa da pesquisa citaram a biblioteca do Campus IV como a mais freqüentada por elas para a prática da leitura, de pesquisas e empréstimos de livros. Em segundo lugar, a Biblioteca Municipal Afonso Costa, que faz parte do Centro Cultural de Jacobina Prof. Edmundo Isidoro dos Santos, e, em terceiro lugar, a Biblioteca Pública Wilmar José de Castro, localizada no município de Miguel Calmon.

A biblioteca do Campus IV fica no pavimento térreo. O acervo é bastante diversificado, atendendo razoavelmente bem à área de Letras. Quando os alunos não encontram os livros que desejam, consultam, pelo sistema oportunizado pela própria UNEB, o banco de dados, para saber se os livros estão disponíveis em outros Campi. Caso encontrem o livro procurado, anotam o nome do Campus, a numeração do livro e pedem aos bibliotecários que façam o pedido. O livro leva mais ou menos quinze dias para chegar. Infelizmente, apenas os alunos matriculados no Campus e os docentes da UNEB podem levar livros para casa. A comunidade local fica restrita à realização de consultas. Nem mesmo os ex-alunos da própria instituição podem fazer empréstimos, dificultando bastante o incentivo à leitura na cidade, já que livros disponíveis para o público, de maneira geral, só na Biblioteca Afonso Costa.

A Biblioteca Afonso Costa fica situada no centro da cidade e possui um público-alvo bastante eclético: de alunos do ensino fundamental até alunos e professores universitários. Qualquer pessoa da comunidade local pode ler, fazer pesquisas e realizar empréstimos nessa biblioteca. Normalmente, o público mais assíduo é composto por crianças e adolescentes, em sua grande

¹⁶ Essa banca de revistas foi a pioneira na cidade, surgindo em 1974. A partir da década de 1990, por conta do uso excessivo da xérox pela comunidade local, os proprietários Sra. Maria Amélia Cunha Lopes e seu esposo o Sr. Rigoberto Lopes (*in memoriam*) deixaram de vender livros, dando continuidade, somente, ao comércio de revistas.

maioria alunos do ensino médio. O acervo é composto de 14 mil livros de assuntos variados e apresenta o melhor acervo em Braille da memória do município.

Os livros mais consultados para pesquisa são os didáticos e os dos escritores locais; os tomados para empréstimo, ou seja, para serem lidos em casa, são os romances brasileiros e estrangeiros, principalmente os de Jorge Amado, Clarice Lispector, Paulo Coelho e Sidney Sheldon. O Centro Cultural, onde fica instalada a biblioteca, também dispõe do Infocentro, laboratório de informática com fins de inclusão digital e social. Os frequentadores da biblioteca têm acesso diário à internet para realizar pesquisas e impressão de trabalhos.¹⁷

As quatro alunas que residem em Miguel Calmon - BA citaram a Biblioteca Pública Wilmar José de Castro como aquela que mais frequentam, apesar desse município oferecer um bom acervo cultural em outras bibliotecas públicas da cidade. Segundo elas, o motivo seria porque a Biblioteca Wilmar José de Castro oferece um acervo mais abundante de materiais, ou seja, não só livros, mas revistas, jornais, fitas VHS, CD's e DVD's.

Na segunda etapa, ao serem questionadas a respeito do uso das bibliotecas, apontaram a biblioteca como instância de mediação que mais usam; porém, não para ler, apenas para pesquisar e fazer empréstimos:

Geralmente uso a biblioteca da faculdade porque encontro os livros solicitados pelos professores (Daniele).

Não consigo ler na biblioteca, só consigo pegar os livros que preciso e pronto. Ler romance, então, nem pensar! Só mesmo na minha cama (Carla).

Ler na biblioteca é impossível: é desconfortável, a gente se distrai com qualquer conversa. Só entro mesmo [na biblioteca] para pegar livros (Cristina).

Frequento bastante a biblioteca daqui [Campus IV] porque seu acervo é muito rico e geralmente encontro o que procuro [...], mas ler aqui não consigo mesmo; só em casa (Paloma).

[...] Depois, conheci o Centro Cultural daqui [refere-se à biblioteca], mas, também não uso muito, e quando frequento é para fazer trabalhos, não para ler (Thaise).

¹⁷ Fonte: Wellington de Melo e Silva (coordenador de Cultura), Maria de Fátima Teixeira (secretária da Biblioteca) e Márcia Durões Ferreira (funcionária). Entrevistas realizadas nos meses de outubro de 2007 e fevereiro de 2008.

Frequênto bibliotecas, mas eu pego o livro lá e trago para casa. É tanto que na UNEB não leio na biblioteca, porque eu gosto de ler aqui no meu cantinho em casa (Joana).

As falas das alunas indicam uma tendência ao uso da biblioteca apenas para pesquisar e realizar empréstimos. A leitura parece ocorrer num lugar mais confortável e tranqüilo. A depender do tipo de livro, os espaços utilizados são variados. A casa foi o lugar apontado como o mais apropriado para se ler. Ou seja, todas as seis entrevistadas, por exemplo, disseram que só conseguem ler romances na cama ou no sofá de sua casa, pois ficam mais à vontade e concentradas.

Na infância, 4 (quatro) afirmam ter uma biblioteca familiar; na adolescência, 3 (três), e, nos dias atuais, apenas 2 (duas). No terceiro capítulo, trago a representação de biblioteca, biblioteca pessoal e imaginária elaborada por elas. Seus depoimentos esclarecem porque poucas dizem possuir uma biblioteca pessoal.

O meio mais utilizado por elas na infância, adolescência e na fase adulta para ter acesso ao livro foi o empréstimo. As bibliotecas públicas aparecem em primeiro lugar como instância de mediação de leitura, principalmente, na adolescência e nos dias de hoje. Os amigos, os familiares e os professores aparecem logo em seguida como aqueles que possibilitam a troca de livros.

O sistema de troca de livros já existe há muitos séculos, e, hoje, ainda continua sendo um dos meios mais utilizados por aqueles que querem ler, mas não têm poder aquisitivo para comprar o livro. Um caso exemplar a citar é o do moleiro Menocchio, no século XVI, que conseguia livros através de empréstimos:

Vejam os antes de mais nada de que modo esses livros [aqueles mencionados pelo moleiro durante os interrogatórios do processo] chegaram às mãos de Menocchio. O único que sabemos com certeza ter sido comprado é o *Fioretto della Bibbia*, “o qual”, disse Menocchio, “comprei em Veneza por dois soldos”. [...] Os outros todos – e eram seis entre onze, mais da metade – foram emprestados (GINZBURG, 2006, p.68).

A maior parte das obras lidas por Menocchio não estavam de acordo com suas condições de moleiro. Tratava-se de livros impressos refinados. Dessa forma, custavam caro para as condições dos moradores de Montereale. Assim, os dados recolhidos por Ginzburg indicam que os leitores daquela época superavam os obstáculos financeiros, passando os livros de mão em mão, perpetuando, assim, o conhecimento e a difusão das obras.

Enquanto nenhuma das entrevistadas aponta na infância e na adolescência para o uso da fotocópia como acesso ao livro, ao começarem a cursar a universidade, além do uso do empréstimo, começaram a utilizar bastante a fotocópia, mesmo a contragosto, conforme relatam. Desde o final do século XX, é o meio mais usado para o acesso à leitura. Acredito que a solicitação da leitura de capítulos e/ou livros nas universidades pelos professores e o custo alto do livro no nosso país contribuem bastante para o excessivo uso da fotocópia nos dias hodiernos.¹⁸

Apesar de reconhecerem o papel importante da existência da única livraria na cidade, a *Livro de Ouro Comercial de Livros LTDA.*, do investimento propiciado por essa instância de mediação de leitura a cada ano, como por exemplo, ampliação de seu espaço, diversificação dos livros e pequenos descontos em compras à vista, 05 (cinco) das 17 (dezessete) alunas preferem a internet ou sebos, feiras livres e bazares quando vão adquirir livros. Isso ocorre por conta da rapidez na entrega e pela possibilidade de descontos promocionais e/ou baixo custo. Os depoimentos de duas alunas que participaram das entrevistas narrativas ilustram tal constatação:

Eu não, eu não compro porque eu acho muito caro os livros dela [*Livro de Ouro*], aí, às vezes, quando eu vou a Salvador, vou nessas casas de livros antigos porque os livros são mais baratos. Tem um sebo lá na Barra. As meninas já me ensinaram o caminho, então eu “me pico pra lá” (risos). *Eu não posso ler não! Esse daqui está rasgado* (risos). Aí, eles dão risadas. *Essa daqui é demais!* (Paloma).

[...] eu compro mais livro pela internet, no sebo virtual. Quando vou a São Paulo visitar minha mãe, aproveito e vou aos sebos. Eu costumo comprar mais na estante virtual, que está interligada a todos os sebos do Brasil. [...] Compro mais livros pela internet porque chega mais rápido e, às vezes, ainda encontro descontos que deixam o preço bem abaixo dos oferecidos pelas livrarias (Thaise).

Atualmente, Jacobina só possui essa livraria, mas como informa Paloma:

É porque essa livraria [a *Livro de Ouro*] é atual, mas antigamente, a gente tinha aqui na cidade a *Lápis de Ouro*, que ficava logo ali no Calçadão, a papelaria *Brandão*, onde vendia livros, e tinha outra papelaria, a de seu Humberto Brito. Eu sei que ele vendia livros também lá. Naquela época, o Estado não distribuía livros didáticos gratuitos, então, a gente tinha que comprá-los e eu me lembro que minha tia comprou uma coleção completa para mim de Olga Pereira: Português, Matemática, História, Geografia e

¹⁸ Para acabar com essa prática, no início de 2008, a Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR) lançou uma possibilidade na internet que permite aos estudantes comprar apenas capítulos de livros. Pelo site, o aluno escolhe o que precisa para seus estudos e o texto é impresso nas próprias bibliotecas ou livrarias das universidades.

Ciências. Eles vendiam mais livros didáticos. Às vezes, um ou outro livrinho de romances.

De 1961 a 2000, Jacobina contou com a *Livraria e Papelaria Lápis de Ouro*, sob a direção do Sr. Alexandre Sinfrônio e seu filho Carlos Sinfrônio. Antes dessa livraria, havia a livraria do Sr. Humberto Alves e a *Livraria e Papelaria Brandão*, de propriedade do Sr. Brandão. A partir da década de 1990, por conta das rápidas reformulações dos livros, que proporcionavam que as edições antigas não fossem mais vendidas; de algumas escolas começarem a produzir seu próprio material, no caso os módulos e da iniciativa do governo do Estado em fornecer o livro didático ao estudante da escola pública, houve desinteresse por parte dos proprietários dessas livrarias em continuar com a comercialização de livros.

A livraria *Livro de Ouro Comercial de Livros LTDA.* existe desde 2002. Contudo, sua história começou bem mais cedo: em 1975, sob a direção do Padre Pio Schoenwetter. Nessa época, chamava-se *Livraria Paroquial* e foi fundada pelo mesmo, juntamente com o apoio das Irmãs Missionárias do Espírito Santo.

No início, a procura recaía aos livros religiosos. Com a chegada de Pe. José Hehenberger, a compra e a venda desse tipo de livros aumentaram. A partir de 1985, a livraria passou a vender artigos religiosos e materiais escolares, passando a ser, também, uma papelaria. Em 1996, houve uma mudança na razão social e nasceu a *Livraria e Papelaria Boa Semente*. Os donos, também, começaram a sentir necessidade de ampliar o acervo da loja, principalmente, no que diz respeito às áreas voltadas para os cursos oferecidos pelo Campus IV – UNEB: Letras, Geografia e História.

Com o crescimento da procura de livros didáticos pelos estudantes de ensino fundamental e médio, bem como de livros de cunho acadêmico por professores e universitários, a *Livraria e Papelaria Boa Semente* torna-se apenas papelaria e nasce em 2002 a livraria *Livro de Ouro Comercial e Livros LTDA.* Atualmente, essa livraria, além de livros religiosos, didáticos e paradidáticos, vende livros da literatura brasileira clássica, da literatura infanto-juvenil, de autores locais e das áreas de Letras, Geografia, História, Educação Física e Direito.¹⁹

¹⁹ Esses dois últimos cursos foram inclusos na lista de livros da Livraria, porque a partir de 2005 eles começaram a ser oferecidos pelo Campus IV – UNEB.

Segundo a dona da livraria, o público que mais compra livros são os universitários, principalmente aqueles do curso de Letras.²⁰ Apesar de as alunas responderem que quase não compram livros ou compram pouco, a instância de mediação de leitura (livraria) é citada por 07 (sete) delas como lugar de compra de livros.

A dona da livraria, ao falar sobre as dificuldades em relação à venda de livros, diz:

Na nossa região a cultura da leitura ainda é muito fraca, ainda é muito pouca. Alguns comentam que é a questão do poder aquisitivo, outros acham o livro caro (também achamos) e outros não têm o hábito. Gostaríamos de ampliar o nosso espaço, a diversidade de livros, para que quando o leitor chegasse aqui encontrasse um lugar onde pudesse encontrar os livros que procuram, um ambiente não só para comprar livros, mas para ler. Reconhecemos que a questão em relação à questão cultural não é só em Jacobina, mas em todo país, mas aqui muitos só entram, folheiam, perguntam o preço e vão embora. Tentamos dar 8% de desconto à vista, mas mesmo assim acham caro. Se o governo quisesse fomentar a leitura no nosso país, deveria pelo menos eliminar ou reduzir os impostos. Continuamos com a livraria porque é o nosso papel social. Prometemos ao Pe. José que, mesmo com todas as dificuldades, daríamos continuidade à livraria.

Percebe-se o quanto a sua fala faz jus às queixas das alunas em relação ao preço alto do livro e o poder aquisitivo baixo de grande parte dos brasileiros, assim como à opção das mesmas em comprar livros em feiras livres, sebos, bienais ou pela internet. Há uma queixa de 99% das alunas em relação ao custo caro do livro e à falta de recursos financeiros para comprá-lo.

Joana, por exemplo, conta como conseguiu comprar seus únicos livros na fase adulta:

Tá bom, eu não compro livro porque eu não tenho dinheiro mesmo. Se tivesse eu compraria com toda certeza. O único livro que eu comprei - vou mostrar aqui (risos) – também foi mais por meus meninos. **Infelizmente** nenhum gosta de ler. Fui e comprei esses daqui do Walt Disney, que é uma história por dia. São 365 histórias. Na época, eu comprei com uma colega porque não podia comprar a coleção toda. Veja só porque eu não compro livro! Aí eu fiquei só com esses dois, que é o Inverno e a Primavera. Ela ficou com o Verão e o Outono (risos) [...].

As alunas demonstram que não compram muito, mas buscam formas diversificadas para ter acesso ao livro.

²⁰ Conferir lista dos livros mais vendidos pela loja desde 2003, em ANEXO D - Livros mais vendidos na Livraria *Livro de Ouro Comercial de Livros LTDA.*, de 01.01.03 a 15.09.07, e comparar com os livros e os autores citados pelas alunas no questionário, em ANEXO E - Livros e autores que fazem parte da biblioteca pessoal das alunas, e, em ANEXO F - Livros circulados pelas alunas da biblioteca do Campus IV desde 2006. Alguns livros e autores citados pela livraria como os mais vendidos fazem parte do repertório de leitura dessas alunas, confirmando a informação da dona da loja em relação ao público que mais compra livros na loja: os alunos do curso de Letras.

Das 17 (dezesete) alunas que fizeram parte da primeira etapa da pesquisa, nenhuma citou livros publicados pela Academia Jacobinense de Letras - AJL. Na segunda etapa, das 06 (seis) alunas, 03 (três) disseram possuir livros publicados pela Academia Jacobinense de Letras e pelos seus membros. Destaco três autoras da AJL, que fazem parte do universo de leitoras e escritoras que contribuem para o repertório de leitura das alunas do 8º semestre do curso de Letras, bem como para a população jacobinense e da microrregião: Alcira Silva²¹, Dalva Almeida²² e Doracy Lemos²³.

Segundo as alunas, é importante ler a literatura erudita, mas também é necessário valorizar a literatura local. Contudo, foi constatado nas entrevistas que apenas uma possuía e já havia lido as antologias publicadas pela AJL e grande parte dos livros individuais publicados pelos acadêmicos. É bom ressaltar que esta aluna já foi membro da Academia. Uma outra aluna possuía alguns livros da AJL, mas ao ser indagada sobre o que havia lido e gostado nos livros, deixou pistas que apenas os colecionava. E a terceira aluna, ao tentar falar sobre os acadêmicos, citou nomes de professores que já haviam lançado livros no Campus IV, pensando que os mesmos fizessem parte da AJL.

Esse fato me leva a crer que as alunas queriam deixar registrado uma imagem de estudantes do curso de Letras que lêem e valorizam a literatura local. Entretanto, no decorrer das entrevistas, não conseguiram esconder as marcas impressas num aluno desse curso, que focaliza e evidencia o estudo de textos de autores considerados consagrados pela crítica literária.

²¹ Alcira Pereira Carvalho Silva, apesar de ter nascido em Triunfo – PE, é considerada cidadã jacobinense. Além de professora, vem se destacando como escritora e poeta ao lançar diversos livros, que servem de pesquisa para alunos, professores e pesquisadores que se interessam sobre a história de Jacobina. Entre eles, *50 anos depois* (1994), que registra a história da educação em Jacobina, além de ser autobiográfico; e *Jacobina Sim* (1998), sociográfico.

²² Das alunas pesquisadas, quatro moram em Miguel Calmon, um dos motivos pelo qual decidi citar a escritora Dalva Silva, nascida na fazenda Cajazeira, no distrito de Itapura, município de Miguel Calmon, do estado da Bahia, em 1934. Já lançou diversos livros, entre eles, *Itapura: entrelace do passado e presente* (2002), que registra as lembranças dos costumes, hábitos e a cultura popular da comunidade itapurense e, em 2007, publicou *Retratos de Miguel Calmon*.

²³ Doracy Araújo Lemos nasceu em Jacobina, em 1925. Pertenceu à primeira turma de Licenciatura Curta em Letras Vernáculas do Campus IV, UNEB. Já lançou vários livros, entre eles, *Jacobina, sua história e sua gente/memórias* (1995), fonte de pesquisa para aqueles que querem conhecer com mais profundidade a história de Jacobina.

Na primeira etapa desta pesquisa, outros livros foram citados por elas como parte de sua biblioteca pessoal: literatura brasileira e mundial clássica, de autores estrangeiros, livros de caráter pedagógico e/ou científico, de auto-ajuda, de espiritismo, *best sellers*, entre outros. Listarei alguns: *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, *Quando Nietzsche chorou*, de Irvin D. Yalom, *O monge e o executivo*, de James C. Hunter, *O despertar da águia*, de Leonardo Boff, *As formas do silêncio*, de Eni P. Orlandi, *Perdas e danos*, de Lya Luft, *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, *Laços eternos*, de Zíbia Gaspareto, *Ilusões*, de Richard Bach, *O pequeno príncipe*, de Saint-Exupéry, *As Valquírias*, de Paulo Coelho, *Sagarana*, de Guimarães Rosa, *Ler e escrever na escola*, de Delia Lerner, *Para entender Hitler: a busca das origens do mal*, de Ron Rosenbaum, Coleção de Jorge Amado, Coleção de José de Alencar, *O caçador de pipas*, de Khaled Hosseini, *O código Da Vinci*, de Dan Brown, *O inocente*, de John Grisham, *A senhora das velas*, de Walcyrr Carrasco, *A língua oculta*, de Marcos Bagno, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *Nunca desista dos seus sonhos*, de Augusto Cury, *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, *A língua de Eulália: uma novela sociolinguística*, de Marcos Bagno, *A cidade e as serras*, de Eça de Queiroz, *Sonetos*, de Florbela Espanca, *Fora de mim*, de Richard Bach, *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*, de Marcos Bagno, *Laços de família*, de Clarice Lispector, *Treinando a emoção para ser feliz*, de Augusto Cury, *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.²⁴

Percebe-se com essa lista que não há uma tendência apenas para o gênero literário ou só para autores clássicos - apesar de que já era de se esperar numa biblioteca de alunas do curso de Letras que existissem livros da literatura clássica brasileira, como também da área de formação. Dessa forma, lêem o que possivelmente se acredita não ser indicado num curso de Letras, por conta da tradição histórica de ser o professor de português o principal “defensor” da língua e do culto à chamada “Grande Literatura”, como por exemplo, livros de auto-ajuda e de cunho religioso.

Contudo, ao demonstrarem que lêem o que os seus professores indicam, deixam pistas que nem sempre gostam das indicações. A resposta de uma aluna, ao ser indagada em relação ao tipo de leitura que é indicada na universidade, citou literatura brasileira clássica, literatura juvenil clássica, romance estrangeiro, revistas de divulgação científica, jornais, dicionários,

²⁴ Conferir lista completa em ANEXO E - Livros e autores que fazem parte da biblioteca pessoal das alunas.

contos, crônicas, biografias, leituras acadêmicas e, ao final, citou um livro que tinha lido por indicação de um professor: *Budapest*, de Chico Buarque, mas que não havia gostado. Chama a atenção a forma como ela justifica ao professor o fato de ter (ou não) gostado da leitura:

O livro *Budapeste* apresenta uma história “corrida”. É um livro diferente. Eu nunca tinha feito uma leitura desse tipo. A princípio, realmente, eu não gostei. Eu posso dizer que até hoje eu não gostei da leitura, mas disse ao professor que gostei porque eu já tinha ouvido ele perguntar aos alunos o que cada um tinha achando e eu vi as expressões no rosto dele quando as pessoas diziam que não tinham gostado do livro. Eu vi a felicidade que ele sentia quando um dizia que tinha gostado. Então, eu também quis fazer ele feliz naquele momento, não custava nada, né? Não achei que foi falsidade da minha parte, porque não foi um assunto tão sério. Foi um momento que achei que minha opinião sobre o livro pudesse influenciar na minha nota. Então, para mim, era um prazer estar fazendo ele feliz e que a minha nota fosse maior. Por isso, eu escolhi dizer que o livro foi bom, foi maravilhoso, mas realmente não foi. **Eu não compraria esse livro**, não teria ele na minha estante. Eu não sei se eu ganhasse, porque ganhado é outra coisa (Thaise).

Pensar se há valor no que se lê é uma excelente oportunidade para se refletir sobre a importância da leitura no mundo e, em particular, no Brasil. A partir de quais parâmetros se elege um livro como o melhor ou o classifica entre os melhores? Será que tal procedimento estaria relacionado primeiramente a quem está fazendo a indicação? Abreu (2006a) traz uma discussão sobre a validade de uma obra, com exemplos dos livros mais lidos, segundo jornais e revistas bem-conceituadas do nosso país, como a *Folha de São Paulo* e a *Isto é*.

Na verdade, o que a autora intenciona, ao mostrar os resultados da eleição dos ditos melhores romances por esses veículos de informação, é nos proporcionar uma reflexão sobre os livros que lemos (ou não lemos), no intuito de percebermos que, muitas vezes, nossas escolhas literárias e as opiniões que expressamos em relação a elas estão vinculadas à imagem social criada por críticos ou intelectuais. Assim, uma pessoa que queira passar uma imagem de erudição falará de livros de Machado de Assis ou de José de Alencar, mas não de obras de Paulo Coelho.

As respostas das alunas conotam uma imagem de leitora que lê todo tipo de texto e autor. Ainda permanece a representação para elas de um (a) aluno (a) ou profissional da área de Letras que deve ler muito, principalmente as obras clássicas e portuguesas, analisando seus estilos e buscando o valor estético das obras, como se poderá constatar com mais profundidade nos segundo e terceiro capítulos.

2.3 O diálogo com a mulher: a metodologia da pesquisa

Como toda pesquisa recorta seu corpus para coleta de dados e apresenta argumentos para justificar essa seleção, que é a base de investigação; não ocorreu diferente neste estudo de campo. Sendo professora de estágio supervisionado de língua portuguesa do curso de Letras, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, e sendo o estágio supervisionado um momento de reflexão sobre a (re) construção da identidade, possibilitar para as mulheres-leitoras em estudo uma rememoração das suas histórias de leitura e um diálogo entre os diferentes espaços e tempo em que se constituíram leitoras, é repensar sobre sua contribuição para as histórias de leitura de outros leitores e outras leitoras.

Os estudos sobre a Sociologia da Leitura e a Pesquisa (auto) biográfica constituíram-se fundamentais para uma compreensão mais aprofundada da pesquisa.

A disciplina Sociologia da Leitura²⁵ propiciou uma discussão numa perspectiva histórica e sociológica, partindo do entendimento de leitura enquanto prática cultural e não apenas escolarizada, o que desencadeou uma série de questões: representações do livro e do ato de ler, os contextos sociais de recepção, produção e mediação, e circulação da leitura, bem como os efeitos da leitura sobre leitores e leitoras em função das suas predisposições: formação, gostos, preferências e motivações diferenciadas. Ou seja, cultura, sexo, idade, atividade profissional, lugar social, situação familiar e histórias de leitura que marcam a história de cada leitor: o que lêem, como se aproximam da leitura e os meios de acesso que utilizam para alcançá-la, onde lêem, como manuseiam e tratam o material que lêem, o que fazem com a informação lida, se gostam de ler ou lêem por necessidade ou obrigação, entre outros.

As pesquisas nesse campo estão direcionadas para a história do livro, da leitura, das práticas culturais de leitura e da sociologia da cultura e para uma análise qualitativa, e não

²⁵ Essa disciplina foi ministrada pela professora Dra. Verbena Maria Rocha Cordeiro, no Curso de Pós-Graduação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Mestrado em Estudo de Linguagens, no semestre 2006.2.

quantitativa, da distribuição social das produções culturais, levando em consideração o nível de instrução e da origem social de seus leitores. Preocupa-se igualmente com a circulação e apropriação dos textos.

Quanto à pesquisa (auto) biográfica, a partir da disciplina *Abordagem (auto)biográfica e Formação de Leitores*²⁶, senti-me motivada a ampliar minhas reflexões sobre memória, leitura, literatura e leitor. Nesse contexto, procurei compreender a experiência vivenciada na supracitada disciplina, levando em consideração os registros elaborados por mim durante as aulas: cartas e artigos, o que possibilitou um novo olhar em relação a inserção da literatura memorialística no processo de formação do leitor.

Tendo em vista que foi, também, a partir da leitura de pesquisas ligadas a história cultural quando eu mais me interoguei com relação às preocupações em torno da leitura na universidade. Para mim não bastavam apenas os documentos oficiais para realizar uma pesquisa no Campus IV sobre a leitura das alunas do curso de Letras. Então, a narrativa, o depoimento e a entrevista passaram a ser objetos de minha investigação, principalmente por conta de indagações, que levavam à busca de outras fontes que permitissem responder aos questionamentos que tomavam a mulher-leitora do curso de Letras como objeto de investigação.

O método (auto) biográfico, entre outros elementos, constitui-se por narrativas ou escritas de si, que são produzidas por sujeitos históricos e anônimos, a partir da solicitação de um pesquisador que possibilita o diálogo entre o individual e o coletivo, uma vez que o ser humano repensa seus saberes e vai dando formas à sua identidade, numa interlocução com os seus contextos.

Além disso, partilhar histórias de leitura possibilita a quem conta a sua história auto-avaliar-se, refletir sobre sua trajetória de vida, entendendo os vieses desse caminho e reaprendendo com ele. A quem compartilha (ouvindo ou lendo) a narrativa, é permitido perceber como sua história entrecruza-se com a narrada, o que possibilita, também, reminiscências por parte de

²⁶ Essa disciplina foi ministrada pelos professores doutores Elizeu Clementino de Souza e Verbena Maria Rocha Cordeiro, no semestre de 2006.2, no Mestrado de Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia.

quem compartilha. Constitui não somente uma história, mas várias histórias que se entrelaçam.

O estudo de narrativas ganhou uma importância bastante relevante nos últimos anos. Segundo Sandra Jovchelovitch & Martin Bauer:

este renovado interesse em um tópico antigo – interesse com narrativas e narratividade tem suas origens na *Poética* de Aristóteles – está relacionado com a crescente consciência do papel que o contar histórias desempenha na conformação de fenômenos sociais (2002, p. 90).

Trabalhar com narrativas de vida é tratar da memória. Tomando como empréstimo a compreensão de Walter Benjamin (1994) sobre a memória, é possibilitar para que momentos vividos continuem ativos, não se transformando em fatos passados, mas sim, numa procura constante para estabelecer um diálogo do passado com o presente.

Segundo Lucília Delgado (2006), sendo a memória o principal suporte das narrativas, é ela quem contribui para o aparecimento e o diálogo entre as várias dimensões: o tempo, o espaço, o individual e o coletivo. E por conta dessa interlocução, muitas recordações são reveladas e outras ocultadas. Assim, a partir do olhar de cada depoente, as lembranças, os esquecimentos e as lacunas, que propiciam a reconstituição do que passou e do que está acontecendo, foram entendidas por mim como uma proteção que o próprio ser humano instala ao supor que está se resguardando das emoções e das dores que marcaram sua vida.

Além disso, ao recuperar, compartilhar e socializar as histórias de leitura possibilita-se também o aparecimento da memória coletiva da comunidade da qual se faz parte. Conforme Delgado (2006), a história oral traz dois ensinamentos: o do tempo passado (a época focalizada pelo depoimento) e o presente (a época em que está ocorrendo o depoimento). Assim, por via de narrativas, cruzam-se intersubjetividades conectadas com processos coletivos.

Ainda segundo essa autora, ao tratar da história oral como metodologia qualitativa, a mesma aponta para três tipos de histórias de vida: “depoimento biográfico único”, “pesquisa biográfica múltipla” e “pesquisa biográfica complementar”. Esta pesquisa pode ser classificada como biográfica complementar, visto que se trata de depoimentos diversos, vinculados a um projeto que, não tendo apenas a história oral como fonte principal

metodológica, recolhe depoimentos para informações não contempladas num questionário, enriquecendo, dessa forma, o teor da pesquisa.

Ainda, no decorrer deste estudo, foi possível manter contato com pesquisadores vinculados aos estudos da leitura e da abordagem autobiográfica: no II CIPA (Congresso Internacional sobre Pesquisa (auto) biográfica)²⁷, e no 16º COLE (Congresso de Leitura no Brasil)²⁸, principalmente. O diálogo com diversos professores foi extremamente relevante, visto que ampliou minha visão sobre o tema em questão, enriquecendo a análise do questionário e das entrevistas narrativas que compõem o corpus desta dissertação.

Outras fontes de consulta foram incorporadas à pesquisa. Na Biblioteca Central de Salvador, tive acesso ao dicionário de autores baianos, bem como a alguns livros desses autores e livros de pintores de vários séculos que representaram a mulher-leitora, através de suas telas. No NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher e na Biblioteca do Curso de Mestrado em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, busquei ampliar o estudo sobre gênero.

Na Universidade do Estado da Bahia – UNEB: Departamento de Ciências Humanas – DCH do Campus IV – Jacobina, realizei a pesquisa de campo. Como primeira providência, solicitei à direção do Campus, através de ofício, acesso às alunas do 8º semestre do curso de Letras, turno noturno, à Secretaria Acadêmica, ao Colegiado de Letras, à Biblioteca, ao NUPE, ao NEO e ao NEEC.

Na primeira etapa da pesquisa de campo foi feita a aplicação do questionário, o qual foi efetivado no mês de maio. A professora regente reservou um espaço durante sua aula para que eu me apresentasse e pudesse expor o propósito da pesquisa e sua importância para os estudos sobre a história da leitura, em especial para a formação de leitoras do curso de Letras. Reforcei meu interesse, como ex-aluna e professora do componente curricular Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa do curso de Letras do Campus IV, em conhecer as histórias de leitura delas e suas contribuições para outros leitores e outras leitoras.

²⁷ O II CIPA ocorreu entre 10 a 14 de setembro de 2006, em Salvador, e foi promovido pela Universidade do Estado da Bahia.

²⁸ O 16º COLE foi realizado no período de 10 a 13 de julho de 2007, na UNICAMP, Campinas-SP.

A previsão para a entrega dos questionários seria de uma semana, mas por conta da greve iniciada na UNEB, no mês de maio de 2007, os mesmos foram sendo entregues aos poucos, o que gerou mais ou menos um mês de espera para ter acesso a todos os questionários respondidos.

Ao começar a lê-los, percebi que em algumas perguntas, determinados pontos não haviam sido respondidos; assim, pedi mais um encontro com as alunas (também mais um espaço oportunizado pela regente, em sua aula) e perguntei o motivo das lacunas. Muitas responderam que deram as respostas de maneira apressada, mas estavam dispostas a repensar as questões e respondê-las naquele momento; outras, não haviam respondido porque, no instante em que estavam lendo o questionário, teriam deixado algumas questões para serem revistas posteriormente, e esquecido depois de retomá-las; e ainda, outras alunas que pensaram que algumas perguntas não deveriam ser respondidas, mediante respostas dadas por elas anteriormente. Por fim, as justificativas foram dadas e os questionários complementados.

A partir dos dados fornecidos no questionário e desse posterior contato, foram selecionadas 06 (seis) alunas, levando em consideração as seguintes categorias: origem social, estado civil, idade, possuir (ou não) uma biblioteca pessoal e atuar (ou não) no âmbito escolar, na função de professor. Não foram selecionadas menos do que 06 (seis) alunas para que eu pudesse explorar mais as categorias, analisando o lugar das condições de produção de cada uma delas: aquela que já era professora, a que nunca havia lecionado; as de menor idade, assim como as de maior idade; as que eram casadas, solteiras ou divorciadas – e se isso influenciava em seu tempo disponível para ler; se o empréstimo ou compra de livros estavam condicionados ao convívio com pais, irmãos, marido, filhos, tios, sobrinhos, entre outros.

Tomei alguns cuidados, já que era a primeira vez que estava mais próxima de cada uma: ser concisa, pois o tempo disponível era pouco; estabelecer uma relação que possibilitasse a imagem de como seriam as entrevistas: com predominância do respeito aos depoimentos e aos silêncios; e, principalmente, ter o cuidado de evitar perguntas nas quais eu manifestasse minha opinião sobre o assunto em pauta, visto que havia percebido que, até então, elas estavam me vendo ainda como professora e não como pesquisadora. Percebi isso por que me questionavam a respeito das concepções de leitura, literatura e leitor no intuito de conseguir uma resposta exata. Nesse momento, procurei seguir a orientação da bibliografia consultada

na área de metodologia científica: respeitar a personalidade, o temperamento e o ritmo das entrevistadas, não demonstrando concordância ou discordância no que estavam relatando.²⁹

A partir das respostas fornecidas no questionário, procurei entender, de forma interpretativa, o espaço das práticas culturais de leitura dessas alunas, ou seja, como edificavam sua relação com o ato de ler e a reflexão que faziam enquanto leitoras: o que é ler, literatura e leitor, quais leituras eram mais significativas enquanto sujeitos que possuíam uma identidade, suas limitações frente ao acesso ao livro e suas necessidades em buscar além do que o meio social/acadêmico lhes oferece.

Foram realizadas 04 (quatro) entrevistas narrativas: (01) uma coletiva e (03) três individuais. Se o meu interesse era traçar as histórias de leitura de um grupo de mulheres-leitoras, futuras professoras da área de Letras, a realização de tal propósito deveria ocorrer por meio da escuta de narrativas em que elas pudessem rememorar suas histórias, reconstruindo de forma reflexiva suas experiências, levando-as a uma auto-análise da própria prática.

Optei por realizar uma entrevista coletiva, que aconteceu no dia 02 de agosto de 2007, com o objetivo de explorar mais sobre o que entendiam por biblioteca e, juntas, pudessem lembrar fatos do contato com essa instância de mediação de leitura, a partir dos relatos de cada uma; o que possivelmente não aconteceria numa entrevista individual.

Levando em consideração o que Delgado (2006) orienta para a realização de entrevistas, levei um material de apoio para dar início às indagações: um texto, o qual contribuiu para quebrar o silêncio inicial e criar um entrosamento maior entre as entrevistadas. Mesmo sendo colegas de sala de aula, aquele era um contexto diferente, no qual havia a presença de um pesquisador que tinha em mãos um gravador.

As três entrevistas individuais ocorreram na casa de cada aluna, no período de agosto de 2007 a janeiro de 2008. Foram vários os motivos dessa escolha: algumas alunas moravam em outras cidades, o que dificultava o deslocamento delas para o Campus IV; em casa, poderiam mostrar sua biblioteca; onde e como guardavam os livros e se o que diziam ler e possuir era

²⁹ Para ampliar as informações sobre pesquisa qualitativa, consultar: (BAUER & GASKELL, 2002 – construção de corpus para coleta de dados qualitativos); (DELGADO, 2006 – história oral como metodologia); (RAUEN, 2002 – tipos de pesquisas qualitativas e procedimentos de coleta).

condizente com os livros circulados por elas na biblioteca da UNEB, bem como os citados como lidos no questionário.

A primeira entrevista teve como finalidade ampliar as respostas fornecidas no questionário. Na segunda, levei trechos de histórias de leitoras e leitores para provocar as lembranças das entrevistadas. Após a leitura de algumas narrativas, surgiam da minha parte algumas indagações, no sentido de incitar as reminiscências das alunas: a atuação de comunidades leitoras para o acesso à leitura; o uso de espaços de leitura, além da biblioteca (a casa, a escola, a universidade, as livrarias, os sebos, as feiras de livros); o uso da fotocópia e do texto virtual em substituição (ou não) ao livro e as leituras que foram e/ou são censuradas, e aquelas que contribuíram de forma significativa para a identidade leitora de cada uma. Algumas se identificaram com algumas histórias apresentadas nos trechos, outras demonstraram o oposto.

Na terceira entrevista, explorei mais a instância de mediação biblioteca, investigando onde e como guardavam os textos impressos e com qual frequência os procuravam. Além disso, tentei compreender e analisar o lugar do livro na vida delas, cruzando dados já colhidos no questionário e nas entrevistas anteriores. Para tanto, pedi a cada uma que imaginasse um incêndio numa biblioteca onde estariam todos os livros que já haviam lido. Solicitei que entrassem pela última vez nessa biblioteca para salvar aqueles poucos livros que pudessem fornecer algumas características da leitora em questão. Além disso, explorei pontos em relação à influência de suas histórias de leitura na vida de outros leitores e outras leitoras e o que significou para elas participarem da pesquisa.

Tomando como referência a idéia de Iser para compreender as práticas culturais de leitura a partir das narrativas dessas seis alunas:

[...] o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. Pois não importa que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem – e, daí modificam – o mundo referencial contido no texto (1979, p. 107).

E considerando que a pesquisa deve ser um diálogo com a realidade, a metodologia foi sendo desenvolvida levando em conta os sujeitos envolvidos como atores principais do processo investigativo. A cada encontro realizado, procurei construir com as entrevistadas uma relação

cooperativa e co-participativa em que cada uma se sentisse protagonista do seu discurso. Desse modo, mediei as entrevistas de forma interativa e dialógica, aberta às possibilidades, por entender ser esta uma realidade mutável, não acabada, que se constrói e (re) constrói nas relações e inter-relações dos sujeitos.

3 DE A a Z: REMEMORANDO AS HISTÓRIAS DE MULHERES-LEITORAS

3.1 Desvendando processos de leitura: o perfil das alunas do curso de Letras Vernáculas do Campus IV - UNEB

3.1.1 IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO DAS ALUNAS

Quais leituras, situações, pessoas, ambientes e livros que marcam e contribuem para a história de leitura de uma pessoa? Será que existe um modelo ou são os gêneros e tipos textuais, fatos, pessoas e espaços diversificados que favorecem a constituição das diversas histórias de vida, que vão sendo entrelaçadas a outras histórias e, assim, constituindo leitores e leitoras distintos?

As alunas pesquisadas demonstraram em suas falas que durante suas trajetórias de vida todas essas questões influenciaram e continuam influenciando a relação de cada uma delas com a leitura. Cada uma a seu tempo, situada em um contexto sócio-histórico ideológico e em espaços específicos: as histórias que ouviram contar na infância, a curiosidade por saber o porquê de um determinado livro não poder ser lido, a importância de quem indica o que se deve ler a partir da relação de força que exerce, a busca pela informação e a necessidade de ler para poder sonhar e/ou viver.

A maioria nasceu em Jacobina - BA, sendo que, atualmente, 10 (dez) moram nessa cidade, 04 (quatro) em Miguel Calmon - BA, 01 (uma) em Serrolândia - BA e 01(uma) em Umburanas – BA; a faixa etária delas alterna entre 23 e 51 anos; o estado civil predominante é solteira; a origem social oscila entre baixa e média e a maior parte delas estudou o ensino fundamental e médio em escolas públicas. Apenas 06 (seis) concluíram o ensino fundamental nas décadas de 70 e 80, e 11 (onze) na década de 90. Concluíram o ensino médio nas décadas de 70 e 80, apenas 04 (quatro), 05 (cinco) na década de 90, e (07) sete entre 2000 e 2002. A maior parte delas iniciou o curso de Letras em 2003. Apenas 02 (duas) em 2001 e 02 (duas) em 2002.

Apesar de apresentarem idades bastante diversas; serem provenientes de lugares distintos, estado civil variado, origem social e cultural diferente, suas histórias de leitura se entrelaçam, dialogam e interagem com o mundo ao seu redor.

3.1.2 PRIMEIROS CONTATOS COM A LEITURA

A iniciação no mundo da leitura pode ocorrer a partir da escuta de histórias ou da admiração de objetos que incitam a imaginação e que acabam tornando-se prediletos ou fazendo parte de sua formação leitora. Ana Maria Machado (2002), ao abordar questões sobre os clássicos universais, destaca uma escultura de bronze: dois cavalos. Montado no primeiro, um cavaleiro magro e tristonho, que segurava uma lança numa mão e um escudo na outra. No outro cavalo, um homem gordo e alegre de braço estendido para o alto. Perguntando ao pai de quem se tratava, Ana Maria foi apresentada a Dom Quixote e a Sancho Pança. Começa aí seu encantamento pelas histórias clássicas. Escritores conhecidos também dão seu testemunho das lembranças de leitura: o francês Roland Barthes, na adolescência, ficou fascinado pela mitologia grega; o poeta Carlos Drummond de Andrade se deslumbrou por *Robinson Crusóe* e o romancista José Lins do Rego foi influenciado pelas histórias de uma ex-escrava.

Assim como esses escritores, as alunas apresentam modos singulares de aproximação da leitura:

Todos estes clássicos: *Cinderela*, *Branca de Neve*. Esses das princesas sempre foram muito marcantes para mim. Sempre me via e até hoje quando assisto a um filme ou leio um livro, eu continuo ainda me colocando no lugar daquelas princesas. Continuo a acreditar no príncipe encantado. Acho que continuarei assim sempre, não tem jeito (Thaise).

Eu me lembro de uma poesia que me marcou bastante. [Eu ouvi] na sala de aula, só que eu não lembro o nome do autor. Era *Eu Tive Fome* - enfatizava esse pedacinho. Falava sobre o Nordeste, alguma coisa assim. Eu sempre gostei muito dessa poesia (Cristina).

Gostava de alguma coisa que estivesse relacionado com viagem. As viagens de Gulliver, por exemplo, e de histórias bíblicas, como as histórias de Davi e Golias, que até hoje eu sou apaixonada (Daniele).

De maneira geral, a família, através da mãe e da avó, junto à escola representam o papel responsável pela iniciação dessas alunas no mundo da leitura, através da contação de histórias.

O depoimento de uma delas descreve uma cena que remete à imagem dos serões de leitura de Dona Benta, personagem do Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato: “Adorava ouvir os ‘casos’ que minha avó contava; gostava quando chegava dia de sexta na escola, porque era o dia que a professora selecionava algumas histórias para nos contar” (Marta).

A representação da leitura em voz alta é enfatizada por Chartier (1995) como uma prática constante na França do Antigo Regime. A experiência de contar e ouvir histórias no relato das alunas aparece, muitas vezes, como uma prática usada para divertir a família à noite, principalmente nos lugares que não havia televisão ou faltava energia:

Na minha infância o acesso aos meios de comunicação, principalmente TV, era difícil. Eu morava na zona rural e as crianças se reuniam à noite para ouvir histórias (Joana).

Quando faltava energia (isso era comum) minha mãe sentava conosco na calçada de nossa casa em Senhor do Bonfim e começava a contar histórias: contos de fadas, histórias familiares. Que saudades! (Priscila).

O acesso aos meios de comunicação era difícil e por isso à noite meu pai lia histórias ou contava, assim como minha mãe e outros adultos (Carla).

A contação de histórias, para algumas, era uma forma de fugir dos problemas do cotidiano. Era o momento que se sentiam livres para imaginar, transportar-se para o mundo dos personagens. Um século depois de Ema Bovary, ainda encontramos mulheres que realizam seus desejos ou a possibilidade de liberdade através das histórias ouvidas ou lidas:

Quando ouvia histórias, viajava por um mundo que na normalidade não me era permitido (Susana).

[Ouvir histórias] me fazia viajar, era como se eu estivesse vivendo também o que lia (Ana).

Assim como aconteceu com a personagem de Flaubert, Ema Bovary, que na sua adolescência, no convento onde vivera desde a infância, conheceu uma senhora idosa que lhe oportuniza, às escondidas, leituras que lhe levavam a lugares desconhecidos e a sentir sensações inimagináveis, uma das alunas conta que teve em sua vida uma senhora que lhe contou histórias na infância. Diferente de Ema, a aluna deu outros fins às narrativas ouvidas: “Uma senhora que trabalhava na casa da minha tia contava causos, histórias fantásticas, que as guardo na memória e foram recontadas aos meus alunos, aos meus filhos” (Paloma). Concordando com Celso Sisto (2005c), para recuperar nossa infância, reencontrar nossos sonhos, refazer nossa trajetória de vida, optamos por contar histórias.

Mais adiante, essa aluna diz que, na adolescência, deu outro destino ao que lia: “Na adolescência, existia muita troca das leituras das fotonovelas, o contexto já era outro, o despertar dos sentimentos amorosos, a chegada do primeiro amor e o primeiro beijo, tudo virava história, os segredos”.

As histórias que ouvimos ou lemos podem ter significados diferentes nas diversas fases da nossa vida. A aluna descrita acima aproveitou as histórias ouvidas na infância para contá-las aos filhos e aos alunos; e as histórias lidas na adolescência lhe serviram para dar início à sua vida amorosa: o primeiro beijo, os segredos guardados. Hoje, é divorciada, mora sozinha, mas diz ter se realizado porque passou para os filhos o prazer de ler e, constantemente, sempre procura levar para sua sala de aula o gosto que sentia ao ouvir histórias: “É muito prazeroso ouvir histórias, que sejam literárias ou do cotidiano, reais ou imaginárias, o importante é saber ouvi-las”. A partir do seu depoimento, percebe-se que a contação de histórias contribuiu para Paloma começar a gostar de ler.

Por meio de lembranças de uma época, percebe-se o quanto o meio no qual se está inserido pode contribuir para estabelecer diferentes relações com a leitura. Em *Ouvir histórias fez-me leitora*, Rita de Cassi diz:

Nada acontece por acaso. Tudo necessita de um incentivo, de um toque, de um despertar. Assim foi comigo em relação à leitura. Nascida em ambiente pobre e de poucos livros, contava apenas com os livros da escola, uma ou outra revista policial de um dos meus irmãos e alguns romances que, emprestados de amigos, eram lidos pela minha irmã (2006, p. 121).

As histórias que as alunas mais gostavam de ouvir na infância eram os contos de fadas e as fábulas. As histórias sobrenaturais vêm em segundo lugar. Apesar de todas as alunas

declararem que gostavam de ouvir histórias, nem todas apontaram o contar histórias como hábito ou gosto:

Sempre fui muito tímida, e como passava muito tempo com minha vó, que era muito repressora, não me sentia à vontade para falar nada, muito menos contar histórias (Thaise).

Não gostava de aparecer, preferia ouvi-las (Lídia).

Sempre fui muito tímida e gostava de ouvir as histórias (Simone).

Nunca fui de falar muito na minha infância e grande parte da minha adolescência (Vanessa).

Acredito que não consigo transmitir emoção ao falar (Maristela).

Não desenvolvi essa habilidade durante a infância e a adolescência (Cristina).

As quatro primeiras alunas apontam a timidez como empecilho para contar histórias; a quinta aluna acredita que não gosta de contar histórias por não conseguir transmitir emoção, e a última alega que não desenvolveu essa habilidade durante as primeiras fases da sua vida. Todas essas alunas, ao justificarem porque gostavam de ouvir histórias, declararam que para se contar uma história que encante alguém é necessário querer e saber contar: “[...] quem as contava eram pessoas que sabiam conduzir a leitura de maneira muito agradável” (Cristina). O discurso das alunas faz jus ao pensamento de Sisto:

[...] o contador de histórias tem que ter paixão pela palavra pronunciada e contar a história pelo prazer de dizer [...] (2005a, p. 21).

Contar histórias não é uma tarefa fácil e estamos cada vez mais convencidos de que é preciso uma certa habilidade, exercício, e preparo para controlar todos os mecanismos que entram em jogo cada vez que se quer “comunicar” uma história a uma platéia (2005c, p. 37).

Mesmo tendo sido reprimida e apontar isso como contribuição para sua timidez, a primeira aluna confessa, mais adiante, que conta histórias pelo menos para suas filhas, mesmo acreditando que, talvez, não as conte tão bem: “Agora, mãe, sempre conto histórias para minhas filhas. Acho muito gostoso, mas não sei se sou tão criativa. Elas gostam...” (Thaise).

A aluna que disse não ter desenvolvido habilidades para contar histórias, ao se deparar com crianças da Educação Infantil, teve que contar histórias e descobriu que não só ouvir histórias

era emocionante, mas também contá-las e, mesmo tarde, poderia tornar-se uma boa contadora de histórias:

Fui contadora de histórias quando tinha 18 anos. Na sala de aula eu descobri como despertar a atenção dos alunos para esta atividade tão importante para o desenvolvimento emocional. Contar histórias para crianças de 4 anos da Educação Infantil foi muito gratificante. É uma experiência que desejo repetir (Cristina).

A fala dessa aluna só atesta o que Betty Coelho (2006) nos passa em seus livros e cursos: contar histórias atinge todas as idades. O adulto pode virar criança e a criança pode tornar-se um adulto. Além disso, ela afirma que muitas professoras pensam que não têm jeito para contar histórias, mas quando ousam a experimentar, descobrem-se boas contadoras, modificam sua prática de ensino e obtêm ótimos resultados.³⁰

As alunas que disseram gostar de contar histórias relatam que na infância e na adolescência contavam mais histórias para os irmãos, os primos e os vizinhos: “Gostava de contar histórias para meus irmãos, vizinhos e primos quando brincávamos de escolinha e de casinha.” (Andressa).

Atualmente, os sobrinhos, os filhos e os alunos são o público-alvo da contação de histórias:

É encantador prender a atenção de uma criança através de uma história. É maravilhoso ver o brilho no olhar à espera de cada aventura dos personagens (Priscila).

Foi e sempre estará sendo muito bom poder recontar, contar, criar histórias, e levar as crianças e até adultos aos questionamentos, viajar no mundo das emoções e imaginação é uma sensação indescritível (Paloma).

A fala de uma das alunas assinala o que Sisto (2005b) defende: contar histórias é instalar espaço para a comunicação, a interação, a troca:

Fantástico. É uma experiência envolvente e que propicia um aprendizado enriquecedor, tanto para quem ouve, quanto para quem narra a história. O ato de contar história é muito produtivo, pois me faz crescer e perceber o quanto podemos apreender com o outro. Como essa troca se faz necessário no nosso dia a dia, tão agitado, hoje! (Daniele).

³⁰ Para as pessoas que gostam de contar histórias, em especial professores, o livro *Contar histórias: uma arte sem idade*, de Betty Coelho (2006), é um bom começo para perder o medo de contar histórias e descobrir caminhos para desenvolver essa arte.

3.1.3 REPRESENTAÇÕES: LEITURA, LITERATURA E LEITOR ³¹

Chartier (1990) toma o conceito de representação num sentido histórico em duas perspectivas: a representação de algo ausente, o que indica uma diferença entre aquilo que representa e aquilo que é representado, e a representação como exibição de uma presença, isto é, como representação pública de algo ou alguém. Levando em consideração a segunda perspectiva, a relação de representação é confundida pela ação da imaginação. Sendo assim, adulterada, transforma-se em verdade absoluta, ou seja, um instrumento de poder e submissão: “As representações do mundo [...] construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam” (CHARTIER, 1990, p.17).

Entende-se, dessa forma, que para cada situação é necessário analisar os discursos elaborados com a posição de quem os diz. Os discursos não são desprovidos de intenções; pelo contrário, são elaborados estrategicamente e tendem a instaurar um pensamento. Nessa perspectiva, as alunas, ao tentarem definir leitura, literatura e leitor, incorporaram a posição que uma universitária ou professora de Letras representa em nossa sociedade: leitora assídua de textos escritos, principalmente, os do gênero literário, e, preferencialmente, livros destacados por intelectuais, críticos literários e professores; leitoras que gostam de ler e que lêem por prazer, e não por obrigação. Em outras palavras, acabaram assumindo a forma simbólica de quem espera reconhecimento.

3.1.3.1 Leitura

3.1.3.1.1 Ler para interpretar

Algumas alunas configuram em seus discursos a leitura como processo que vai além da decodificação:

³¹ Ver pontos de vista de alunos de 5ª série sobre leitura e leitor a partir de histórias de leitura escritas por eles em aulas de Língua Portuguesa, no texto de Norma Ferreira em FERREIRA, 2001, p.79-110.

[Ler] é tudo que se lê com compreensão e não apenas decodificação. Se não houver entendimento do que se lê, para mim não é leitura (Vanessa).

Ler para mim não significa apenas decodificar a forma escrita, ler transcende esse conceito. A leitura está vinculada também à questão da interpretação (ler e entender o que estamos lendo) (Marta).

[Ler] é o processo amplo de aquisição de conhecimento que envolve desde a leitura do mundo até a decodificação dos símbolos lingüísticos registrados em todos os materiais escritos (Cristina).

Nessa perspectiva, a leitura pode ser definida de duas formas: ampla (interpretação do mundo) e restrita (decodificação dos símbolos lingüísticos). Essa concepção reforça o que orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. (SECRETARIA... 1998, p. 69).

Entretanto, aplicar a abordagem da história cultural à teoria da leitura é não se conformar com as abordagens que consideram o ato de ler como algo transparente entre o texto (abstrato, reduzido ao seu conteúdo semântico) e o leitor (também abstrato, como se as práticas das quais ele se apossa dos textos não fossem variáveis histórica e socialmente). A teoria da leitura encontra-se no ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito/leitor. Essa teoria permite entender a apropriação dos discursos, isto é, o modo como as condições de produção atingem o leitor e o conduzem a uma forma de compreensão de si e do mundo.

3.1.3.2.2 Ler para ampliar conhecimentos

Fazendo um acréscimo à concepção de leitura como interpretação, outras alunas constroem uma imagem da leitura que a classifica como algo produtivo: acesso ao conhecimento, possibilidade de se informar e refletir acerca do que acontece no mundo:

A leitura é um processo que permite a aquisição de conhecimento, informação [...] (Joana).

A leitura é o alimento da vida, com a leitura crescemos, aprendemos, mudamos, adquirimos sabedoria (Andressa).

A leitura é uma ferramenta importantíssima na formação do indivíduo enquanto sujeito pensante (Daniele).

As alunas assumem, também, um discurso legitimado pela escola, visto que fica explícito que consideram adequado ler como instrução, informação e saber. Para elas, gostar de ler significa, em primeiro lugar, aceitar a imagem social que é estabelecida pela escola e que é reforçada pela sociedade. Isso deixa claro que elas incorporam o caráter pragmático da leitura. Dessa forma, acabam ocupando, apenas, a posição de aprendizes na aquisição de conhecimentos. De um lado, a identidade do leitor universitário; de outro, o futuro professor-leitor reconhecido como guardião do saber.

3.1.3.3 Ler para viajar nos pensamentos

Outra concepção de leitura configurada nos discursos dessas alunas remete ao gênero literário: romances, poesias, contos, crônicas, ou seja, aquela leitura que mexe com a emoção, com os sentimentos: “Leitura é viagem, prazer que me leva a rir, chorar, emocionar. O texto literário me proporciona isso” (Carmem).

Foi na década de 1980 que a frase *ler é viajar* virou *slogan* tanto para professores quanto para alunos, que, influenciados por vários projetos educacionais e editoras, como por exemplo, *Ciranda de livros* e os livros da série *Rosa-dos-Ventos*, da Editora Ática (1993), começaram a defender essa bandeira.³²

Há um investimento muito grande em relação à elaboração de projetos educacionais no Brasil e, também, na distribuição de materiais de leitura, mas isso não é sinônimo de promover acesso à leitura, nem tampouco de incluir os sujeitos nos circuitos da escrita. Além disso, são indispensáveis outras formas de mediação para a apropriação cultural.

3.1.3.2 Literatura

3.1.3.2.1 Literatura é sinônimo de escolas literárias

³² Ver mais informações em CORRÊA, 2001, p.88.

Para algumas alunas, a literatura representa um conjunto de obras, ou seja, a literatura erudita. Seria a evolução da literatura portuguesa ou da brasileira, por exemplo: o Quinhentismo, o Barroco, o Neoclassicismo, o Romantismo, o Realismo/Naturalismo, o Simbolismo e o Modernismo:

[Literatura] é a expressão artística de uma época (Simone).

[Literatura] é a arte de usar as palavras para transmitir no texto sua visão da realidade, os valores e costumes de uma determinada época. É linguagem na qual os diversos elementos do texto entram numa relação complexa, sendo um instrumento ideológico (Andressa).

[Literatura] é a arte de vários trabalhos artísticos, conjunto de obras literárias, é a expressão de uma sociedade do homem de uma época [...] (Priscila).

Para elas, a literatura seria o que os livros didáticos de literatura voltados para alunos do ensino médio traçam: panorama da atividade literária desde o período colonial, tendo como objetivo principal apontar os principais momentos dessa história.

Fechar o conceito de literatura como conjunto de obras, de forma a se delimitar obras literárias consideradas como *Grande Literatura* em períodos históricos, é não levar em conta, por exemplo, experiências e percepções de homens e mulheres que sempre viveram à margem do poder. Sendo a literatura uma representação de manifestações culturais diversas, como tratá-la a partir de momentos estanques e de apenas alguns autores?

3.1.3.2.2 Literatura: erudita ou popular?

Diferente do pensamento anterior, para algumas alunas o termo literatura é difícil de definir, visto que cada leitor tem um olhar diferente em relação ao texto:

Essa é uma questão polêmica. O conceito de literatura depende muito do leitor. O que considero literatura, outra pessoa pode não considerar. Por exemplo, os livros de Paulo Coelho para mim são literários, para outros não. “Literatura e literatura” (Thaise).

Abreu constata que “A avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, fazendo que diferentes pessoas apreciem de modo distinto os romances, as poesias, as peças teatrais, os filmes” (2006a, p. 59). Ou seja, circulam no nosso cotidiano de literatura erudita a literatura popular, e dizer que uma é melhor do que a outra é uma forma de validar apenas a opinião de alguns.

Contudo, essa aluna, que considera definir literatura uma questão polêmica, afirmando que tanto é válido ler Machado de Assis quanto Paulo Coelho, sem distinção de boa ou má literatura, ao ser entrevistada, posteriormente, entra em contradição. Conta que ao escrever seu primeiro romance, teve que mudar a história por diversas vezes por ficar pensando no que as pessoas que só apreciam a literatura clássica e desprezam tudo que não faz parte dela iriam dizer sobre seu livro e o que iriam pensar sobre ela como professora de língua portuguesa:

A idéia de escrever um livro partiu do seguinte pensamento: “Nós temos que plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro”. Assim, comecei a escrever a primeira versão. Estava muito romântica: “Gente, eu fiz um livro do estilo de *Sabrina* e esse livro vai ser muito criticado se eu lançar ele dessa forma. Porque eu escuto as críticas em relação a esses romances e eu escrevi um igual. Depois eu vou querer vender e as críticas virão”. Então, pensei mais um pouco: “Já sei o que eu vou fazer. Aquilo que eu gosto além de escrever e estudar: literatura. Como é que a literatura é dada na escola? Com o que os professores trabalham na sala de aula? As escolas literárias: Trovadorismo, Barroco, Arcadismo”. E fui sendo guiada por essa idéia: “Vou criar um romance e vou encaixar literatura dentro. Vou contar uma história de amor. Enquanto os leitores vão lendo a história de amor, vão conhecendo as escolas literárias e os autores que eu mais gosto”. Depois eu li e disse: “Pronto! Não é mais uma historinha simplesinha. É algo que vai servir para os alunos de ensino médio e também para quem gosta, quem se interessa por literatura e para quem não [gosta], porque eu fiz de uma forma que o leitor pode saltar essas partes da literatura e lê só a historinha ‘água com açúcar’” (risos) (Thaise).

Percebe-se que, na verdade, temos nossos gostos e preferências, mas, sobretudo, a imagem social construída sobre o que se deve ler (ou não) ainda predomina em nossa sociedade, em particular, no meio acadêmico.

3.1.3.2.3 Literatura é a relação de interação entre autor, texto e leitor

Literatura não é apenas um sistema de obras, mas uma relação dinâmica entre autor, obra e público [...] (Marta).

Essa concepção de literatura corresponde àquela que considera a obra aberta, ou seja, um diálogo entre o autor e o leitor. Muitos são os teóricos que comungam com esse pensamento. Entre eles, Iser (1996) que nos traz uma reflexão sobre o texto enquanto espaço de preenchimento de lacunas. Ou seja, o texto só se completa quando seu sentido é constituído pelo leitor. Dessa forma, ele (o texto) indica o que deve ser produzido, mas não pode ser

considerado um produto acabado, fechado em si mesmo, isto é, sem a capacidade de apreensão e processamento do leitor.

3.1.3.2.4 Literatura é a expressão do pensamento

Segundo Luiz Travaglia (1997), ao tratar sobre o ensino de língua materna, é necessário que o professor se manifeste em relação à sua concepção de linguagem, visto que a forma com que ele a concebe modifica o trabalho com a língua em termos de ensino. Assim, ele apresenta três concepções: a “linguagem como expressão do pensamento”, a “linguagem como instrumento de comunicação” e a “linguagem como forma ou processo de interação” (p.21-23). Talvez, por serem alunas do curso de Letras, ao definirem o que é literatura, levaram em consideração a primeira concepção de linguagem: “[Literatura] é o meio que o homem encontrou para expressar o seu pensamento” (Ana).

Porém, a literatura é apenas um dos meios que o homem encontrou para expressar suas idéias. Traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações já não bastam, mas também atuar sobre o outro de forma interativa. O diálogo, em sentido amplo, é o que caracteriza a linguagem, conseqüentemente, a literatura.

3.1.3.2.5 Literatura é catarse

A primeira referência à palavra catarse foi utilizada por Aristóteles na *Arte Poética*, ao tratar sobre os efeitos da tragédia. Neste estudo, levo em consideração o que diz o dicionário *Houaiss*: catarse é a “purificação do espírito do espectador através da purgação de suas paixões” (2001, p.651). Em alguns depoimentos, percebe-se que a literatura representa esse momento de purificação da alma:

É a arte de recriar, inovar a realidade e provocar no leitor uma “catarse” diante do que foi lido (Carla).

A arte de “criar mundos” e refletir sobre o ser humano (Cristina).

Literatura para mim é expressão de todo e qualquer sentimento. Literatura é transcender a realidade (Marta).

Seria através da literatura que o homem teria a possibilidade de refletir e criar novas realidades, mas através do contato com outros gêneros textuais é possível “criar mundos”. Alguns textos literários podem não favorecer a catarse a um leitor, apenas lhe proporcionar o prazer de sentir a sonoridade de seus versos, por exemplo.

3.1.3.2.6 Literatura é produção escrita

Muitos são os autores de livros didáticos que comungam com a idéia do termo literatura como representação da palavra escrita.³³ Algumas alunas estão de acordo com esse pensamento: “[Literatura] é a arte de recriar a realidade através da escrita” (Joana).

Se a modalidade escrita caracterizar a definição de literatura, os versos improvisados por repentistas, por exemplo, não podem ser chamados de literatura. As pelepas orais apresentam aspectos lingüísticos, levando em consideração as características estilísticas que esse tipo de texto exige. Assim, os versos de Patativa do Assaré têm tanto valor quanto os do poeta Olavo Bilac.

3.1.3.2.7 Literatura é a arte da palavra

Essa é uma definição bastante usual de literatura, encontrada nos livros didáticos do ensino médio:

A literatura é uma forma de manifestação artística que tem como material de expressão a palavra (TUFANO, 1990, p. 35).

A linguagem é o material da literatura, isto é, o artista trabalha com a palavra (ERNANI & NICOLA, 1994, p.68).

As alunas apenas acrescentaram às definições dos autores acima citados a palavra *prazer*:

Literatura é arte da palavra que proporciona prazer (Carmem).

[Literatura é] a possibilidade de compreender o mundo, as coisas e as pessoas, de forma lúdica (Gilvânia).

³³ Ver em CADORE, 1994, p.29-30.

Ou seja, se não proporcionar prazer não é literatura. Então, vamos supor que um determinado leitor só sinta prazer em relação ao texto literário quando este apresenta rimas. Assim, os textos que não apresentam repetições sonoras não poderão ser considerados literatura, segundo a concepção dessas alunas.

3.1.3.2.8 Literatura é viajar na imaginação

Algumas alunas definem literatura como uma viagem à imaginação:

[Literatura é] encantamento. É tentar traduzir aquilo que nem sempre tem tradução; é falar, sentir, viajar através das palavras, construir mundos ultrapassando o limite da significação (Maristela).

[...] o artista sente, escolhe e manipula as palavras, faz com que produzam um efeito que vá além do seu significado real procurando aproximá-las do imaginário [...] (Vanessa).

Muitas entrevistadas citaram livros de autores consagrados pela crítica literária como leituras que as possibilitaram viajar para lugares desconhecidos, imaginar serem outras pessoas a partir de personagens, sentirem sensações diferentes ao lado de leituras como *Sabrina*, *Bianca e Júlia*.³⁴

Para muitas dessas alunas, se o texto tiver a capacidade de possibilitar ao leitor o interesse pela trama, de forma a dar espaço para a evasão, esse texto é literatura. Mas, com certeza, a crítica literária e alguns professores e intelectuais denominariam esse tipo de leitura um passo para o escapismo, para a alienação. Mas será que gostar de uma leitura envolvente, que mexe com a nossa imaginação é ser um leitor alienado?

Penso que a literatura não deva ser vista especificamente como algo que nos faz fugir dos problemas do cotidiano, tornando-nos alheios à nossa realidade. A literatura pode gerar uma crise de identidade, como pode, apenas, entreter ou divertir, sem que com isso se ponha em questionamento seu valor.

³⁴ Foi na década de 1970 que apareceram as primeiras publicações dessa série, chamada de literatura cor-de-rosa. Seu auge ocorreu na década de 1980 e ainda continua com um público cativo. Ver depoimentos de várias leitoras em matéria publicada no caderno *Vida & Arte* do jornal *O Povo*. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/lietratura-cor-de-rosa>. Acesso em 30 de ago. 2007. Antes de *Sabrina*, *Júlia e Bianca* lia-se a *Coleção das Moças*, principalmente os romances de M. Delly. Mais informações sobre essa coleção ver em CUNHA, Maria Teresa, 1999.

3.1.3.2.9 Literatura: isso ou aquilo?

A partir das definições dadas pelas alunas, podemos constatar que literatura não se define. Ou seja, cada grupo social e cultural tem um conceito de literatura a partir de critérios estabelecidos por eles. Entretanto, percebemos que há em suas definições uma forte influência dos componentes curriculares voltados para o ensino de literatura, que fizeram parte de sua formação acadêmica. As ementas de tais componentes priorizam o estudo da literatura erudita.³⁵

Querer definir literatura é optar por escolhas, e, ao revelarmos essas escolhas, acabamos por selecionar alguns textos e autores como sendo os melhores. Assim, a “literariedade” inerente aos textos acaba por não definir um texto como literário (ou não), e sim determinados fatores que ultrapassam os aspectos internos desse texto, como por exemplo, indicação de um livro por um especialista em literatura ou por um intelectual, bem como informações prévias a respeito do autor.

Para algumas das alunas, como Thaise, os livros de Paulo Coelho são considerados literatura, dado que seus conteúdos apresentam uma linguagem acessível e têm o poder de mudar vidas. Outras gostam mais da literatura de cordel, como Carla, porque são versos rimados que representam o olhar daqueles que sempre estão à margem do poder. Outras, como Joana, gostam da literatura cor-de-rosa, porque representa uma literatura que favorece a emoção, o entretenimento. Como diz José Mindlin:

Não existem regras rígidas que possam ser estabelecidas e, menos ainda, obedecidas, indicando o que deve e o que não deve ser lido. É uma questão de gosto e de interesse pessoal: o mundo da leitura deve ser um mundo de liberdade intelectual. Eu não tenho a menor hesitação em pegar um livro de Agatha Christie depois de ter lido uma peça de Shakespeare. O contraste existe, mas não é pecado, nem sequer pecado venial (1999, p. 104).

E assim, os textos chamados de canônicos podem viver lado a lado com aqueles que não têm tanto prestígio.

³⁵ Ver componentes curriculares e ementas em ANEXO J – Componentes Curriculares e Ementas de Literatura do Curso de Letras Vernáculas – Integralização Curricular.

3.1.3.3 Leitor

De um modo geral, em especial no meio acadêmico, – apesar de já estar ocorrendo algumas mudanças – ainda se entende por leitor um indivíduo que lê textos escritos, preferencialmente livros destacados por críticos literários, intelectuais e alguns professores. Sendo assim, não seriam considerados leitores aqueles que lêem folhetos de cordel, manual de instrução, livros de auto-ajuda, *best sellers*, correspondência e outros gêneros textuais.

Na verdade, o livro apontado como objeto de cultura – considerado como “a verdadeira leitura” – não traduz o universo cultural do brasileiro, mas ainda é aquele indicado para concursos e vestibulares. Citando o caso da Bahia, verifica-se uma incidência por livros considerados como obras clássicas da literatura brasileira, de leitura obrigatória no ensino médio: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Senhora*, de José de Alencar; *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, entre outros³⁶;

Mesmo demonstrando uma tendência muito grande para preferência de textos literários durante as indagações, tanto no questionário, como nas entrevistas narrativas, as mulheres-leitoras do curso de Letras trouxeram um perfil diferente tanto para elas enquanto leitoras, como para um leitor comum.

3.1.3.3.1 Imagens que as leitoras têm delas mesmas

Das 17 (dezesete) alunas, 01 (uma) acredita ser leitora porque lê constantemente: “A leitura é algo presente em minha vida, pois é uma atividade que pratico no meu dia-a-dia” (Vanessa).

Além de se considerar leitora por ler cotidianamente, 01 (uma) aluna acrescenta a questão do gostar de ler como característica de um leitor: “[Considero-me leitora] porque eu tenho um contato diário com a leitura e gosto de ler. O gostar de ler é um grande passo para uma boa leitura” (Lídia).

³⁶ Livros constantemente indicados no vestibular da Universidade do Estado da Bahia.

Outra aluna assinala apenas o gostar de ler para se considerar uma leitora: “[Considero-me leitora] porque gosto de ler. Nas horas vagas estou sempre lendo alguma coisa.” (Joana).

Além do gostar de ler, 01 (uma) aluna ressalta que é necessário ter tempo disponível para ler e condições financeiras para comprar livros: “[Considero-me leitora] porque gosto de ler e me realizo lendo. Porém, não disponho de tempo para fazer todas as leituras que gostaria de ter lido, nem de condições financeiras para adquirir alguns livros” (Carla).

Além disso, segundo outra aluna, Marta, é preciso gostar de ler para estar informada e não tratar a leitura como obrigatoriedade: “[Considero-me leitora porque] gosto de ler, gosto de me manter informada e, principalmente, não faço isso por obrigação”.

Gilvânia diz que gostar é necessário, mas acrescenta que leitor de verdade é aquele que compartilha suas leituras: “Além de adorar a leitura, procuro compartilhar com pessoas que gosto (amigos, familiares, alunos, etc), pois alarga minha visão de compreensão do mundo e das pessoas”.

Além do ler cotidianamente, Thaise traz a idéia de que se considera leitora porque lê textos diversificados: “[Considero-me leitora] porque leio sempre, todos os dias, todo e qualquer tipo de texto”.

Duas alunas concordam com Thaise no que diz respeito à questão do ser leitora por ler diversos gêneros textuais:

A partir do momento que o leitor não é somente aquele que se “prende” a textos literários, me considero leitora (Priscila);

Porque me interessa a ler os livros que me chamam a atenção; leio anúncio, avisos, livros diversos! (Carmem).

Outras alunas, como Daniele e Paloma, acreditam serem leitoras porque é através da leitura que estão sempre atualizando os conhecimentos, transformando-os em possibilidade de luta contra os (di) sabores da vida, através da imaginação:

[Considero-me leitora] porque a leitura me completa, e o que leio se transforma em um processo que me impulsiona para um horizonte infinito de possibilidades imaginativas, ricas e poéticas (Daniele).

Com a leitura eu atualizo meus conhecimentos, adquiro novos saberes, outras crenças, idéias e valores, passo a gerenciar os pensamentos, superar a ansiedade e descubro coragem na dor, força na fragilidade e lições nos fracassos (Paloma).

Já Cristina e Andressa investem na idéia de serem leitoras por saberem selecionar suas leituras, utilizando as estratégias necessárias para o alcance da leitura no nível interpretativo:

Hoje eu me considero [leitora], porque já sei selecionar minhas leituras e o que significa ler nas entrelinhas (Cristina).

[Considero-me leitora porque] ao ler um texto procuro compreender os objetivos e funções do gênero lido, ativar meus conhecimentos prévios, selecionar os conhecimentos relevantes do texto, confrontar os saberes, aplicar as estratégias de leitura, etc (Andressa).

Apenas 01 (uma) aluna, das 17 (dezessete), disse não se considerar leitora: “[Não me considero leitora] porque a minha leitura é mais acadêmica. Devido ao meu trabalho, não tenho muito tempo para ler. Mas se fosse ser professora teria que repensar essas questões” (Simone).

Percebe-se pela resposta dessa aluna que, uma leitora deve ler mais do que textos acadêmicos e ter bastante tempo para se dedicar à leitura, principalmente, se há uma pretensão de ser professora. É como se a leitura só estivesse relacionada ou fosse importante para aquelas pessoas que estão envolvidas com a docência.

Mesmo com respostas diferentes, 99% das alunas consideram-se leitoras. As características apontadas foram: ler constantemente; gostar de ler; querer estar informada para ampliar os conhecimentos; compartilhar as leituras; ler todo gênero textual, ou seja, não só textos literários; ter tempo disponível para ler e ter condições financeiras para comprar livros.

Duas características chamam atenção: a primeira é a de ter tempo disponível para ser uma leitora. Geralmente, quando se gosta de algo, como foi dito pela maioria que gosta de ler, sempre se procura destinar um tempo para a realização dos gostos e das preferências, principalmente, quem trabalha com esse objeto no dia-a-dia. Entretanto, é necessário observar que das 17 (dezessete) alunas só 05 (cinco) trabalham como professoras e 01 (uma) como coordenadora pedagógica.

A outra característica diz respeito a ter poder aquisitivo para comprar livros, visto que elas declararam anteriormente que ouvir e contar histórias são sinônimos de leitura e que para superar a falta de recursos financeiros os empréstimos às bibliotecas, aos amigos, aos familiares, aos professores, compras em sebos e feiras livres possibilitam o contato com a leitura.

Segundo Bernard Lahire (2004), há de se pensar a idéia passada pelas estatísticas sobre a leitura, principalmente a de que as pessoas não lêem ou lêem pouco. Segundo esse autor, as estatísticas reduzem o número de leitores à quantidade de livros lidos. E sendo a leitura heterogênea em todo lugar e espaço social, é preciso refletir sobre a seguinte questão: quem leu 01 (um) ou 05 (cinco) livros por ano, diferente de quem leu 25 (vinte e cinco), pode ser considerado um não-leitor ou leitor limitado? Ou melhor, dizendo: existe não-leitor? Entende-se, dessa forma, que leitura não é ler um livro x ou y, ou ler muitos livros, mas as experiências vividas entre o leitor e o livro.

3.1.3.3.2 Imagens que as leitoras têm de um leitor

Logo após perguntar se as alunas se consideravam leitoras, foi indagado qual seria o perfil de um leitor. Era esperado que as respostas coincidissem com as respostas da questão: “Você se considera um leitor?” Isso só ocorreu com as respostas de Suzana, Cristina, Carmem e Andressa.

Em parte, 09 (nove) alunas apresentaram características que coincidiram nas duas questões. Por exemplo, Daniele considera-se leitora porque a leitura a completa, a impulsiona para várias possibilidades imaginativas; mas ao definir o perfil de leitor diz: “[Leitor é] todo aquele sujeito que esteja livre de qualquer forma de preconceito”. Gilvânia aponta que é leitora por adorar ler e compartilhar suas leituras, mas, em seguida, responde: “Ser leitor é aquele que compreende o mundo; compreende-se no mundo”. Marta afirma ser leitora por gostar de ler, de querer estar informada e porque não lê por obrigação. Confirma as duas primeiras características ao definir o perfil de um leitor, não faz nenhuma alusão a terceira e acrescenta: “[Ser leitor é] aquele que, mesmo estando assoberbado de coisas para fazer, procura uma hora vaga para exercitar a leitura e renovar os seus conhecimentos”.

Carla considera-se leitora, porque gosta de ler e se sente realizada; mas ao definir leitor, acrescenta: “Leitor é aquele que reflete o que leu e tenta aproveitar o máximo no cotidiano”. Nada diz acerca da necessidade de se ter condições financeiras para comprar livros e da disponibilidade de tempo. Joana também enfatiza o gostar de ler para se enxergar como

leitora; mas, na segunda questão, diz o que não a caracterizou como leitora: “O leitor é aquele indivíduo que gosta de ler, que está sempre lendo: para aprender; se informar; se divertir, etc”. Lídia acredita ser leitora porque tem contato diário com a leitura e confirma isso ao definir leitor; todavia, acrescenta: “O leitor deve ser reflexivo. Um bom leitor deve saber aproveitar as suas leituras em sua vida”.

Thaise considera-se leitora por ler sempre, mas não aponta essa característica como perfil de um leitor: “Um leitor deve ler de tudo, não ter preconceito literário. Um bom leitor não deve criticar um autor se não leu sua obra”. Traz o adjetivo “bom” para classificar o leitor, dizendo que para ser “bom”: “não deve criticar um autor se não leu sua obra”. Maristela considera-se leitora por ler frequentemente e com prazer. Confirma a assiduidade como traço peculiar de um leitor, não fala sobre o prazer de ler e acrescenta outras características: “[Leitor é] alguém que busca interpretar o que lê e que varia seus tipos de leitura apesar de ter algumas preferências”.

Quanto a não ler um livro ou não conhecer um autor e criticá-lo, Pierre Bayard (2007), contrariando o pensamento de Thaise, diz que muitos livros dos quais falamos e consideramos importantes na nossa vida, jamais os lemos inteiramente, ou talvez, até nem lemos. Mas só por ouvirmos falar sobre eles através de outras pessoas, permitimo-nos formar uma idéia do que contêm e até formular uma opinião sobre os mesmos.

Concordando com esse autor e levando em conta as narrativas das alunas de como se aproximaram da leitura: através da contação de histórias, de livros emprestados pelos amigos, vizinhos e bibliotecas, não deveriam elas, por exemplo, considerar necessário ler assiduamente para ser um leitor; pensar na necessidade de que é preciso gostar de ler para ler; e até mesmo que se faz necessário conhecer o livro ou autor para se elaborar uma idéia sobre seu conteúdo e autor.

4 OS POSSÍVEIS CAMINHOS DA LEITURA E DAS LEITORAS

4.1 Narrativas de vida: itinerários de leitura de seis mulheres-leitoras

Para compor os retratos de vida das seis alunas selecionadas, procuro, aqui, a partir de algumas pistas fornecidas por elas, seja no questionário ou nas entrevistas, apresentar o perfil de cada uma. Mais adiante, a partir dos seus depoimentos, levando em conta a instância de mediação de leitura (biblioteca), faço maiores explorações a respeito das pessoas, situações e livros que influenciaram suas práticas de leitura, bem como os espaços que utilizam para ler, se usam a tela e a fotocópia em substituição ao livro, como lêem, onde guardam seus livros, a frequência que os procuram e a existência (ou não) de censuras a certos impressos.

1 – **Thaise** tem 27 anos, é natural de Feira de Santana - BA, casada e tem duas filhas. Adora ler, principalmente em sua casa: na cama, na rede, na sala, em sua biblioteca, na cozinha, no quintal, na casinha de bonecas das filhas e até no banheiro. Como não trabalha, atualmente, dedica boa parte das horas vagas para ler, cuidar das filhas e escrever.

Thaise concluiu o ensino fundamental em escola particular, em 1988, e o ensino médio em escola pública, em 2000. Iniciou o curso de Letras Vernáculas no semestre 2003.1, no Campus IV, UNEB.

Seu contato com a leitura deu-se na infância por iniciativa própria e por intermédio da mãe e da escola. Quando criança, costumava buscar os livros nas bibliotecas públicas em Feira de

Santana ou os conseguia através da mãe que, de vez em quando, os comprava, pois não possuía uma biblioteca paterna que lhe possibilitasse acesso aos livros que queria ter.

Era uma menina que gostava de ouvir histórias, sendo que, por intermédio delas, podia sentir o cheiro da liberdade:

Posso dizer que não tive uma infância totalmente infantil. Então, quando tinha a oportunidade de ouvir histórias, viajava nas mesmas. A leitura para mim sempre foi um refúgio e eu sempre gostei de me colocar no lugar das personagens das historinhas que ouvi.

Confessa que aproveitava esses momentos de contação de histórias, pois como ficava mais tempo com a avó, que era muito severa, tinha pouca oportunidade de ouvir sua mãe contar histórias, e de envolver-se com elas, o que lhe ocasionou mais tarde uma grande timidez:

Até pouco tempo eu não gostava de pronunciar nada, eu era muito tímida para falar, porque minha avó sempre me repreendeu. Não só a mim como os outros netos e os próprios filhos. Minha avó ficava comigo porque a minha mãe trabalhava. Como ela sempre foi muito severa, muito antiga, então, criança não podia falar. Por isso, eu fiquei muito reprimida. Eu acho que por esse motivo eu converso demais hoje. Eu só comecei a me liberar depois, quando comecei a fazer dança. Fiz isso realmente por mim, porque até na faculdade, no curso de Geografia, um dos motivos que me levou a desistir foi muita apresentação de seminário. Perdia no seminário, recuperava nas provas para não ter que falar. E hoje, depois que terminei o curso de Letras, continua. Era por isso que eu dizia que não queria ser professora: “Eu não quero falar, quero ficar calada”. Por isso, sempre fui de escrever muito, até hoje. Tenho certeza que responderia melhor as perguntas se fosse por escrito do que assim, oralmente.

Hoje, na condição de mãe, costuma, também, contar histórias para as filhas. Quando tem que escolher um livro para ler, os contos infantis estão em primeiro lugar. Deixa um espaço na estante de sua casa reservado apenas para os livros infantis: “[...] aqui é uma parte que é literatura mais infanto-juvenil, que eu estou separando para as meninas”.

Na adolescência, continuou a freqüentar as bibliotecas públicas, mas essas já não lhe bastavam mais, e, então, começou a pedir livros emprestados aos amigos e aos vizinhos:

Na adolescência, geralmente, aconteciam empréstimos, porque a maioria dos meus amigos gostava de ler. A gente sempre se encontrava e acabava trocando leituras. Alguns vizinhos sabiam e costumavam passar em frente a nossa casa, via a gente lendo e perguntava: “Estou com tal livro, já leu?”.

Hoje, já compra livros, entretanto, apenas aqueles que conseguem lhe seduzir, seja pelo enredo ou pela temática.

Os romances também a fascinavam, e continuam a seduzi-la. Segundo ela, basta ter muito romantismo. Ao recordar-se dos livros marcantes, destaca como leitura prazerosa *Pássaros Feridos*, de Colleen Mccullough, e justifica: “Sempre gostei de histórias de amores proibidos. Eu lia imaginando um dia viver um [amor proibido] também”.

Com essa fala, Thaise retrata o Bovarismo ³⁷, na pele de Ema Bovary. Assim como essa heroína, a aluna apresenta sua vida pelos parâmetros da sua experiência leitora. O abismo entre as duas experiências, a da realidade e a do imaginário, confere uma dimensão à noção do bovarismo:

Até esses dias eu tive comentando que eu acho que acreditei demais em contos de fadas, nas histórias das princesas. Achava que realmente a gente casava e vivia feliz para sempre. Não imaginava que a gente levava problemas para o casamento. Eu fico pensando assim: “Será se é porque eu li contos de fadas demais e fantasiei demais a vida?” Mas isso aí me influenciou de uma forma que eu não penso que foi negativa, porque eu sou uma pessoa sonhadora e se eu desistir de acreditar nos meus próprios sonhos? Nessas histórias que existe o príncipe, a princesa, que eles podem ser felizes para sempre? Eu não, não consigo ser feliz de outro jeito. Eu acredito nisso.

Nos dias atuais, Thaise diz ler tudo: de literatura brasileira clássica a livros de auto-ajuda. Esse seria um dos motivos para se considerar leitora, demonstrando, dessa forma, não se preocupar com a imagem social da leitura criada por críticos literários ou intelectuais:

Não tem nenhum tipo de leitura que me envergonhe de dizer. Eu leio de tudo. Eu leio conto erótico, eu leio Paulo Coelho, **que eu adoro**. Eu leio Harry Porter, assim como eu leio Machado de Assis, Graciliano Ramos. Não tenho preconceito nenhum quanto à leitura. **Adoro** *Sabrina*, *Júlia*, *Bianca*. Me deleito nisso aí. Eu deito na cama e leio. **Adoro**. Não tem quem faça alguém me convencer que não presta, que não é literatura, porque para mim é literatura. Essa é a minha opinião, e eu acho que não vou mudar.

Quanto a ler qualquer livro ou autor, Abreu (2006a) traz-nos uma reflexão bastante interessante. Ela defende a idéia de que não há livros bons ou ruins, visto que nem todos compartilham dos mesmos critérios de avaliação. Seria mais produtivo alargar o acervo de leitura na escola, permitindo que os livros fossem lidos e discutidos pelos alunos, independente do gênero textual ou autor. Garantir espaço para a leitura a partir da diversidade textual seria uma forma de garantir o espaço do outro, além do que, propiciaria o acesso ao

³⁷ Termo criado por Jules Gaultier, em 1892, a partir do romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*. O bovarismo consiste numa *insatisfação romanesca* com a realidade e demonstra a dificuldade do leitor ou da leitora em assumir uma posição crítica em relação ao ficcional. Hoje, essa noção estendeu-se, passando a representar outros contextos. Na psicologia, por exemplo, refere-se a atitudes neuróticas.

conhecimento da cultura alheia. Isso, segunda ela, já seria um bom começo para ler e para estudar literatura.

2- **Carla** tem 28 anos, é natural de Miguel Calmon - BA e é casada. Adora ler, principalmente na cama. Não trabalha na área de Letras, mas possui experiência profissional na referida área. Atualmente, ministra aulas no Ensino Fundamental I.

Lembrando-se de sua infância e adolescência, ela conta o seu gosto pela leitura, alimentado pelo pai que escondia num baú trancado seus textos prediletos. Somente na adolescência ficou sabendo que os textos que tanto mexiam com seu imaginário eram folhetos, isto é, literatura de cordel. Segundo ela, o pai não gostava que ninguém os pegasse para não danificá-los. Então, quando ele saía para trabalhar, ela pegava a chave, abria o baú, esparramava os livros no chão e ficava lendo até poucos minutos antes do retorno dele para casa:

Geralmente eu gostava de ler deitada na cama. Era a literatura de cordel. Deixa eu pegar escondido do meu pai (risos). Esses eram os livros que eu gostava de ler à tarde, que era a hora que ele não estava em casa. Agora eu posso ler sem ser escondido (risos).

Carla diz que até hoje gosta de ler literatura de cordel e confessa que, ao recordar os hábitos e costumes familiares por meio das narrativas, relembrou de como gosta desse tipo de literatura, mas nunca havia trabalhado esses textos na escola onde leciona:

Depois que comecei a lembrar minha infância através dessa pesquisa, pensei: “Como eu fui instigada por meu pai para a leitura de folhetos!” Agora, sempre que sobra um tempinho durante a aula, recito alguns versos de cordelistas que conheço. E meus alunos estão gostando bastante.

Comparo esse momento na vida de Carla – tanto em relação à influência das leituras do pai em sua história de vida, quanto à influência de seu gosto pela literatura de cordel no repertório de leitura dos seus alunos - ao testemunho de Carmem Arraigada, quando essa chilena foi influenciada pelos gostos de Rugendas. Carmen Arraigada (1807-1900) e o pintor Juan Maurício Rugendas (1802-1858) tiveram um romance no qual o diálogo amoroso foi permeado de experiências particulares de leitura. Carmem era de origem pobre e não possuía uma biblioteca, mas algumas estantes destinadas para os livros que recebia de presente. Por influência de Rugendas, ela é movida a ler Hoffman, Walter Scott, Goethe, Victor Hugo e Balzac.³⁸

³⁸ Ver em ZANETTI, Susana, 2005, p. 45-59.

Carla, também se recorda que a mãe gostava mais de escrever e contar histórias, diferente do pai, que gostava mais de ler. Às vezes, até os vizinhos iam para a porta de sua casa e ficavam por lá, ouvindo as histórias:

Minha mãe na época [infância e adolescência] gostava mais de escrever, inclusive cartas e tudo. A única coisa que ela fazia em relação à leitura era contar história, no caso oral. Mas ver lendo, mesmo, eu via mais meu pai. Como a gente não tinha televisão em casa, às vezes, à noite, ele lia para a gente. Depois, quando veio a televisão, mudou. Chegaram as novelas e aí perdemos isso: de ter em casa [a leitura] à noite e estar lendo. Quando tinha vizinhos, era na porta de casa, mas quando só era a gente de casa, era na sala com a vela. Aí, a gente ficava lá escutando, ouvindo as histórias.

O que acontecia com Carla é o que Chartier (1990) chama de redes de sociabilidade. Testemunhos como esses, no entanto, na era da informação, são raros. No século XXI, coexistem diferentes modelos de instrução e formação, o que equivale a dizer modelos de educação: o virtual e o presencial. Contudo, ainda é um período em que o computador e a internet, por exemplo, não são extensivos a toda população. Mais adiante, tento mostrar como a leitura frente à tela ainda está distante das alunas pesquisadas.

Carla diz não ter uma biblioteca pessoal por só possuir textos didáticos; porém, conta que se tivesse condições financeiras, compraria muitos livros para formar a biblioteca dos seus sonhos:

Eu gostaria de ter livros clássicos (da literatura); literatura infantil brasileira; contos; fábulas; literatura de cordel; livros religiosos; bíblias de estudo; revistas científicas e de atualidades e outros livros de pesquisa; gramáticas diversas; entre outros.

Ela confirma o que diz Diana Marchi: “[...] os didáticos são vistos como livros da escola e não dos leitores” (2004, p. 160). Por entender que o livro didático a limita e restringe seu repertório de leitura, a vontade de ter esses livros seria o desejo de estar sempre informada e ter conhecimento sobre outras áreas. Mais uma vez, essas alunas deixam pistas a respeito da valorização da leitura como sendo algo proveitoso. Isto é, a missão que lhes foi dada como alunas ou professoras do curso de letras: guardiãs do conhecimento.

3 - **Paloma** tem 49 anos, natural de Jacobina - BA, é divorciada e tem dois filhos, os quais residem em Sergipe. Em decorrência disso, mora sozinha em Jacobina. Por sempre ter gostado de ler e de escrever, até hoje incentiva seus filhos a estudarem:

Sempre gostei de ler, até papel caído no chão da rua... [...] No decorrer de toda a minha vida, eu nasci e cresci em casa de professores. Meus pais eram analfabetos e eu fui criada por uma tia. E todas as pessoas da casa da minha tia eram professoras. Oito professoras. Eu cresci desde quatro anos no

convívio com livro e escrita. E, por coincidência, eu fui aluna de todas elas desde a alfabetização até o quinto ano primário. E eu tinha por obrigação de ser a aluna número um por eu ser e morar em casa de professores, que eram meus parentes. Então, eu vivi durante toda minha vida cercada por livros; e todo material escrito que chegava até a casa delas eu lia. Alguma coisa eu não entendia e buscava entender. Muitas vezes era assunto que ainda estava muito distante da minha realidade, mas mesmo assim eu ia atrás, eu corria e perguntava, eu “disbibliotecava” tudo, folheava tudo, nada passava sem eu ler. Na casa delas sempre tinha uma biblioteca, uma mini-biblioteca, desde livros do currículo escolar de primeira a quarta série. Livros didáticos que elas usavam no seu dia-a-dia, jornal, revista, gibi – eu folheava todos.

Essa fala de Paloma a define como leitora voraz. Na infância, gostava de ler gibis, revistas variadas, jornais. Conta que, apesar de ter poucos recursos financeiros, isso nunca foi empecilho para que ela lesse. Como ela mesma enfatiza: “Sempre gostei de ler, até papel caído no chão da rua”.

Ainda no tempo de menina conta que para tentar driblar a falta de recursos financeiros e ter acesso à leitura, ela e mais algumas amigas formaram o “clube do gibi”:

Nós usávamos a garagem da casa de Dona Eulina para ler os gibis. Todas as noites naquela época, nós íamos para lá com uma velinha. Sempre Dona Eulina dizia: “Tragam as velas, os fifós, os candeeiros porque não tem energia pra lá”. Pela manhã, trocávamos os gibis que conseguíamos nas bancas de revistas. Eles arrancavam as capas dos gibis, mas ficava a história. As que a gente mais gostava eram as histórias de *Mônica*, de *Cebolinha*, de *Tio Patinhas* e do *Mickey*. A gente amava aquilo ali. Até decalcava e pintava. Isso começou porque esse grupo gostava muito de ler. Nosso grupo era fominha. Só que eu era pobre e não tinha dinheiro para comprar livro. Então, duas colegas que eram ricas (risos), compravam. Eu vivia na custódia delas. Mas um dia uma delas disse: “Não! Vamos ampliar. Só eu compro, só eu compro, só eu compro!” Assim, eu sugeri: “Vamos fazer um clube do gibi”. Juntamos todas da mesma rua e à noite a gente se reunia lá. Constantemente Dona Eulina vinha e olhava para ver o que é que a gente estava fazendo. Nós éramos vigiadas. Minha tia ia também para saber onde era que eu estava.

Paloma relata com bastante entusiasmo que Dona Eulina deixava ela e as colegas usarem a garagem da sua casa para que pudessem se reunir para realizar suas leituras, e deixa a pista de que, em sua época, as leituras eram vigiadas. Hoje, há uma tendência dos pais em querer saber o que os filhos lêem frente à tela.

Acrescenta que só entravam no clubinho as meninas que contribuía para o acervo das caixas onde guardavam os gibis:

O poder aquisitivo de quem freqüentava o clubinho era bastante diverso, mas isso não importava, porque todas contribuía de acordo com o dinheiro que

conseguiam com os pais ou familiares. Algumas levavam quatro gibis por mês, outras apenas um.

Paloma lembra o recorte de crônica, publicado no *Jornal do Brasil*, cujo título fora modificado por Clarice Lispector para publicação no livro *Felicidade Clandestina* (Sabiá, 1971): de *Tortura e glória* para *Felicidade Clandestina* (1998). Esse conto apresenta uma leitora bastante diferente. A protagonista demonstra ter uma paixão pelos livros, contudo, não tem condições financeiras de tê-los e, por conta disso, vive à mercê de outra garotinha que é rica e cujo pai é dono de uma livraria. Na ânsia de ler, submete-se então às humilhações da colega rica, que não valorizava a leitura e inconscientemente se sentia inferior às outras, sobretudo à narradora:

O plano secreto da filha do dono da livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo (p. 10).

A relação da personagem-leitora com o livro começa desde cedo e se transforma na idéia central de sua vida: “Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam” (p. 10). Assim, também, aconteceu com Mindlin: “O amor ao livro e o hábito da leitura vêm de longe e constituem um dos interesses centrais de minha vida” (1997, p. 15).

Pelo fato de Paloma desde pequena ter o hábito de trocar livros e pedi-los emprestados, ainda hoje continua com essa prática, não possuindo uma biblioteca pessoal: “Livro para mim deve estar sempre em movimento, de mão em mão, deve estar à vista de alguém para que, no simples manuseio, a pessoa encontre algo que desperte sua atenção. Os poucos que tive doe!”.

Percebe-se que ela gosta de ler, no entanto, não permite que o livro fique parado em sua biblioteca, porque acredita que os textos devem estar em movimento: de mãos em mãos, de estante em estante. Entretanto, diz que se pudesse, teria em sua casa a coleção completa dos livros de Graciliano Ramos e de Clarice Lispector, autores que conseguem seduzi-la, tanto em relação à linguagem, quanto ao enredo e às reflexões que seus textos proporcionam. Além desse motivo, diz querer possuir essas obras para poder no futuro deixar como herança para os netos.

Além de comungar com a idéia da circulação dos livros, diz não ter em sua biblioteca esses livros pelos mesmos motivos que contribuíram para que ela não comprasse livros na infância e na adolescência: custo acima do poder aquisitivo do brasileiro. Assim, ao ser indagada a respeito do porquê de não possuir tais livros, responde:

Por falta de recursos financeiros, e também por ser cliente VIP das bibliotecas públicas e particulares e pertencer a um rol seletivo de amigos leitores os quais vivem de trocas, não só aqui em Jacobina, como em Salvador. Eu faço esse **intercâmbio**.

Nesse momento, começa a associar seu cotidiano à vida dos personagens das histórias que lia:

Eu comecei a ler, como eu relatei antes, com o clubinho da rua, com as revistinhas emprestadas, doadas de banca de revista. **A gente sonhava** com a *Cinderela*, com a *Gata Borralheira*. Muitas vezes eu mesma me sentia a gata borralheira porque não tinha **acesso** a determinadas coisas. Ah, a sociedade naquela época mostrava para gente **a moda**, a meia de **arrastão**. Eu não tinha o sapato de couro de verniz. Eu não tinha, mas outras tinham. Era nesse momento que eu me sentia a gata borralheira. Eu não conseguia compreender o porquê daquilo: uns tão abastados e outros tão esfomeados. Entrava aí a **história do Gato de Botas**, *Peter Pan*. Eu vibrava por Peter Pan, pelas **traquinagens** que ele fazia; *O Patinho Feio*. Meu Deus do céu! Quando eu me olhava **no espelho** e via as minhas pernas **fininhas**, eu me sentia um patinho feio. Enquanto as meninas da minha época, as minhas amigas do clubinho e da escola, tinham pernas grossas, eu sempre fui magrinha da perna fina. Esses momentos foram marcantes para mim.

Paloma seria aquela leitora que Lajolo diz se envolver com a vida das personagens a ponto de em algumas histórias se encaixar nos cenários e nas ações diferentes de seu cotidiano e/ou em outros momentos, viver o que já conhece a partir de um outro ponto de vista: “E por isso que se lê [...]: para viver por empréstimo, e nesta vida emprestada aprender a viver” (2004, p.28).

Paloma, quando pode comprar livros, dirige-se às feiras de livros, aos sebos e aos bazares, pois alega que os preços são mais acessíveis: “Eu geralmente não compro livro. Eu leio **livros**. Não me importa que seja de bazar, de sebo, de biblioteca, de biblioteca pessoal”. Ao contrário do que muitos acreditam, quem deseja adquirir um livro não busca necessariamente uma livraria, mas bienais do livro, fazem o círculo do livro, ou optam pelos sebos, como Paloma. Infelizmente, em Jacobina, não existe nenhum sebo, mas desde o final do século XX, especificamente meados da década de 1990, o leitor brasileiro já tem a oportunidade de visitar vários sebos virtuais e fazer suas compras sem sair de casa.³⁹

³⁹ Ver mais informações sobre sebos e sites que congregam livros usados em LEMOS, Adriana. MACHADO, Marineide. DIAS, Denise, 2006, p. 4.

Até hoje, já quase para se aposentar como professora, diz não ter condições de comprar livros, admitindo que a melhor maneira para não ser excluída desse direito é trocar livros:

Eu acho que livro tem que viver em movimento. Passar de **mão em mão**. Eu uso muito isso. Nesse ano, eu comprei muito pouco livro. Primeiro de tudo porque o meu poder aquisitivo não me dá condição para comprar os livros que eu gosto, dos autores que eu gosto. Livros **são caros**. **Eu sou** altamente seletiva na escolha dos meus livros. Quando eu pego a revista *Veja*, que as minhas primas fazem assinatura, eu leio do início ao fim. Criou-se esse hábito dentro da família. Cada semana alguém lê uma revista até que todas leiam a mesma revista. “Quem vai ler é fulano, depois de fulana vai ser cicrano”. Então nós temos isso.

Por ser professora, Paloma, ao definir leitura, traz assuntos do âmbito escolar e universitário, como circulação de diversos gêneros na escola e na vida do aluno. “Horizonte de expectativa” do leitor e repertório de leitura que cada pessoa vai constituindo durante sua vida:

A leitura é algo que atravessa todas as áreas do conhecimento, a partir dos textos escritos e das diversas tipologias textuais que inevitavelmente implica em escolhas motivadas por diferentes razões e interesse no campo da informação, conhecimento e prazer estético.

Ler, como compromisso de todas as áreas, no final do século XX, passou a ser o propósito das escolas públicas brasileiras. Em 2005, houve o primeiro Fórum de Leitura Regional, em Jacobina, e várias escolas do Estado pertencentes à Secretaria da Educação, Direc 16, participaram e apresentaram projetos interdisciplinares, nos quais a leitura fora entendida como atividade essencial em todas as áreas.

Paloma diz não ter participado desse Fórum, entretanto, após o mesmo ter ocorrido, teve conhecimento de que os professores participantes iriam socializar, posteriormente, as discussões em seus locais de trabalho. Fato que na verdade não ocorreu. Mais uma vez fica constatado que as iniciativas em relação à expansão do livro e da leitura por aqueles que elaboram as políticas públicas ocorrem, todavia as instâncias de mediação da leitura ainda precisam ser repensadas.

Quanto à circulação de gêneros textuais na escola, Ângela Kleiman (2002) afirma que a proposta dos PCN comunga com a idéia de vários teóricos: trabalhar com a circulação e leitura dos gêneros em sala de aula é uma necessidade que ultrapassa fins meramente didáticos. Mas, na prática, isso ainda não é efetivado.

Percebe-se como Paloma, ao definir leitura, é conduzida pelas suas experiências leitoras como professora que lê em sala de aula, na escola, na universidade e em outras instâncias de mediação de leitura. Segundo Jauss (2002), a leitura de um texto é realizada a partir de uma perspectiva fundada nos interesses de cada um, ou seja, a partir do “horizonte de expectativa”. Assim como o produtor do texto tem uma intenção ao escrever, o leitor não se aproxima de um texto de forma despreziosa.

4 - **Daniele** tem 51 anos, é natural de Jacobina-BA, solteira e mora sozinha. Herdou do pai, que gostava muito de ler, uma vasta biblioteca. Apesar de sempre ter gostado de literatura, só depois de ter passado por diversos cursos, resolveu cursar Letras. Adora escrever e já publicou vários textos pela Academia Jacobinense de Letras.

Daniele, como filha única, sempre recebeu dos pais total atenção. Esteve sempre ao redor de pessoas que costumavam ler, sendo alfabetizada em casa ainda pequena pela tia. Seu pai possuía uma biblioteca cheia de livros clássicos, mas Daniele foi ampliando-a com seus gostos e preferências: Richard Bach, Ariano Suassuna, entre outros. Toda coleção de livros que se interessava, pedia ao pai, que logo providenciava. Na entrevista narrativa coletiva, ao ler o texto *Biblioteca verde*, de Drummond, rememorou sua infância através dos versos:

*Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres
São só 24 volumes encadernados
Em percalina verde.
Meu filho, é livro demais para uma criança.
Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo* (2005, p. 29).

Ela relata que, às vezes, o pai se recusava a comprar alguns livros por não concordar com o estilo de escrita de alguns autores que ela indicava. Outras vezes, a desaprovação era em relação ao tema. Histórias que envolviam sexo não lhe eram permitidas: nem na infância, nem na adolescência. Mesmo assim, confessa que lia escondido, como por exemplo, *Menino de engenho*, de José Lins do Rego:

O livro que meu pai nunca deixou eu ler foi “Menino de Engenho”. Esse livro era abominável para ele. Não podia entrar aqui em casa. Ele achava que o autor era muito debochado, porque mostrava um menino vendo os animais se cruzando. E na cabeça de meu pai isso era sexo. Induzia a gente a fazer coisas erradas. Eu só vim ler esse livro depois de desesseis anos porque fui atrás de Drº Flávio, que tinha vários livros. Ele me emprestou “Menino de engenho” e eu ia para casa da mãe de Drº Zeli, que era como uma tia para mim, e lia por lá. Quando eu tinha que voltar para casa, marcava a página e dizia: “Tia Laurinha, guarda esse livro que no domingo depois da missa eu volto pra ler de novo.” Ela me olhava com uma cara meio desconfiada, mas guardava.

Além dos contos de fadas, as fábulas, as lendas, a mitologia e a literatura infantil brasileira, gostava de ouvir histórias de ficção científica e histórias sobre os deuses argonautas. Da mesma forma que apreciava ouvir histórias, gostava de contá-las, principalmente, para os amigos. Também contava histórias para a mãe e para os primos. Atualmente, seu público cativo é representado pelos afilhados. Considera a contação de histórias uma experiência rica, tanto para quem ouve, quanto para quem conta.

Segundo ela, é considerada pelos amigos como compulsiva em relação à compra de livros. Diz que concorda com eles, mas que é uma compulsiva que lê os livros que se apossa. Diz que tem o maior orgulho de ter herdado dos pais a biblioteca da família e que vai continuar ampliando-a. A compulsividade em relação ao livro e o fato de ter herdado uma biblioteca familiar remete Daniele às histórias de leitura de Mindlin (1997), Anne Fadiman (2002) e Miguel Sanches (2004).

Daniele lembra o amor de Mindlin ao livro e ao hábito da leitura em sua biblioteca. Segundo ele, por conta de sua compulsividade, não consegue se limitar aos livros que ainda está lendo. Sente a necessidade de estar comprando sempre mais. Os outros dois autores dialogam com Daniele em relação a possuir uma biblioteca familiar. Em *Ex-libris: confissões de uma leitora comum*, Fadiman, ao falar sobre o grande valor que atribui à leitura em sua vida, afirma sobre a importância de ter descendido de pais escritores e, principalmente, de ter acesso a uma vasta biblioteca paterna. Diferente de Sanches que, em *Herdando uma biblioteca*, conta que das muitas orfandades que sofreu, a mais forte foi não ter herdado uma biblioteca familiar; mas que isso não o impediu de se aproximar da leitura. Relata que a partir de afinidades culturais como, o contato com bibliotecas públicas, amigos e autores conseguiu alcançar os livros. Foi na biblioteca pública que diz ter conseguido começar seus projetos de Leitura.

As distintas experiências de leitura de Fadiman e Sanches demonstram que não é somente a quantidade de livros em casa ou o poder aquisitivo para comprá-los que vai determinar que alguém tenha acesso ou gosto pela leitura. Daniele foi a única das seis alunas que afirmou possuir uma rica e vasta biblioteca familiar. No entanto, todas as outras alunas têm suas experiências de leitura, independente de ter herdado ou não uma biblioteca.

Mesmo tendo uma biblioteca paterna, Daniele diz ser uma freqüentadora assídua de outras bibliotecas, porque sente prazer em estar entre os livros. A biblioteca do Campus IV é sua predileta, mas cita a do Centro Cultural de Jacobina, a Biblioteca Central da UFBA e a Biblioteca do Senado (Virtual) como espaços que gosta de visitar esporadicamente.

Mais uma vez, aparece aqui a narradora do conto de Clarice, que pode ser comparada ao desejo que Daniele demonstra em possuir livros. A narradora desse conto deseja o livro, suas histórias, o prazer de ler, encaixando-se, também, nas idéias de Barthes: “ler é desejar a obra, é querer ser a obra” (BARTHES, 1982 *apud* QUEIROZ, 1997). A sua afinidade com o livro era tanta, que o sofrimento por não tê-lo começou a afetar seu estado físico: “[...] eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados” (1998, p. 11).

E isso acontecia porque o ato de leitura para ela consistia numa necessidade. Assim, acontece com Daniele, quando conta que sua fome é de livro, uma fome que precisa ser saciada: “Eu não posso viver sem livros. Eu posso viver, assim, um mês sem amar, mas eu não posso viver um dia sem ler”. Para Alberto Manguel a principal razão de se apegar ao livro seria uma espécie de ganância: “Adoro olhar para minhas prateleiras lotadas, cheias de nomes mais ou menos familiares. Delicio-me ao saber que estou cercado por uma espécie de inventário da minha vida, com indicações do meu futuro” (2007, p. 269). Como nos diz Chartier (2001b): ler supõe uma relação íntima entre o leitor e um livro.

Depois de muitas idas fracassadas à casa da filha do dono da livraria para obter o tão desejado livro: *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, a protagonista do conto, enfim, consegue – por interferência da mãe da colega cruel – tal intento. Entretanto, ao invés de imediatamente lê-lo, - esse comportamento é esperado por grande parte dos leitores - saboreia antes de todas as formas a felicidade de ter a posse do livro por tanto tempo quanto o desejasse:

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada (p. 12).

Daniele conta que por inúmeras vezes agiu como a narradora desse conto: “Ao conseguir um livro que eu desejava, só conseguia lê-lo depois de muito pegá-lo, trocá-lo de lugar, folheá-lo,

até entender que era meu, que eu podia tê-lo a hora que quisesse”. Assim aconteceu com a protagonista do conto: algum tempo depois é que lê algumas partes e, ainda, aquelas que considera magnânimas; fecha-o várias vezes e vai se ocupar de outros afazeres. Sobre isso, Pennac (1993) nos responde com “Os direitos imprescritíveis do leitor”, entre eles: “o direito de não ler”, “o direito de pular páginas” e o “direito de ler qualquer livro”.

Concluiu o ensino fundamental em 1970 e o ensino médio em 1974. Depois daí, vieram várias aprovações em cursos diversos: Direito, quando ainda tinha apenas 16 (dezesesseis) anos, motivo pelo qual a impossibilitou de cursá-lo; Arquitetura, que era seu sonho maior, mas por conta do Inglês, acabou desistindo; Ciências Biológicas, que concluiu em Salvador; Geografia, que foi deixada para trás por falta de identificação pela área. Por fim, depois de já estar atuando como escritora na Academia Jacobinense de Letras, por incentivo da colega Doracy Lemos, resolveu inscrever-se no curso de Letras em 2001.⁴⁰ Mesmo assim, Daniele confessa que não pretende ser professora, apenas quis aproximar-se mais da literatura, que, segundo ela, tem um sentido especial em sua vida: “É ‘um pensamento acendendo a beleza da luz’, ou seja, é a procura da travessia entre vida real e imaginária, uma explosão das minhas emoções sobre minha razão”.

5- **Joana** tem 43 anos, é natural de Miguel Calmon - BA, casada e tem três filhos. Atualmente mora com o marido, em Miguel Calmon - Ba. Não trabalha na área de Letras, mas atua no Ensino Fundamental I. Quando os filhos eram pequenos, adorava contar histórias para eles. Hoje, conta histórias para seus alunos porque acredita que uma boa história pode despertar nas crianças o gosto e o prazer pela leitura.

Joana conta que grande parte dos livros em sua biblioteca são didáticos, e que, na verdade, nem são delas e sim da escola onde trabalha. Afirma que não gosta muito de xérox, mas quando é necessário, por conta da solicitação da leitura de livros ou capítulos de livros na faculdade, costuma recorrer à fotocópia. Porém, diz não ser isso que a impossibilita de ser uma leitora, pois quando quer um livro pede emprestado aos familiares, aos amigos e aos seus professores. Tem esse hábito desde pequena:

É bom [empréstimo de livros]. Desde a infância tenho esse costume. Com as minhas amigas eu trocava muito. Elas me emprestavam livros, revistas. A gente comentava sobre leitura, sobre outros tipos de leituras. Eu lia com outras pessoas da vizinhança, também.

⁴⁰ Hoje já não faz mais parte da Academia Jacobinense de Letras.

É uma leitora que gosta de compartilhar suas leituras, porque acredita que ao socializar o que se lê, a pessoa tem a possibilidade de conhecer o que o outro pensou a respeito do assunto lido, favorecendo um aprendizado a mais para todos. Na atualidade, costuma partilhar suas leituras com os amigos, os colegas de faculdade, os filhos, os alunos e os seus professores. Para ela, “a leitura é um processo que permite a aquisição de conhecimento, informação e diversão”.

Teresa Colomer (2007) acredita que o fato de partilhar leituras desde os primeiros anos de vida aumenta a possibilidade de uma pessoa tornar-se leitora, assim como falar sobre os livros lidos com outras pessoas. Para essa autora, essa troca de leituras favorece a permanência de hábitos de leitura. Ela também sugere que a escola precisa investir na criação desses espaços, tanto para o aluno que possui livro em casa como para aquele que não possui.

Ao lembrar sobre a leitura na escola onde estudava, o olhar de Joana em relação à biblioteca e aos livros revela o oposto do que Colomer afirma:

Minha escola era muito grande, tinha uma biblioteca enorme, mas ninguém fazia uso dela. Nessa biblioteca tinha sala de música. A gente fazia uma vez por semana. Eu passava por essa biblioteca, e como eu gostava muito de ler, ficava tentando folhear os livros, encantada com aquele monte de livro. Mas não sei o porquê de não ter aquele contato com a leitura.

Esses relatos de Joana demonstram que ela teve mais contato com a leitura fora do âmbito escolar, através do compartilhar livros com as colegas. Possivelmente, uma das causas de resistência à leitura na escola seja proveniente da ausência de formas de leitura socializada.

Na adolescência, adorava ler *Sabrina*, *Bianca* e a coleção *Vaga-lume*. Romantismo e suspense faziam parte do seu cotidiano de leitora. Atualmente, lê bastante literatura infantil brasileira e livros didáticos por conta da sua profissão, entretanto, as poesias e os contos são seus prediletos.

Por considerar os livros caros, acima de seu poder aquisitivo diz não possuir os livros que desejaria ter em sua casa, tais como algumas coleções da literatura brasileira clássica, infantil e juvenil, enciclopédias e revistas variadas. Enquanto não pode comprar, consegue revistas, como a *Veja*, a *Exame* e a *Época*, através do patrão do marido, que tendo conhecimento do seu gosto pela leitura, ao terminar de lê-las as envia para ela.

Lembra que conseguiu comprar apenas um livro na sua época de menina: *Tesouro da Literatura Infantil*. Assim, mesmo com muito sacrifício, pois teve que vender muitos selinhos para consegui-lo. Esse livro continha histórias que muito lhe fascinavam:

Eu vou pegar o livro e te mostrar. É uma coleção de livros da literatura infantil. O homem que vendia dava uns selinhos e nós tínhamos que vender, trazer o dinheiro e trocar por um livro desses. Eram 12 selinhos, se eu não me engano. Eu não sabia se eu ia ganhar os quatro ou qual eu ia ganhar. Como não conhecia muitas pessoas lá em São Paulo, não podia sair muito. Também eu era um pouco tímida, por isso eu só consegui vender selinhos para levar esse livro aqui: *Tesouro da Literatura Infantil*. São quatro histórias: *Espelho Encantado*, *A Noiva*, *A Bela Adormecida* e *O cisne selvagem*. O ano foi 1975. Eu ficava encantada quando eu via os meus colegas conseguindo ganhar mais e mais e mais, mas mesmo assim eu fiquei feliz por ganhar meu primeiro e único livro (risos).

No Brasil, há por parte do governo divulgação quanto à leitura como necessidade, através de políticas públicas⁴¹ e propagandas; contudo, a dificuldade de acesso ao livro permanece, seja pelo preço do livro (acima da possibilidade de compra do brasileiro) ou por insuficiência de bibliotecas públicas ou livrarias. Como já informei, em Jacobina só há uma livraria, uma biblioteca pública municipal e a biblioteca do Campus IV.

6- **Cristina** tem 23 anos, é natural de Santo André - SP, mas mora em Miguel Calmon com a avó, o tio, a irmã e uma prima. Não trabalha na área de Letras, mas já lecionou para crianças da Educação Infantil. Até hoje tem o hábito de ouvir a avó ler trechos da Bíblia. O livro que mais gostou de ler na faculdade foi *Budapest*. Segundo ela, esse livro mostra uma forma diferente de se trabalhar a literatura.

Na infância, lia apenas o que a escola indicava. Diz que não tinha tanto interesse por livros: “Eu nunca procurava os livros, eles é que sempre me encontravam por intermédio das minhas professoras”. Na adolescência, começou a gostar de ler a partir de fragmentos de textos literários nos livros didáticos que estudava:

Eu estava conversando esses dias com minha irmã que quando a gente estudou 5^a, 6^a, 7^a e 8^a não teve muito contato com outros livros. Digo, com livros diferentes, a não ser os didáticos. Mas a gente já gostava de ler. Eu mesmo já ficava encantada pelas poesias, pelos contos, pelos próprios trechos de obras que apareciam. Eu gostava, por exemplo, de *São Bernardo*, que, às vezes, aparecia em alguns livros didáticos.

⁴¹ Ver sobre os últimos dez anos iniciativas no campo institucional para transformar o tema livro e leitura em Política de Estado em AMORIM, 2006, p.11-17.

Há um discurso entre muitos professores e teóricos que defende que o livro didático não propicia a leitura prazerosa. No caso de Cristina, foi através dos livros didáticos que a escola oportunizava que ela pôde descobrir o prazer de ler o gênero literário. Hoje, afirma com convicção que já possui leituras prediletas, como os contos, principalmente os de Luís Fernando Veríssimo: “Gosto de contos, principalmente os de Luiz Fernando Veríssimo porque são humorísticos e reflexivos”.

Completa dizendo que gostaria de ter em sua biblioteca não somente os contos desse humorista, como também gramáticas, revistas científicas, livros diversos da literatura brasileira clássica, livros de poesia e de cunho religioso.

Justifica sua escolha por livros religiosos, dizendo que em sua casa, na infância, a avó reunia os filhos e netos para fazer a leitura em voz alta da Bíblia. Diz que esse hábito fazia parte do seu dia-a-dia; mas, confessa que, hoje, por conta das leituras acadêmicas que tem que realizar na faculdade e por conta do seu trabalho, sobra-lhe pouco tempo para sentar e ouvir a avó ler e comentar alguns trechos da Bíblia. No entanto, ressalta que sua avó continua cobrando-lhe esse costume:

Minha avó sempre contava histórias com fundo moral. Aquelas questões que são passadas de mãe para filha, e assim são passadas para os netos. Eram umas historinhas sempre ressaltando as idéias da Bíblia. Até hoje ela ainda tem essa mania de contar para os netos as histórias tiradas de textos bíblicos (risos). De vez em quando ela traz a questão da moral. Explica, explica direitinho até a gente entender.

Cristina, com esse relato, remete-nos ao século XIX, quando a mulher deveria ser uma leitora assídua da Bíblia:

O papel da leitora era tradicionalmente o de guardiã dos bons costumes, da tradição e do ritual familiar. Nas famílias da Austrália, por exemplo, a Bíblia da família era normalmente passada de geração em geração pela linha feminina (LYONS, 1999, p. 168).

Também, lembra outra característica peculiar dessa época que fazia parte do mundo do leitor “intensivo”: frequência da leitura em voz alta. Como afirma Lyons:

A récita era o modo comum de absorver a mensagem da Bíblia e era frequentemente dessa maneira que as crianças aprendiam a ler. John Buckmaster lembrava que as Escrituras eram lidas em voz alta, de manhã e à noite, por sua avó. Alexander Murray, jovem pastor escocês e futuro professor de línguas orientais em Edimburgo, também aprendeu a recitar a Bíblia quando criança (1999, p. 194).

Ao se referir ao curso de Letras como um espaço que colaborou muito para seu crescimento pessoal e profissional, principalmente, por conta da contribuição de alguns professores de Literatura, diz que o curso deveria investir mais na leitura desses textos, de forma a promover uma leitura útil à vida.

Todavia, o espaço formal também pode ser o protagonista em relação ao gosto pela leitura e descoberta de preferências. Na infância de Cristina não houve o despertar pela leitura na escola, mas foi na universidade que ela descobriu a importância da literatura em sua vida:

A literatura em minha vida é muito importante, pois foi através da leitura de textos literários que descobri o prazer de ler. Quando afirmo isso não é demagogia, antes só lia para adquirir informações necessárias à vida escolar, até que, felizmente, entrei em contato com a literatura na universidade. Digo isso com base em duas disciplinas que estudei, as quais me proporcionaram uma visão muito mais ampla sobre a leitura de textos literários. Mas, com certeza, a universidade precisa promover mais a leitura desses textos de outra forma.

Mesmo acreditando que o curso de Letras precisa promover o estudo da literatura de outra forma, Cristina reconhece que foi nesse curso que começou a gostar de ler. Quando diz: “[...] a universidade precisa promover mais a leitura desses textos [literários] de outra forma”, chama atenção para a maneira como os textos literários são trabalhados pelos professores, visto que na graduação teve durante oito semestres dez componentes curriculares voltados só para esse tipo de texto e afirma que apenas dois professores propiciaram um estudo literário de maneira a fazer com que ela reconhecesse a importância da literatura em sua vida.

Segundo Graça Paulino (2004), o saber literário deve fazer parte do conjunto de saberes docentes relacionados ou não ao ensino de língua e literatura. Segundo essa autora, a literatura, entre outras coisas “[...] nos ensina a conviver com seres insólitos, complexos, inatingíveis, em suas relações sofridas, conflituosas, tensas. [...] nos ensina a captar e interpretar diferentes vozes sociais. [...] nos ensina a conviver com medos, com clímax e desfechos surpreendentes (2004, p. 61). Ou seja, o saber literário está presente na formação humana e não pode ser menosprezado nem por professores, nem por qualquer outra pessoa.

4.2 O saber e o (dis) sabor das bibliotecas

As bibliotecas existem desde a Antiguidade, visto que havia uma necessidade por parte dos povos antigos em registrar os conhecimentos, levando-os a guardar arquivos, mesmo antes dos manuscritos. O sentido estabelecido ao termo biblioteca vem sendo modificado desde essa época, tanto devido à sua mudança de função, como ao tipo de material do qual ela é feita. Desde seus primeiros dias até o final da Idade Média, etimologicamente, a biblioteca significou um depósito de livros, ou seja, um lugar onde mais se escondia o livro, do que se circulava. Tais bibliotecas continham manuscritos de papiros ou pergaminhos, produzidos de forma artesanal e eram acessíveis apenas, para os reis e as autoridades da igreja. Só a partir da invenção da imprensa com Gutenberg apareceram as tipografias, que proporcionavam a fabricação em grande quantidade e, assim, as bibliotecas passaram a ter caráter público.

Em termos de Brasil, foi só no fim do século XVI que os jesuítas instalaram uma biblioteca em Salvador. De forma geral, os livros se concentravam nos conventos e os padres, principalmente, eram os únicos que tinham acesso. Segundo Rubens Moraes (1979), só há informação de bibliotecas particulares no Brasil apenas no século XVIII. Pouquíssimas pessoas possuíam livros e estas eram da maior parte de Minas Gerais.

No início do século XIX, os livros passaram a receber lugares especiais, tais como bibliotecas e livrarias. Em casa, as pessoas começavam a comprar mesas e móveis para guardar os livros. Assim, somente a partir desse século que as bibliotecas públicas foram instauradas: a *Biblioteca da Bahia* e a *Biblioteca Real*. A primeira, com o objetivo de promover a instrução do povo e a segunda visando ao usuário elitizado.

No final do século XX e início do XXI, o sentido de biblioteca vem recebendo vários significados. Ou seja, refere-se a qualquer coleção de dados registrados em diversas formas, não só em livros. O termo pode designar revistas, jornais, vídeos, DVDs, *e-books*. Para as alunas do curso de Letras do Campus IV, biblioteca apresenta conceitos distintos. Na primeira entrevista coletiva, a partir da leitura do texto *Biblioteca verde*, começaram a delinear o que entendiam por biblioteca e sua relevância para a constituição de sua identidade pela leitura. Como acredita Paulino: “Além da rede de amigos e de vizinhos com suas influências literárias

e da exposição à literatura oral de mídia ou de rua, a frequência a bibliotecas [...] também deve ser considerada, por mais difícil que apareça sua ocorrência” (2004, p. 56).

Thaise começou respondendo o que compreendia sobre biblioteca:

Se a gente for falar o significado da palavra biblioteca, vamos dizer que é uma coletânea de livros. Mas eu posso pensar em uma coletânea de livros no passado. Então, seria uma biblioteca, eu diria “morta”. Agora, a partir do momento que eu tenho na minha estante cinco livros e eu os leio e consigo viajar através deles, de maneira interessada, então eu tenho uma biblioteca.

O conceito dessa aluna leva em consideração o que, de forma geral, apontam as acepções dos dicionários: “coleção de livros”. Contudo, mais adiante, retoma sua fala, afirmando que tal conceito definiria uma biblioteca “morta”. Isto é, que guardasse apenas livros, sem leitores para lê-los. Dessa forma, biblioteca, para ela, seria um lugar onde as pessoas pudessem ler os livros que as interessassem e que pudessem viajar através da leitura.

Essa aluna reforça a concepção de leitura como fantasia, devaneio, conseqüentemente, biblioteca como espaço de criação mediante a combinação de idéias. Ela concorda em parte com Christian Jacob, quando este autor afirma que: “Biblioteca é um lugar de diálogo, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido com fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira” (2000. p. 9).

Joana concordou com Thaise, mas acrescentou que biblioteca seria “uma coletânea de vários tipos de livros, desde os clássicos até os mais comuns”. Ou seja, uma biblioteca seria um lugar onde existissem livros diversos. Levando em conta esse pensamento, uma biblioteca que oferece um espaço de pesquisa e leitura sobre autores baianos, como é o caso da Biblioteca Central e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM, que dispõe de pesquisas apenas sobre a condição feminina na Bahia, em Salvador – BA, não seriam consideradas como biblioteca. Ou mesmo, as pessoas que têm em casa apenas livros da sua área de formação ou apenas livros ou revistas de um tipo de gênero textual, por conta do gosto pessoal, também não poderiam afirmar que têm uma biblioteca.

Carla apresentou a mesma concepção de Joana: “[...] seria até a questão da coleção de livros, mas na minha cabeça, biblioteca é aquela que apresenta variedade de livros”. Para Daniele, seria um lugar lúdico o qual ela sempre teve acesso:

Para mim é um lugar mágico, uma aproximação, porque eu sou filha única, morava numa rua que só tinha homem, não tinha garotas da minha idade - e

quando tinha era sempre mais velha - e meu pai já possuía uma biblioteca. Meu pai sempre foi apaixonado por literatura. Então, ele comprava livros e os lia; outros, deixava para depois. Acho que minha paixão pelos livros surgiu daí. Eu leio todo tipo de leitura, mas eu tenho paixão por três temas: literatura, claro!, espiritismo e filosofia.

Assim como Mindlin (1997), que acredita ter herdado do pai desde cedo o amor pelos livros e a curiosidade intelectual por conta da biblioteca que existia em sua casa, percebe-se na fala de Daniele, que desde pequena ela sempre teve contato com livros, bem como amor a eles, por conta da biblioteca que seu pai possuía. Deixa pistas que biblioteca deve constar de vários gêneros textuais: “Eu leio todo tipo de leitura, mas eu tenho paixão por três temas: literatura, claro!, livros espíritas e de filosofia [...]”.

Para Cristina, permanece a idéia de biblioteca como variedade de livros sob uso constante, bem como a predominância da literatura numa biblioteca:

Na realidade, como as meninas falaram, essa questão da variedade sempre fica. Quando eu penso na minha futura biblioteca (risos), só penso que um dia vou ter um cantinho reservado para ela; não para deixar os livros lá. Eu vejo essa questão ter variedades, principalmente, na área de literatura.

Há uma tendência muito grande nas falas das alunas do curso de Letras em relação à literatura como fonte principal de leitura. João Barbosa (1996) cita características no que diz respeito ao elenco canônico das nossas histórias literárias traçadas a partir de uma lista de autores e obras apontadas como brasileiras e distintas das origens européias.

Nesse sentido, eleva-se o discurso histórico literário, desde os textos utilizados nos cursos de Fernandes de Pinheiro ou de Sotero Reis, passando pela sistematização de Sílvia Romero, no final do século XIX, até as modificações contemporâneas. Um ou outro autor, ou uma ou outra obra são inclusas ou exclusas nos livros de Literatura Brasileira do ensino médio, no século XXI, mas sempre seguindo o elenco canônico das antigas histórias literárias.

Por estudarem num curso de Letras, que prioriza apenas o estudo do texto literário, a Literatura Brasileira das origens ao Modernismo, assim como a Literatura Portuguesa até o século XX, fazem parte das histórias de leitura dessas alunas muitos autores considerados canônicos.

A definição que Paloma deu para biblioteca não fugiu das respostas anteriores: “conjunto de livros”, entretanto, ela acrescenta a questão do pessoal no que diz respeito à biblioteca, dando

ênfase à formação de uma biblioteca a partir de qualquer obra ou autor; contanto que o leitor goste dos livros que tem:

O conceito já está definido. Biblioteca: conjunto de livros. Lugar específico para pesquisa, consultas. Só que biblioteca tem vários conceitos. Biblioteca pode ser um acervo de livros que possa ser seu, não importa as obras ou de quem, o importante é que você se identifique com o acervo que você tem em mão.

Logo após questionar sobre o conceito de biblioteca, perguntei o que entendiam sobre biblioteca pessoal. No questionário, das 17 (dezessete) alunas, apenas 07 (sete) responderam que tinham uma biblioteca pessoal. Das 06 (seis) alunas pesquisadas, só Daniele e Thaise responderam ter uma biblioteca pessoal; Joana, Carla, Cristina e Paloma responderam que não. A entrevista coletiva possibilitou esclarecer o que elas entendiam sobre biblioteca pessoal, comparar com as respostas das colegas e repensar o conceito.

A resposta de Thaise foi:

Biblioteca pessoal é aquela que você adquiriu os livros que vai ganhando, colecionando ao longo do tempo, que são seus, que têm o seu nome, que você tem o direito, o prazer de marcar dentro do seu livro os trechos que mais lhe agradam, de fazer alteração; o que num livro de uma biblioteca de uma universidade ou qualquer outra você não poderia. Quando a biblioteca é sua, você adquiriu o livro, você tem esse poder de marcar página, de colocar alguma coisa dentro, de rir de algum autor e comentar sobre aquele autor nas páginas, mesmo com o lápis. Costumo muito fazer isso. Às vezes, eu brigo com o autor dentro do texto. Digo: “Mas o que é isso aqui? Não tem nada ver!” Mas depois lá na frente, eu digo: “Estava certo”. Eu faço comentário no meu livro porque biblioteca pessoal para mim é isso aí. Os livros são meus. Eu adquiri, eu tenho direito de fazer qualquer coisa com eles.

Para Thaise, biblioteca pessoal é aquela que a pessoa vai construindo a partir dos livros que ganha, que compra. São livros que se pode ler a qualquer hora, sem precisar pedir emprestado, tal como ocorre numa biblioteca pública. É aquela biblioteca na qual se pode fazer anotações no livro para dialogar com o autor ou as personagens. Essa necessidade que Thaise tem de possuir o livro para anotar, poder deixar um marcador na página interrompida é sentida também por Manguel:

Gosto de descobrir [...] traços do leitor que já fui – rabiscos, passagens de ônibus, pedaços de papel com nomes e números misteriosos, às vezes, uma data e um local na guarda do livro, levando-me de volta a um certo café, a um quarto de hotel distante, a um verão longínquo (2007, p. 260-270).

Por conta desse motivo, diz não gostar de emprestar seus livros: “È tanto que não gosto de emprestar meus livros. Quando eu empresto, eu digo: ‘As anotações são pessoais’”.

Entretanto, na adolescência e na fase em que se encontra, ao responder o questionário, afirmou ter o hábito de tomar livros emprestados a familiares, aos amigos, aos vizinhos e aos professores. Entende-se que ela toma emprestado e se gostar do livro que leu, compra:

Eu posso fazer uma leitura rápida no livro de um colega. Mas se eu me interessar, prefiro comprar aquele livro para mim, porque se eu não escrever alguma coisa, se eu não conversar com o autor, se eu não conversar com o personagem, anotando, riscando, grifando, o livro não é meu e a biblioteca não é minha.

É tanto que só tira xérox daquilo que não aprecia:

Eu prefiro comprar livros do que tirar xérox. Só tiro mesmo quando os professores da universidade passam textos que não gosto. Eu compro, também, porque eu gosto de rabiscar. Assim eu consigo aprender, eu consigo ler, anotando.

Para Joana, uma biblioteca pessoal é aquela que abriga livros do seu dono. Ou seja, se houver na estante, apenas, livros emprestados, a biblioteca não é pessoal:

Quando o livro é seu de verdade, você pode dizer que tem uma biblioteca pessoal. Eu tenho muitos livros lá em casa, mas não são meus. A maioria deles pertence às escolas onde eu leciono. Então, ficam lá organizadinhos na estante, mas eu sei que um dia eu vou devolvê-los. Quando eu sair, quando eu não estiver mais lecionando nessas escolas, eu vou devolvê-los. Então, por isso eu não considerarei os que eu tenho lá em casa como uma biblioteca pessoal. E os poucos que eu tenho - a maioria eu ganhei, porque eu não tenho condições mesmo de comprar livros, embora eu goste muito de ler - são emprestados.

Já para Carla, uma biblioteca pessoal deve apresentar diversidade de livros:

Como eu respondi na primeira pergunta, biblioteca tem essa questão da variedade. Assim, eu achei que os livros que eu tinha em casa não formavam uma biblioteca pessoal, porque eram mais livros didáticos e os poucos que tenho, que fui eu que comprei, são mais religiosos. Não tenho muita variedade de livros: científicos, de literatura. São poucos os que eu tenho nessa classificação. Por isso que eu achei que eu não tinha uma biblioteca pessoal.

Daniele também concorda com Joana ao acreditar que biblioteca pessoal é aquela formada por livros ganhados ou comprados. Só que, diferentemente de Joana, Daniele herdou uma biblioteca familiar, foi criada ao redor de livros, sempre pôde comprar livros, visto que seu pai tinha condições e priorizava esse objeto em sua casa a ponto de criar até um carimbo para os mesmos:

Eu acho que é a biblioteca que é sua, pessoal. Você vai construindo ao longo do tempo. A minha começou na infância e foi crescendo. Cada vez crescendo mais, que agora está sem espaço. Já estou tirando livro de um lugar para colocar em outro. Eu acho que é uma coisa sua. Livro que você compra, livro que você ganha. Livro que você acaba sendo sorteado, como

aqui mesmo [no Campus IV] teve sorteio no auditório de livros lançados por professores. Você adquire aquele livro, vai para sua biblioteca. Acho que biblioteca pessoal é isso. E a minha tem um diferencial: meu pai mandou fazer um carimbo. Todos os livros dele possuíam um carimbo. Então, eu acho que com isso, ele intitulou que os livros eram dele. Se algum livro daquele sumisse e fosse parar na casa de alguém, eu tenho certeza de que se ele descobrisse, pegava-o da estante e dizia: “Êpa, é meu! Está com meu carimbo. É da minha biblioteca”. E eu dei continuidade a isso. Hoje eu já fiz um carimbo diferente. Não é mais o carimbão enorme (risos), mas continua com o mesmo estigmazinho.

Cristina, ao escutar a opinião das colegas, fica em dúvida, no início, se tem uma biblioteca pessoal; mas acaba permanecendo com a idéia de que ainda não tem uma biblioteca pessoal porque prioriza quantidade e qualidade. Assim, como demonstra ainda não ter condições financeiras para comprar os livros de sua preferência, principalmente os de literatura e os de História, continua com os poucos livros que possui - mais textos xerocados e encadernados, que foram solicitados pelos professores na universidade:

Eu respondi que eu não tinha. É tanto, como eu já frisei na outra pergunta, eu também considero a questão de quantidade e qualidade. Então, eu vejo que realmente a maioria dos que eu tenho lá em casa, na estante e em caixas, é xerocado. Utilizei bastante xerox na faculdade e sei que a gente precisava para fazer citações etc. Mas isso não quer dizer que eu tenha livros, eu só tenho mesmo textos xerocados e encadernados. Mas o que eu queria exatamente era livros, principalmente de Literatura e História, revistas voltadas para esses contextos e eu não tenho. Por isso que eu não considero que eu tenho uma biblioteca pessoal. Quando eu tiver essa variedade de livros que eu gosto e possa dizer: “Eu comprei, é meu, não é xerocado”, talvez eu diga que tenha uma biblioteca pessoal.

Percebe-se que Cristina só irá considerar que tem uma biblioteca pessoal quando puder ter os livros que gosta através de seus próprios recursos. Não considera a fotocópia como parte de uma biblioteca pessoal.

Para Paloma, biblioteca pessoal seria aquela que guarda os livros de interesse de alguém; mas, diferente das colegas, pensa que não precisa conter somente livros, mas até rascunhos podem fazer parte de uma biblioteca:

São os acervos, os livros próprios, seus, de autores que você considera importantes para você, de autores que despertam em você a sua simpatia, o gosto pelo que ele traduz, que você se identifique. Eu posso ter uma biblioteca só com as obras de Graciliano Ramos e todos os rascunhos de Graciliano Ramos. Posso ter todas as crônicas. Tudo aquilo que faz parte de um acervo de obras pode ser considerado uma biblioteca. Eu vejo assim. Eu tenho uma biblioteca sobre fulano, sobre cicrano, sobre Jorge Amado...

Além disso, acredita que as pessoas só devem guardar em sua biblioteca o que usam realmente; pois, para ela, o livro deve estar sempre circulando:

Hoje, eu não tenho uma biblioteca pessoal, porque me desfiz dela. Eu acho que livro é um tesouro, é um bem maior e ele não deve ficar estagnado, parado. Ele deve circular. E a partir do momento que eu não vou mais usufruir dos conhecimentos dos meus livros de literatura como educadora de língua portuguesa e literatura brasileira, eu tenho que repassá-los.

Só o que não consegue se desfazer, mesmo já tendo doado algumas, são as revistas *Nova Escola*, que sempre lhe auxiliaram em relação à orientação de atividades em sala de aula:

O que eu continuo arquivando até hoje é a revista *Nova Escola*. Eu tenho do número 1 até o 238. Parte delas eu doei para a unidade escolar onde eu trabalho, porque tenho muitas. Essa revista é muito rica em termos de conhecimento. Aborda todos os aspectos da educação, traz exemplos de atividades que deram certo, que foram bem-sucedidas, que você pode transformar para sua realidade local.

Em relação ao que seria uma biblioteca imaginária, Thaise sente dificuldade em definir, mas aos poucos vai deixando indícios de que sempre teve vontade de possuir uma biblioteca grande, cheia de livros:

Uma biblioteca imaginária. É, eu sempre tive vontade de ter uma biblioteca enorme, igual àquelas de filmes, daqueles mosteiros antigos, cheios de livros, mas a gente sabe que livro no Brasil é tudo caro, ou no mundo, não sei. Então, uma biblioteca imaginária... Oh, está muito difícil de responder isso.

Cristina concorda com Thaise em relação ao espaço. Isto é, que deve ser uma biblioteca vasta, extensa, mas acrescenta um dado novo: a necessidade de ter alguém na biblioteca para partilhar as leituras, mesmo que estas sejam feitas, primeiramente, em silêncio:

Eu presumo que seja o que Thaise falou⁴². A questão que a gente pensa que realmente é aquele espaço enorme. Que a gente sente que lá é o nosso lugar. E depois, eu mesmo sou assim, para mim, se eu ler um livro, se eu ler algum conto, alguma coisa e não comentar com alguém, não li, entendeu? Eu prefiro encontrar alguém para dividir minha leitura. Nem que eu conte o enredo, a história toda para a pessoa ter o que discutir comigo (risos). Mas tem hora que a gente sente vontade de ter aquele espaço ali, ficar quietinha lendo, mas faz parte também de compartilhar - mesmo que se leia pelo menos uma hora sozinho e depois alguém que tenha lido apareça e converse sobre aquilo ali. O compartilhar é muito gostoso. Eu acho que a leitura realmente não existe sem você estar compartilhando.

Mais uma vez, aparece na fala das alunas o discurso de Colomer em relação ao partilhar leituras:

⁴² Esses depoimentos foram coletados na entrevista narrativa coletiva. Por conta disso, às vezes, ocorria um diálogo entre elas.

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas (2007, p. 43).

Daniele também acredita que uma biblioteca deva ser bastante espaçosa, mas, ao contrário de Cristina, não comunga a idéia de leitura partilhada na biblioteca, uma vez que alega que as colegas que possui não gostam de ler ou quando lêem realizam leituras diferentes da dela:

Pegando o bonde de Thaise, seria um espaço grande. Tenho até o desenho na minha cabeça (risos das colegas). Uma biblioteca com uma escadinha para você pegar aquele livro. Para dizer a verdade, eu sou uma pessoa meio egoísta. Eu gosto de ler para mim. A maioria de minhas amigas não gosta de ler. Gosta de ler o quê? *Caras*, né? Revistinha boba, como *Contigo*, não sei o quê. Leitura, leitura, leitura mesmo, não! Então, eu gosto de ler para mim. E a minha biblioteca, eu faço questão de dizer a você (aponta para a pesquisadora), só tem livro da época do meu pai. Os livros que ele gostava só para enfeitar a biblioteca, e eu sou a mesma coisa. Só tem na minha estante, aliás, não vou dizer nem biblioteca, mas minhas estantes... Nelas, só tem livros de que eu gosto. Eu sou apaixonada por livros. Como eu trabalho numa instituição que **paga** razoavelmente bem, então, eu não meço dinheiro. Se o livro custar x, eu compro. Se eu gostar daquele conteúdo, eu compro e leio em uma sentada ou num mês. Eu estou com um livro de Saramago, já tem um ano que eu estou lendo e nunca terminei: *Memorial do convento*. Chega ao meio, eu desisto.

A partir da fala de Daniele, é possível traçar algumas características de seu perfil enquanto leitora: colecionadora de livros, principalmente os antigos: “[...] E a minha biblioteca, eu faço questão de dizer a você (aponta para a pesquisadora), só tem livro da época do meu pai. Os livros que ele gostava só para enfeitar a biblioteca. E eu sou a mesma coisa. [...]”. Essa fala de Daniele lembra o leitor pintado por Carl Spitzweg em 1850: um senhor idoso, segurando quatro livros ao mesmo tempo, em cima de uma escada, cuja imagem retrata um leitor “mergulhado” na proliferação do texto escrito e sua ânsia em acumular livros - ⁴³; uma leitora bastante seletiva, a ponto de considerar leituras de entretenimento como não-leitura: “[...] A maioria de minhas amigas não gosta de ler. Gosta de ler o quê? *Caras*, né, revistinha boba: *Contigo*, não sei o quê. Leitura, leitura, leitura mesmo, não! [...]”; uma leitora que possui condições para comprar livros, o que vai de encontro às estatísticas de que quase o brasileiro não compra livro: “[...] Se o livro custar x, eu compro. Se eu gostar daquele conteúdo, eu compro e leio em uma sentada ou num mês. [...]”. Essa fala já traz outro traço peculiar dessa leitora: aquela que lê tudo que compra. O que é desfeito por ela, logo em seguida: [...] Eu

⁴³ Ver imagem em CHARTIER, 1999, p. 116.

estou com um livro de Saramago, já tem um ano que eu estou lendo e nunca terminei: *Memorial do convento*. Chega ao meio, eu desisto”.

Contrária ao pensamento da colega Daniele, Thaise interfere:

Ela falou que é comedora de leituras, né? Também disse: “Só lê *Caras*, só lê isso”. É bom ter cuidado com o preconceito literário porque na minha biblioteca eu tenho os clássicos, mas também tenho Paulo Coelho, eu também tenho revistinhas de horóscopo. Tudo que é leitura para mim é válido. E quando eu vou trabalhar com leitura na sala de aula (refere-se ao momento do estágio), eu digo: “Gente, vamos ler? O que vocês gostam de ler? Seja o que for que vocês começarem a ler é importante”. Então, eu costumo sempre falar sobre essa questão do preconceito literário. “Você gosta de Paulo Coelho?” Têm aqueles que não consideram literatura. Eu considero. Eu sou daquelas pessoas que considera. Então, eu não gosto de menosprezar a leitura de ninguém. “Você gosta de ler *Caras*? Você gosta de ler *Contigo*? Você gosta de ler *Sabrina*? Que bom que você gosta de ler alguma coisa! Que bom!”

Todavia, no decorrer das outras entrevistas, Thaise foi deixando rastros que vão de encontro a esse discurso. Além de ter contado que mudou o enredo do seu primeiro livro por tê-lo considerado mais uma literatura-cor-de-rosa do que uma literatura erudita - episódio contado anteriormente –, assume que quando teve de substituir, por alguns meses, uma professora numa escola de ensino médio, agiu como muitos dos seus professores de universidade: impôs o que deveria ser lido, priorizando exclusivamente a leitura indicada para alunos que estão se preparando para o vestibular, ou seja, textos clássicos da literatura brasileira:

Eu não gosto de ler um romance indicado, por exemplo. Você tem que ler um romance para fazer uma resenha crítica. Eu leio esse romance, mas eu não leio com o mesmo carinho como se tivesse pegado emprestado de alguém, ou alguém tivesse me indicado para ler. É tão diferente. Aí, quando eu trabalhei pela primeira vez com língua portuguesa e literatura, eu fiz isso e depois eu parei para pensar: “Eu fiz a mesma coisa que eu não gosto”. E fiquei decepcionada comigo. Mais uma contradição em minha vida. Como a gente faz o que a gente critica, como a gente acaba fazendo, talvez, o mais fácil ou o que exigem que você faça! Porque o colégio diz: “Você tem que trabalhar com essa obra, com esse autor, tem que fazer com que os alunos leiam textos que os preparem para o vestibular”. É uma exigência e você acaba tendo que cumprir, mesmo. Às vezes, a contragosto.

Primeiramente, Daniele concordou com os argumentos da colega Thaise: “É, também tem isso”. Entretanto, logo depois pensou mais um pouco e tentou se justificar, confirmando o perfil de leitora, já traçado por ela, através de seu discurso: uma leitora “devoradora de livros”, aquela que muitos professores valorizam:

Quando eu compartilho minhas leituras tem gente que me acha um acervo intelectual. Por quê? Os professores daqui da faculdade que eu tenho amizade de muito tempo dizem isso. Minha debatedora de leitura é Cléa

[professora e ex-diretora do Campus IV] que me empresta livros, ou eu empresto livros a ela. A gente conversa muito sobre livros.

Para Bayard, esse comportamento de Daniele consiste na idéia de que um (a) aluno (a) do curso de Letras tem a obrigação de ler tudo, o que representa a idéia da leitura como objeto de sacralização. Segundo esse autor, “será praticamente impensável para os universitários de Letras reconhecer – o que contudo é o caso para maior parte deles – que apenas folhearam a obra de Proust sem lê-la integralmente”(2007, p.15).

Joana também interfere, mas para dizer que a leitura só precisa ser prazerosa: “Para mim é aquela que dá prazer. Você tem prazer na leitura. Você lê e sente prazer em ler”. Carla aproveita a fala de Joana para lembrar às colegas presentes que a leitura não deve estar, somente, relacionada ao prazer: “Eu pensei muito nessa questão do ler e do sonhar, mas na faculdade aprendemos que não é só essa questão da leitura que você vai ler para sonhar, a leitura que dá prazer, mas a leitura que, às vezes, informa”.

Mais uma vez, surge a influência de quem diz o que ou indica qual leitura, criando uma imagem do que deve ser lido e de como se deve ler.

Sobre o conceito de biblioteca imaginária, Carla diz:

É uma biblioteca variada, biblioteca – pátio. Que eu tenha meu espaço, que eu possa compartilhar a leitura. Na faculdade isso foi importante, porque tinha as colegas que estavam partilhando. Às vezes, quando estou em casa que eu leio alguma coisa que eu gosto ou que eu achei interessante, converso com meu esposo, com minha mãe, meus irmãos. A leitura parece que quando você não compartilha não existe.

A faculdade, nessa fala de Carla, mostrou estar cumprindo o que se espera de um leitor: o compartilhar, a interação, o diálogo.

Paloma traz uma definição de biblioteca imaginária bastante polêmica, que relembra a criação da Biblioteca de Alexandria:

Para mim, seria a biblioteca dos meus sonhos, aquela constituída de livros que, no decorrer de toda a minha vida, eu jamais pude comprar. Obras constituídas de grandes escritores, de valor, assim, muito alto. Que jamais eu poderia, jamais teria acesso. Uma biblioteca repleta de **clássicos**, de obras **extremamente valiosas**. Essa seria a biblioteca imaginária para mim: a ideal. Hoje, se eu pudesse, se eu ganhasse na loteria, por acaso, formaria uma agora, mas dando acesso à comunidade, acesso às instituições educacionais. Não ficaria com ela privada só para mim. Não seria interessante.

Mesmo atribuindo um valor maior aos clássicos e, principalmente, às obras valiosas, Paloma permanece com a idéia de circulação do livro. Ou seja, retoma o sonho da biblioteca universal desde Alexandria; aquela que sempre mexeu com as imaginações do Ocidente: “[...] uma biblioteca onde estivessem todos os textos e todos os livros, as coleções reunidas por príncipes ou por particulares” (CHARTIER, 1999, p. 117), mas acrescenta um dado significativo para o entendimento do acesso ao livro na contemporaneidade: a biblioteca ao alcance de qualquer pessoa, independente de sua origem social e cultural. Para Chartier (1999), a biblioteca universal poderá tornar-se uma realidade através do texto eletrônico.

4.2.1 CAIXOTE OU PRATELEIRA?

Conhecer a história das bibliotecas constitui uma ilustração da leitura e do leitor. A forma como ela é organizada, sua arquitetura, o acesso ao acervo - enciclopédias, periódico, revistas, jornais, texto eletrônico - a ordem de arrumação desses textos e a disposição física em que os leitores nelas se encontram são elementos que influenciam o comportamento do leitor.

No século XV, os livros se encontravam presos por cadeias de ferro a púlpitos e eram lidos em pé. No século XXI, o leitor pode buscar as obras em estantes ou na tela do computador e ler sentado ou deitado. Constata-se, assim, como o espaço físico predispõe o leitor e a posição do seu corpo. Esse condicionamento não é só físico, pois em cada época as bibliotecas têm implícitas concepções do saber e da leitura.

Segundo André Belo: “Por mais livre e confortável que seja o acesso dos leitores aos livros, a seleção e a ordenação das obras disponíveis acaba por favorecer certas leituras em relação a outras” (2002, p.59). Isso implica dizer que as mudanças na estrutura física de uma biblioteca estão associadas às mudanças culturais, sociais e às alterações na maneira de ler.

Durante as visitas às casas das alunas, pude observar como e onde elas guardavam e liam seus textos. Meu intuito era saber se a presença ou ausência de espaço e mobiliário influenciava na forma como arrumavam os livros, as revistas e as fotocópias. Manguel (2006) diz que os livros dão identidade singular a um cômodo a ponto de “roubar” a identidade dos seus donos. Segundo ele, o espaço onde os guardamos e a forma como os arrumamos altera nossa relação

com eles. Ele cita diversos critérios para a classificação, entre eles: em ordem alfabética, por formato, data de aquisição, idioma, gênero e segundo a prioridade de leitura.

Mindlin (1997), basicamente, utiliza quatro vertentes para formar sua biblioteca, com raras exceções, que alega serem inevitáveis quando surgem outras obras que se interessa. São elas: a primeira (assuntos brasileiros); a segunda (literatura geral); a terceira (livros de arte) e a quarta (os livros como objeto de arte, pela tipografia; diagramação, encadernação, ilustração etc.). As alunas pesquisadas demonstram arrumar seus livros, levando em conta o espaço e o mobiliário que possuem, assim como os gêneros textuais e a prioridade de leitura.

Na infância e na adolescência, por conta do “clubinho do gibi”, Paloma e suas amigas guardavam suas revistas em balaios, caixas de sapato e baús. Tudo isso era feito com todo zelo para não estragar as histórias que gostavam de ler:

Guardávamos os gibis em balaios, caixas de sapato. A gente arquivava as revistinhas assim: *Mickey*, todas dentro de uma caixa de sapato. *Tio Patinhas*, dentro de um balaião. Tinha, também, um baú velho na garagem da casa de Dona Eulina e a gente geralmente guardava nele *O Grande Hotel*, a *Capricho*. Aquilo ali era intocável, um tesouro. Era muito importante para nosso grupo de dez. A gente não queria que ninguém mexesse. Éramos egoístas. Só queríamos que ficasse ali pra gente.

O resultado desses encontros, do troca-troca de revistinhas e das leituras silenciosas e em voz alta, resultava em comparações com a vida que levavam:

[...] tinha certos momentos que a gente lia e discutia as histórias e dava risada das aventuras. E tinha outros momentos que a gente parava para ver a lição de moral que tinha na história. Aquilo relatava fatos do cotidiano da nossa vizinhança, o que estava acontecendo por ali. “Mas isso parece com alguém; com Dona Rochinha, não sei quê, Dona fulana (risos), as xepas da rua”. A gente raciocinava e relacionava os personagens com as pessoas da vizinhança local (Paloma).

Hoje em dia, diz que seus livros ficam circulando, mas os que ainda possui guarda num quartinho que fica no quintal da sua casa:

Eu deixo meus livros no último quarto da casa, lá no fundo. Não porque eu não valorize, é questão de espaço. Lá eu guardo num armário. Tem revistas, uns livros antigos. Já lhe disse: “Gosto de ver livro circulando” (risos). Também guardo umas xérox da faculdade. Elas ficam aqui nessas caixas. Eu gosto de separar meus livros de acordo com o tipo. Penso mais na organização para na hora que eu precisar, achar logo.

Thaise geralmente costuma guardar seus livros na estante, todavia, deixa claro que eles circulam pela casa porque realmente os lê e, de acordo com o gênero textual, escolhe outros lugares, como a cozinha, onde guarda suas receitas culinárias:

Eu gosto de guardar em pé nas estantes. Já ouvi falar que a melhor forma para guardar livros é em pé. Então, estão aí na estante. Mas eu tenho outros livros espalhados pela casa. Alguns no guarda-roupa, os do banheiro eu tirei por esses dias (risos); na cozinha também tem alguns.

Daniele, Carla e Cristina arrumam seus livros na estante ou em caixas, a depender de seus gostos e preferências:

Nessa primeira parte de cima estão os romances clássicos, né? Os que eu mais gosto. Aqui embaixo também continua com literatura; mas não é a literatura clássica. Na quarta prateleira estão as enciclopédias, os dicionários. Nas outras partes, os livros estão misturados. Ainda não tive tempo de arrumar como eu quero (Daniele).

Atualmente, eu costumo guardar meus livros na estante da casa da minha mãe, que é bem espaçosa. Meus livros têm prioridade. Antes eu guardava na caixa. Já guardei até em mala, mas eu acho que na estante fica mais organizado, porque na caixa dá um trabalho na hora de pegar. Tem que tirar tudo. É um horror!(risos). Os poucos de literatura que tenho ficam na parte de cima. Minha Bíblia, os dicionários e as enciclopédias vêm depois. Dá para perceber que essa arrumação mostra que gosto mais dos de literatura (risos) (Carla).

Antigamente eu guardava meus livros no meu guarda-roupa, mas ficava muito bagunçado. Hoje, eu guardo na minha estante. Eu comprei uma estante especialmente para guardá-los, mas não deu para todos; então, eu ainda os guardo em caixas no meu quarto (Cristina).

A partir desses depoimentos, percebe-se como os livros são bastante valorizados, principalmente os de literatura. É tanto que, ao serem indagadas sobre quais livros salvariam, caso a biblioteca (pública, pessoal ou imaginária) que têm acesso tivesse pegando fogo, priorizaram os livros de literatura e/ou os autores que escrevem o gênero literário:

Eu pegaria de imediato *Angústia*, de Graciliano, *Laços de Família*, de Clarice Lispector, que eu amo de paixão, *Dom Casmurro*, *Jubiabá*, de Jorge Amado, *Vidas Secas*, *Helena* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado e *O Guarani*, porque todos eles fazem parte da minha história de vida (Paloma).

Está difícil (risos). É o nome das obras? Bem, eu tiraria, por exemplo, muitos dos contos que li de Machado de Assis e de Fernando Sabino. *O alienista* eu não esqueceria, que é um livro muito bom, de Machado. *A igreja do diabo*, também. Com certeza, eu salvaria *O espelho*, que é outro conto dele. E todos de Luis Fernando Veríssimo (Cristina).

Eu não deixaria queimar *Dom Casmurro*. Achei muito interessante esse livro porque foi o primeiro que li de Machado de Assis. *Jubiabá*, porque

achei esse livro incrível. Foi por causa dele que comecei a simpatizar com Jorge Amado. Foi tanto que na próxima vez que a professora mandou ler um livro, que não era obrigatório, eu optei por *Capitães de areia*, desse mesmo autor (Joana).

Quantos!?! Eu salvaria primeiro a minha coleção de José de Alencar, que é um dos meus escritores preferidos (Thaise).

Os livros didáticos aparecem nas prateleiras, mas não são tão apreciados por elas. As fotocópias, também, fazem parte da biblioteca pessoal dessas alunas, mesmo a contragosto. É tanto que reservam nas estantes os últimos lugares para elas ou as guardam em caixas, como relatam Carla e Cristina:

As xérox e os livros didáticos ficam mais escondidos na parte de baixo da estante. Não valorizo tanto as fotocópias, só tenho mesmo por causa da faculdade e porque não tenho recursos financeiros para comprar livros (Carla).

Para falar a verdade, minha estante é pequena e a maioria dos meus livros fica nas caixas, principalmente as xérox encadernadas. Se tivesse condições trocava as xérox por livros (Cristina).

Gostam de ler esses livros deitadas ou sentadas. Geralmente, a leitura que sentem prazer, optam por deitar, e a leitura de cunho acadêmico, realizam sentadas e/ou apoiadas numa mesa:

Geralmente eu gostava de ler os folhetos de cordel que pegava do meu pai, deitada na cama (Carla).

Geralmente eu leio romances no quarto. Eu tranco a porta e fico deitadinha em minha cama. Eu, minha cama e os personagens (risos) (Joana).

Quando tenho que ler textos que os professores passam na faculdade, principalmente aqueles científicos, prefiro usar a mesa de minha sala porque sempre faço anotações no caderno ou na própria xérox (Daniele).

De modo geral, afirmam procurar a leitura dos livros, das revistas ou das fotocópias de acordo com a necessidade, ou seja, se estão trabalhando em sala de aula com livros didáticos ou histórias infantis, guardam esses livros nas estantes, de forma a facilitar seu acesso. Como é o caso de Joana, que diz possuir bastante livros didáticos em suas prateleiras por conta da profissão: “Eu acho que o melhor lugar para guardar os livros é na estante, porque ficam mais perto de mim. Quase todos que tenho são didáticos e de histórias infantis, porque ensino de primeira à quarta série”.

Se estão usando os textos solicitados pela faculdade, procuram deixá-los num lugar bastante acessível, como é o caso de Carla: “A maioria das minhas xérox ficava na minha estante, na última parte. Como terminei a faculdade, já passei elas para as caixas”.

Toda biblioteca, seja pública, pessoal ou virtual, leva à inclusão e/ou exclusão de livros, revistas, jornais, VHS, DVDS, CDS ou *e-books*, uma vez que seu acervo está condicionado a razões diversas: preferências, gostos, finalidades, espaço, arquitetura, conhecimento ou recursos financeiros. Como diz Manguel: “Se uma biblioteca é, em algum sentido, um reflexo de seus leitores, ela é também um reflexo daquilo que não somos e não podemos ser” (2006, p.96).

4.3 Outros espaços da leitura

O ato de rememorar remete o indivíduo à auto-análise, um processo de ressignificação do eu através da memória, possibilitando um olhar sobre si, em tempos e espaços diferentes. Assim, além da biblioteca, espaço de mediação de leitura, o contato das alunas com outros espaços fora do âmbito escolar e universitário, nas diversas fases de suas vidas, constituíram-as leitoras. A seguir, apresento alguns espaços citados por elas durante as narrativas.

4.3.1 ADORO LER EM CASA

Das 06 (seis) alunas que participaram da segunda etapa, todas disseram gostar mais de ler em casa. Segundo elas, lêem com mais tranquilidade, podem ler de qualquer jeito e, a depender do gênero textual, podem escolher o melhor lugar da casa que seja compatível com a leitura escolhida; o que, com certeza, não aconteceria numa biblioteca, numa livraria, na rua, num ônibus ou na sala de espera de um consultório.

Carla diz que possui mais tempo para ler em casa, porque no trabalho não sobra tempo. Assim, quando vai cuidar dos afazeres domésticos, intercala a leitura de um livro com o que está fazendo:

Não [leio] na escola onde eu trabalho porque lá é um corre-corre. Meu tempo de leitura é nos intervalos, em casa. Vou fazendo a comida e vou lendo. Sempre eu estou lendo, de um jeito ou de outro.

Joana diz que prefere ler em casa, porque nas bibliotecas públicas o barulho atrapalha sua concentração. Além disso, afirma preferir ler em casa porque já tem seus espaços prediletos:

Eu gosto de ler em **silêncio**. Eu não gosto de ler com muita zoada, não! É tanto que eu não gosto muito de estar lendo em bibliotecas públicas, porque, mesmo tendo silêncio, fica o entre e sai de pessoas, e eu não gosto. Eu gosto mesmo é de ler sozinha, no meu canto. Tá ali lendo e pronto. Eu gosto de ler aqui onde eu estou agora; aqui nesse cantinho do sofá.

Segundo Belo (2004), a criação de salas de leitura nas bibliotecas universitárias no século XIV, na Europa, só se tornou uma realidade por conta da exigência do silêncio. Antes disso, os leitores faziam muito barulho pela necessidade de vocalização do texto, o que era um empecilho para reunir as pessoas num espaço comum. Hoje, um dos motivos de ocorrer barulho nas bibliotecas públicas, fora o que Joana citou: “[...] o entre e sai de pessoas [...]”, é o fato de muitos leitores sentirem a necessidade de compartilhar o que foi lido, o que na maioria das bibliotecas públicas não é permitido.

4.3.2 LER EM QUALQUER LUGAR

Há em Jacobina uma loja de produtos naturais: *Bimboka*, sob a direção de uma professora e de um escritor local, que possui um espaço denominado *Cantinho da Leitura*. Segundo os proprietários, o objetivo é incentivar a comunidade local a ler. Nesse cantinho, há cerca de 350 livros de literatura que são alugados pelo prazo de cinco a vinte dias, por um custo simbólico que varia entre R\$0,50 e R\$1,00.

Paloma revela outro espaço, em Jacobina, não só para ler, como também para comprar livros com custo mais barato:

Uma vez por ano, em novembro, acontece a feira do livro na Semana Espírita em Jacobina. Nessa Semana Espírita tem um espaço para a venda de livros: livros espíritas, de romance e outros tipos de livros, que são doados por quem tem muito livro em casa. Eles colocam lá para angariar fundos. Quando a gente não pode comprar, aproveita para ler lá mesmo.

Joana aproveita até na sala de espera de consultórios para ler, pois, segundo ela, tem muito pouco tempo para destinar à leitura por conta da sua vida agitada. Mas, por gostar bastante de ler, aproveita qualquer espaço:

Eu não tenho esse tempo exclusivo. O ano que vem eu vou deixar a escola, porque eu não agüento mais essa vida corrida. Às vezes, quando eu vou ao médico, eu levo, de vez em quando, um livro. Eu gosto de levar para ler na sala da espera. Se eu tiver em algum outro lugar que tenha alguma revista, eu também vou lendo. Eu aproveito esses intervalos.

4.3.3 LER FRENTE À TELA AINDA NÃO DÁ!

Com a influência dos meios eletrônicos, as discussões sobre as práticas de leitura são repensadas, considerando-se a mudança de paradigmas nas relações entre autor- texto- leitor. Do leitor convencional, passa-se para a noção de leitor-navegador, aquele que, diante dos infinitos *links*, percorre caminhos diversos no “mundo do internetês”. Aos textos impressos, somam-se os *e-books*, os *e-mails*, os *chats*, os *messengers*, os *orkuts*, surgindo como novas formas de expressão e comunicação, instaurando outra interlocução entre autores, textos e leitor. Nesse contexto marcado pela interatividade e pela ludicidade dos recursos da era multimídia, o leitor busca se encontrar e encontrar caminhos, a fim de se adaptar às rápidas transformações causadas pela revolução tecnológica.

Para as alunas pesquisadas, ler frente à tela ainda está distante de sua realidade:

Só vou para frente do computador para brincar no MSN, no Orkut e digitar os meus trabalhos. Para ler, mesmo, eu não gosto, não consigo. Até o meu livro preferido, que eu estava esperando baixar - estou curiosíssima para ler - baixou, mas não consigo ler. É o último livro da série de Harry Potter. Sei que só vou ler, se eu imprimir, porque ler na tela não consigo (Thaise).

Não, na internet eu não compro, nem leio. Eu não uso. Além do que, eu não tenho computador, mas meus filhos têm lá em Aracaju, mas eu não tenho acesso. Eu sou... Como é que se diz? Analfabeta, em termo de tecnologia. Não, não! E nas escolas que eu trabalho não tem, a que tem computador não tem internet. Eu não tenho acesso mesmo, e nem pago. Durante o curso de Letras, as minhas pesquisas, pela internet - como eu não tinha tempo de ficar na sala da internet, porque eu trabalhava de manhã, de tarde e de noite - eu pedia sempre a uma colega para gravar no disquete. Quando chegava lá na escola, ou então na *Digicop*, eu mandava imprimir, porque não tinha tempo de fazer pesquisa. Aí eu dizia: “Roda aí os sites todinhos pra ver o que acho sobre isso, sobre aquilo, pra poder fazer minha pesquisa” (risos) (Paloma).

Percebe-se como Thaise ainda usa o computador para realizar seus trabalhos acadêmicos e a internet para conectar-se com outras pessoas. Paloma, por sua vez, não possui computador em casa, mas tem a possibilidade de manuseá-lo na universidade, contudo, nega-se a esse contato. Quando precisa fazer pesquisas, pede a outras pessoas que o façam, alegando a falta de tempo. O que, pela sua fala posteriormente, parece não ser a verdadeira causa, visto que com a impressão dos textos vai disponibilizar um tempo para ler, no sentido de pesquisar:

Eu pedia sempre a uma colega para gravar no disquete. Quando chegava lá na escola, ou então na *Digicop*, eu mandava imprimir, porque não tinha tempo de fazer pesquisa. Aí eu dizia: “Roda aí os sites todinhos pra ver o que acho sobre isso, sobre aquilo, pra poder fazer minha pesquisa”.

As trocas comunicativas no universo virtual vêm exigindo uma nova linguagem, uma nova postura, outras identidades. Não mais a do sujeito do Iluminismo que apresenta uma única identidade, mas a do sujeito que assume diferentes identidades de acordo com os diversos contextos (HALL,Stuart, 2003) . Sendo assim, é importante que a leitura não fique restrita apenas a um grupo de leitores e que esses leitores possam lidar com essa nova realidade, priorizando o diálogo de maneira crítica e reflexiva.

4.4 Leituras amordaçadas

Seja por questões religiosas, morais ou políticas, os livros têm sido censurados e destruídos desde sua origem, na Mesopotâmia, até os dias atuais, como no saque à Biblioteca Nacional de Bagdá, em 2003. ⁴⁴

A destruição de livros continuou na Grécia Antiga. Um dos momentos mais trágicos para a humanidade foi a destruição de Biblioteca de Alexandria. Segundo Manguel:

A Biblioteca de Alexandria foi um centro de estudos fundado pelos reis ptolemaicos no fim do século III a.C. para melhor preservar os ensinamentos de Aristóteles. [...] Até a fundação da biblioteca de Alexandria, as bibliotecas do mundo antigo eram ou coleções particulares das leituras de determinado homem ou armazéns governamentais em que se preservavam documentos legais e literários para consulta oficial. [...] A

⁴⁴ Coincidência (ou não) a destruição aos livros apareceu pela primeira vez por conta do material (argila) ou fatores naturais, como as inundações, na Suméria, Mesopotâmia, onde é hoje o sul do Iraque. Ver mais sobre a história da destruição dos livros em BAEZ, Fernando, 2006.

Biblioteca de Alexandria revelou uma nova concepção, que superou todas as bibliotecas existentes em âmbito e ambição (2006, p. 27).

Segundo Christian (2000), Alexandria não representa a realidade das nossas salas de leitura. Seria apenas uma biblioteca de Estado, contudo, sem público. Ou seja, sua finalidade não seria a disseminação do saber na sociedade, mas o acúmulo de todos os escritos da Terra no centro do palácio real.

A história da destruição dos livros envolve até o livro considerado o maior *best seller*: *A Bíblia*, de Gutenberg, concluída em 1455. Dos 180 exemplares impressos, restam apenas 48 cópias.

A perseguição continuou através da atuação do Santo Ofício. A difusão dos textos de Martin Lutero foi proibida pela Igreja a partir da sua excomunhão, em 1520. Em 1542, o papa Paulo III criou a Congregação da Inquisição; seu sucessor Paulo IV constituiu o Índice, ou seja, lista dos livros proibidos. Assim, países como a Espanha e a França passaram a destruir os livros através do fogo. É tanto que, da mesma forma que a França é considerada o berço da cultura ocidental, foi, também, vista como o berço da censura.

Segundo Darnton (1998), responder a questão: “Os livros provocam revoluções?”, não seria apenas assinalar a existência de uma literatura proibida. Para cada período da história, culturas diferentes e distintos veículos de informação, um perfil singular pode ser traçado para se obter tal resposta. Cada modelo admite influências externas em cada estágio - os autores, os editores, os tipógrafos, os livreiros, os bibliotecários, no final do século XX, os digitadores -, assim como os leitores modificam constantemente o comportamento ante o livro, diante da pressão do Estado, da Igreja, da economia, da mídia e dos vários grupos sociais.

Ao falar a respeito dos “livros filosóficos”⁴⁵ na França pré-revolucionária, Darnton comenta sobre o efeito das obras políticas, dando como exemplo um memorando anônimo de 1766, que comunicava à polícia que a difusão dos livros filosóficos parecia irreprimível:

Nunca se viram tantas obras proibidas como hoje. [...] Ninguém se envergonha de dedicar-se a um mau livro. Ao contrário, as pessoas se orgulham disso; basta um livro se tornar conhecido como tal para todos o quererem ainda mais. E quem dispõe de uma hora diária para a leitura saudável conta que passou noites inteiras lendo algo mau (1998, p.239).

⁴⁵ Os livreiros usavam em suas correspondências o termo “livros filosóficos” para caracterizar o que era proibido.

Os profissionais de ambos os lados da lei entendiam que os livros proibidos atraíam diferentes tipos de leitores, que liam de modos diferentes. Darnton cita, também, um memorando escrito na Bastilha por Sieur Guy, o qual mascateava “livres philosophiques” quando trabalhava, em Paris, no qual há uma descrição de várias espécies de leitores:

As pessoas querem adquiri-los, não se importando com o preço. E quem são essas pessoas? Precisamente aquelas que, pelo berço, pela posição, pela cultura e pela devoção, deveriam ser as primeiras a condená-los. Mas, ao contrário, tão logo ouvem alguém mencionar aos sussurros uma nova obra desse gênero, correm a procurá-la – o cortesão para se entreter, o magistrado para manter-se informado, o clérigo para refutá-la e os membros do Terceiro Estado para dizer que possuem algo raro e difícil de conseguir. Em suma, é uma forma de fazer boa figura e estar na moda [...] (1998, p.239-240).

No Brasil, do século XVI até a Independência, não havia preocupação sobre como ocorriam os processos de leitura, nem como os leitores se apropriavam dos textos que liam. As bibliotecas nos séculos XVI e XVII sugeriam que os livros em circulação fossem, principalmente, literários e de cunho religioso. Já a partir do século XVIII, há uma mudança na posse de livros e na composição das bibliotecas. Segundo Luís Carlos Villalta (1999), acredita-se que a posse de livros tornou-se mais disseminada em relação aos séculos anteriores.

Lúcia Neves (1999) relata que as obras de autores que contribuíram para a Revolução Francesa pelas doutrinas da igualdade e liberdade e pelos falsos princípios de moral contidos nos dogmas da religião, como Mably, Rousseau, Rainae, Voltarie e Duprat foram proibidas no Brasil de 1808 a 1822. Os homens conservadores temiam que o conteúdo dos livros desses autores apresentasse uma proposta de revolução.

Assim, no Brasil Independente, por algum tempo, houve acatamento das idéias do Antigo Regime, ou seja, tratar os escritos como algo secreto e reservado apenas para alguns homens considerados notáveis. Entretanto, apesar de existir a censura de livros, muitas obras consideradas perniciosas pelo Estado e pela Igreja Católica foram introduzidas em diversos estados do Brasil, especialmente no interior de uma elite esclarecida. Na verdade, o que existia era a ausência de critérios rígidos para a censura de livros.

Na metade do século XIX, as formas de censuras não eram tradicionais e abusivas como no tempo da Colônia e, mais tarde - no século XX -, como no período da ditadura, por exemplo. Foi na segunda metade do século XIX que foram criados os Gabinetes de Leitura, as primeiras bibliotecas populares e públicas do Brasil.

O projeto desses Gabinetes objetivava a formação de uma biblioteca de gêneros e títulos distintos, onde se podia alugar livro, destarte, um lugar que formasse leitores para consumo daquele acervo. Esse projeto só surgiu a partir da iniciativa de ex-alunos liberais, republicanos e abolicionistas.

Os Gabinetes surgiram como escândalo para a época por introduzirem não apenas estantes místicas com livros que veiculavam a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, mas por conterem romances - folhetins - na época, bastante condenados por serem lidos pelas mulheres - e várias informações de cooptação ideológica expressas em títulos de obras, normalmente censuradas. O livro e a leitura estavam sendo transformados em instrumentos de questionamentos da sociedade.

No governo de Getúlio Vargas os livros que iam de encontro às idéias do poder vigente eram confiscados e incinerados. Por conta do material confiscado, constata-se a existência de editoras e gráficas clandestinas que expressavam opiniões sobre o regime vigente. Em novembro de 1937, centenas de livros foram incineradas por determinação do interventor da Bahia. Dentre os autores mais atingidos estavam Jorge Amado e José Lins do Rego.

A caça às idéias atingiu nível nacional. Livros considerados perniciosos foram procurados por todos os cantos do Brasil. Ser escritor entre 1924 e 1983 tornou-se perigoso. Todavia, várias táticas foram lançadas para fazer circularem as idéias proibidas. Por exemplo, o encarregado da distribuição disfarçava-se de vendedor de modinhas populares e saía a vendê-los.

Ao perguntar sobre leituras proibidas, geralmente, as alunas que participaram da segunda etapa desta pesquisa me respondiam com outra pergunta: “E havia leitura proibida?” ou “Hoje existe algum tipo de leitura que seja censurada?” As suas representações de leitura enveredam, nesse momento, não para as leituras censuradas, mas para as leituras que se permitiam por gosto pessoal; por acharem que não estavam lendo nada de “errado” ou por acharem que tinham preferências diferentes dos pais, familiares ou professores.

A família e a escola ficam fora do ritual da clandestinidade que se apresenta sob vários rótulos: leitura pornográfica, leitura indecente, leitura censurada, leitura sem valor literário, entre outros. As alunas referem-se a essas práticas de leituras proibidas, recompondo-as como práticas exteriores aos muros da casa e da escola.

Paloma relembra revistas que gostava de ler na adolescência - mas que na sua época eram proibidas -, e formas de como conseguia burlar os adultos para conseguir lê-las:

Eram justamente os almanaques, as fotonovelas que eu gostava de ler na adolescência, do tipo *Almanaque Grande Hotel*. Era bem gordão. Eram assim os almanaques da minha época. A gente encontrava nas bancas de revistas, mas eram proibidos para menores de 16 anos. E como eu tinha 12, eu ia para a biblioteca e lia. Minha prima sabia, dava aquela risadinha e dizia: “Oh menina, o que você quer lendo isso? Isso é leitura boba, procure ler outro livro!”. Então, quando eu queria ler, ia para a biblioteca. Quem atendia era Isabel, que era a bibliotecária. Aí o que é que eu fazia: como Isabel não deixava a gente ler esse tipo de leitura, me tornei amiga dela. Na casa da minha tia, tinha pé de goiaba e pé de romã, então, eu levava para Isabel. Enquanto Isabel comia as goiabas e as romãs, eu “comia” as revistas (risos).

Quando tinha mais ou menos de 16(dezesseis) para 17 (dezessete) anos conta outro episódio que vivenciou para conseguir ter acesso a esse tipo de livro. Dessa vez, procurou a interferência de um amigo. Entretanto, pela sua fala, percebe-se que ela nem sabia sobre o conteúdo do livro, possuía apenas a vontade de infringir, de ter acesso ao proibido:

Eu já li, sim, livros que na minha época de adolescente eram censurados. Era *As Mutretas*, de Alessandra Carrero, Carraro. Ela era uma escritora lésbica, aí alguém já tinha fuxicado no meu ouvido (risos) a respeito desse livro e eu **consegui** esse bendito livro debaixo de sete capas com um amigo que eu tinha. Ele estudava Direito em Salvador. Eu pedi a ele que providenciasse esse livro pelo amor de Deus, que eu queria ler (risos). Aí ele disse: “Paloma, não é uma leitura boa, saudável. É uma leitura pornográfica. Fala do relacionamento de duas mulheres e nos mínimos detalhes”. **“Pois eu quero ler!”** Aí ele disse: “Mais tu gosta de ler porcaria? Eu disse: “Não, mais esse eu quero ler pra ver do que se trata. Todo mundo esconde!”.

Percebe-se pela sua fala que a vontade em ler o livro estava mais associada ao desejo pelo proibido do que pelo prazer de ler. Mais uma vez, usou de artimanhas para não ser descoberta, contudo, não ficou tão satisfeita com o conteúdo, pelo contrário; este lhe causou náuseas:

Eu consegui esse livro, mas o que foi que eu fiz? Eu peguei a capa dele, forrei com papel de presente. Mas como eu achava que o papel de presente ia chamar atenção de alguém, cobri o livro com papel de embrulho para ficar com a aparência de um livro qualquer. Li, assim, escondido. Levava para o Deocleciano [colégio onde estudava] e na hora do intervalo eu ia lá para trás do último pavilhão, onde tinha uma pedra enorme. Filava duas ou

três aulas para tentar terminar de ler. A leitura nos prendia (risos). E do que se tratava? Das intimidades das duas mulheres. Aí eu achava engraçado, ao mesmo tempo, e meio um pouco, assim, sentia que tinha partes que me causava náuseas, espanto. Depois, quando eu terminei de ler o livro, me deu uma sensação de **fracasso**, de nojo. Eu queria porque queria ler. A partir daquele momento o meu desejo foi saciado. “O final do livro?” Hum! Foi angustiante para mim.

Diz que hoje, mesmo tendo sido censurada na adolescência, não impediria ninguém de ler nada:

Já hoje eu não tenho nenhum preconceito. Eu acho que ler é fundamental, seja lá o que for. Que seja uma leitura **pornográfica**, que seja uma literatura **lexéu**. Nem disso eu gosto, mas tem que respeitar a individualidade das pessoas. **O certo** não é esse tipo de leitura, pois não te faz crescer. É ter consciência crítica das coisas. **Não é só literatura ou só baixa literatura.**

Mesmo não gostando do tipo de leitura “lexéu”, palavra utilizada por ela para representar os livros que não apresentam conteúdo importante para a formação e crescimento de uma pessoa – o que é relativo, pois depende do objetivo que cada leitor apresenta - demonstra ter ciência das diversas literaturas que transitam o mundo do leitor e o respeito pelas suas escolhas.

A leitura de *Sabrina*, *Bianca* e *Júlia* são citadas por Thaise, Joana e Cristina como leituras que a seduziam. Entretanto, Thaise citou esse tipo de leitura, dando ênfase ao livre arbítrio que o leitor deve ter para ler qualquer tipo de literatura. Ler para se emocionar, para encontrar um final feliz:

Gostava, digo, gosto de *Sabrina* e *Bianca*. Para mim nunca foram proibidas. Lia sem problemas. Lia mais pelas histórias de amor. Sempre gostei de história de amor, da problemática, a trama e depois um final feliz. De vez em quando eu ainda leio. Não leio tanto como antes por falta de tempo, porque tem outras leituras a frente dessas. Por exemplo, por conta da faculdade. Eu terminei, agora, mas já tem a especialização. Eu sei que você tem que ter e precisa de outras leituras, senão essas vão ficando para outros momentos. Momentos mais descontraídos.

Joana cita a literatura-cor-de-rosa como uma leitura envolvente e que a introduziu, praticamente, no mundo da leitura prazerosa:

Na minha adolescência eu lia muito *Sabrina*, *Bianca*. Eu **adorava** esses livros. Eu não sei nem onde eles estão mais. Eu pegava de minhas colegas alguns, eu ganhava outros, eu pedia emprestando a quem tivesse e lia muito, muito, muito. Eu era bem menina, assim, de 12, 13, 14 anos e como *Sabrina* e *Bianca* tinham enredos românticos, às vezes, um pouco picantes, eu lia demais, mas sabia que eram leituras proibidas, apesar de meus tios nem ligarem, porque nunca prestavam atenção ao que eu lia.

Como se pode constatar por meio da fala de Joana, ela tinha conhecimento que esse tipo de leitura para uma menina de 12 (doze) a 14 (quatorze) anos era proibida. Como ela mesma

reconhece: “[...] eram bem românticos, às vezes, um pouco picantes [...]”. Mas, como morava com os tios e eles não se interessavam pelo que ela lia, continuava a pedir emprestado às colegas ou permanecia na esperança de ser presenteadada com algum.

Na adolescência, assim como Joana, Cristina adorava ler as séries: *Sabrina, Júlia e Bianca*; mas, diferentemente da colega, lia esses romances na biblioteca pública e nunca imaginou que fossem considerados, por algumas pessoas, leituras proibidas ou sem valor. Também diz que em casa, sua avó, principalmente, - morava com ela e não com os pais - nem imaginava as leituras que ela fazia, pensava que estivesse estudando as lições da escola:

Como eu te falei, a gente morava pouco afastada da cidade e quando a gente ia fazer pesquisa, acabava lendo alguns livros, como *Sabrina, Bianca*. Aqueles livros que ficavam ali pela biblioteca. Não tinha noção da questão do proibido ou de boas obras; quais seriam os livros ideais para ler. Minha avó nem sabia o que eu estava lendo.

A fala de Cristina ao dizer: “[...] Não tinha noção da questão [...] de boas obras; quais seriam os livros ideais para ler”, evidencia na vida de uma aluna de Letras o mito da existência do livro “bom” e do livro “ruim”, não como preferência, mas sim como valor.

Os três casos citados apresentam dois pontos em comum em relação à leitura desse tipo de texto: o prazer de ler, de se envolver com a história e poder se transportar para o mundo dos personagens; e a questão de não poder mais ler esse tipo de texto por falta de tempo. Há de se questionar, nesse momento, se é falta de tempo ou opção, porque no caso de Thaise, percebe-se que ela induz o leitor a concluir que é contrária a qualquer tipo de preconceito literário; entretanto, ao ter que escolher entre a leitura de um texto que faz parte da literatura-cor-de-rosa e um texto acadêmico, opta pelo último. Até porque diz que está terminando a graduação e tem como objetivo terminar a especialização. Ou seja, ler *Júlia, Sabrina e Bianca*, novamente, só quando sobrar tempo. E, através da fala dessa aluna, ela pretende dar continuidade aos estudos na faculdade na área de Letras, o que implica dizer que esse tempo é bastante incerto para a leitura dos textos que chama de “descontraídos”.

Em relação à existência do preconceito literário entre elas, Cristina, mesmo não tendo a intenção de evidenciar que os textos possuem valor, deixa pistas que há obras “boas” e “ruins”, tomando como parâmetro a literatura erudita.

As leituras censuradas ainda continuam a fazer parte da vida dessas alunas. Joana conta um episódio de censura por parte do marido em relação a algumas leituras indicadas pela faculdade:

Hoje em dia eu sou bem madura, mas aconteceu uma coisa... É porque... (risos). Uma vez, na faculdade, um professor pediu a leitura de *Budapest*. Nesse livro, aparecem muitos palavrões e meu esposo é muito ciumento. Eu não sei por que ele pegou esse livro e abriu bem nas partes picantes. Ele ficou horrorizado e não entendia por que eu lia aquilo. Só que eu não dei a mínima para ele. Mas mesmo assim ele ficou batucando: “Você vê na faculdade é isso? Vai ler pra falar sobre essas imoralidades? Como é que uma mulher casada tá na faculdade lendo essas coisas? Como é que pode! Vou assistir essas aulas”. Uma parte que ele leu, tinha assim: “chupador de pica”. Só que era um **desabafo** do narrador. Eu expliquei isso, mas ele não entendeu de jeito nenhum. Continuou achando um absurdo. Para eu resumir, ele pegou o livro, digo, a xérox que eu tinha e sumiu com ela. Mais de um ano isso. Quando foi agora eu cobrei: “Cadê *Budapest*? Onde anda? Vem alguém me entrevistar aqui hoje e vai perguntar. **E eu quero *Budapest*! Dê conta**”. Aí ele apareceu com o livro. Estava escondido (risos).

Essas leituras são consideradas clandestinas, porque não ensinam o saber científico, levam apenas para o mundo da fantasia e do deleite. Se a família e a escola permitem tais leituras, rompem com o pacto educacional.

4.5 Entrelaçando histórias e leitoras

Essas mulheres-leitoras do curso de Letras demonstram com seus depoimentos que viveram realidades sociais parecidas, articulam a história pessoal com a história social, os costumes e as práticas dos grupos de que fizeram/fazem parte. E com isso, vão deixando pistas que o contato com a leitura pode ocorrer a partir de pessoas diferentes, tanto dentro dos espaços formais quanto informais.

O livro aparece na vida delas, entrelaçando suas histórias de leitura de diversas formas. Os sentidos são aguçados a partir de suas vivências sociais e culturais. Para Carla, o livro tem que ser novo: “Por eu não ter muito acesso a essa questão do livro novo, eu gosto do livro novo. Eu gosto de sentir o cheiro do livro novo, de pegar no livro novo. Ainda mais se o livro for meu”; Já para Thaise, as páginas têm que ser amarelas e, se possível, livros de autores consagrados:

Eu gosto do livro novo, mas eu gosto do livro antigo, eu gosto daquelas páginas amarelas. Eu compro uma coleção de livros de José de Alencar de 1964. Quer dizer, já foi publicado há algum tempo e hoje já estão amareladas. Eu acho legal isso aí;

Já para Cristina, é importante que o livro seja seu para que possa pegá-lo por diversas vezes e a hora que quiser. Também enfatiza que prefere aqueles os quais teve a possibilidade de comprar:

Eu queria realmente ter o livro. Como eu já falei: comprado, que eu fui lá, eu escolhi, eu quero esse livro, eu vou levar esse livro para casa e fazer todas as anotações. Ter tempo, sabe, de estar ali pensando que é meu, eu vou ficar aqui, eu vou ler, eu posso reler de novo.

Paloma, contudo, prefere o livro circulando:

Eu gosto de ver o livro passando de mão em mão. Eu gosto de pegar num livro que eu sei que muita gente já leu. Eu fico até imaginando encontrar um papel dentro do livro que identifique quem o pegou.

Daniele parece nem precisar mais comprar livros, pois, segundo ela, possui todos que quer: “Tenho quase todos os livros que gosto”. A relação que cada uma estabelece com o livro é o que Manguel chama de intimidade física, da qual todos os sentidos estão presentes:

[...] os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua [...]. Tudo isso, muitos leitores não estão dispostos a compartilhar – e se o livro que desejam ler está em posse de outra pessoa, as leis da propriedade tornam-se difíceis de obedecer, assim como as da fidelidade do amor. Ocorre também que a posse física torna-se às vezes sinônimo de um sentimento de apreensão intelectual (1997, p. 277).

Diferente da colega Thaise que disse ter lido *Budapest* e afirmado para seu professor que havia gostado da leitura só para agradá-lo, Cristina cita esse livro como aquele que, ao usar uma linguagem diferente da literatura brasileira clássica, mostra uma forma interessante de se escrever e de se ler, deixando para o leitor a tarefa de tirar um proveito para a vida a partir de seu conhecimento de mundo. Já para o marido de Joana, esse livro era obscuro e sua mulher não poderia lê-lo, assim como a faculdade não poderia ter feito tal indicação. Como já enfatizei anteriormente: existem diferentes maneiras de ler um mesmo texto porque diversas são as histórias de leitura de cada leitor (conhecimento prévio, “horizonte de expectativa”, preferências em relação à temática, ao estilo, à linguagem.).

Thaise buscou realizar seus sonhos nas poucas oportunidades que teve de ouvir sua mãe contar histórias. E, também, através de empréstimos de livros de amigos. Aos poucos, vem tentando superar o obstáculo da repressão da avó, arriscando contar histórias para as filhas – o que seria uma prática oposta à da avó que a repreendia e um ensaio para tornar-se professora, porque como ela mesma diz: “Era por isso que eu dizia que não queria ser professora”.

Carla, mesmo sem ter muitos recursos financeiros, teve sua aproximação da leitura na infância, com os folhetos que o pai guardava no baú. Contudo, mesmo reconhecendo que foi através de uma literatura marginal que começou a gostar de ler; não se lembrava de levar esse gênero textual para ser trabalhado com seus alunos.

Talvez, por estar tão acostumada ao estudo de textos de autores consagrados no meio acadêmico, além de vivenciar no cotidiano o discurso da escola em relação à ênfase que se deve dar a esses textos para o ingresso nas universidades, Carla tenha deixado de levar em consideração os textos que lhe propiciaram contato prazeroso com a leitura, e que são tão ricos quanto os da “Grande Literatura”. Assim como Thaise, que diz ler tudo, mas que quando chega na sala de aula só consegue trabalhar com os textos da literatura erudita. Lembrando mais uma vez Abreu (2006a): cada texto tem seu valor dentro de critérios estabelecidos por aqueles que o elaboram ou priorizam seu estilo.

Paloma, também, teve que superar a falta de recursos financeiros para alcançar a leitura na infância. Mas diferente de Carla, formou com as colegas o “clube do gibi”. Conseguiu dar muitas risadas com as amigas ao comparar os personagens das historinhas em quadrinho com as pessoas da vizinhança. Mas foi na adolescência, através dos romances, que começou a enxergar o colorido da vida, transportar-se para o mundo dos personagens e identificar-se com eles:

Eu gosto de romance porque sou ainda meio romântica. Deus me livre de perder isso para a vida: o romantismo. Porque a partir do momento que você perde o romantismo, você não vê o colorido e a beleza das coisas de uma forma lúcida. Aí, se você perde isso, você está “lenhada”. Então isso eu quero guardar até morrer. Por isso, eu continuo lendo esse tipo de texto. O que mais me marcou foi Dom Casmurro. Foi indicado por uma professora no antigo segundo grau. Justamente na época da minha adolescência. Eu me sentia muitas vezes uma Capitu atrás de um Bentinho.

Nesse episódio da vida de Paloma, constata-se que Capitu e Bentinho emprestaram traços de seus personagens à sua história pessoal. Como afirma Ana Cristina Chiara: “Na verdade, não

saberíamos demarcar as fronteiras entre nossas lembranças e as imagens suscitadas pela leitura: umas são o suporte das outras” (1993, p. 5).

Entretanto, não se pode afirmar que uma indicação de livro de um professor agrade aos alunos. Muitas vezes ocorre justamente o contrário, principalmente quando a forma de indicação é feita através de um meio impositivo. Por outro lado, a influência do gosto de um professor por determinados textos e/ou autores pode permitir ao aluno descobrir, também, o que ele não gosta. Essa situação ocorreu na vida de Paloma:

Eu gostava de ler poesias, embora tivesse certa dificuldade para compreender realmente o que o poema estava dizendo. Muitas vezes eu lia um pouquinho o poema de Manuel Bandeira: *Os sapos*. É um dos que eu tinha pavor, mas por curiosidade e até desafio, certo professor lá do Deocleciano - eu estava cursando o segundo grau - na aula de Literatura falou que *Os sapos* era um dos poemas considerados mais bonitos. Eu disse: “Os sapos? Quem disse que é o mais bonito? Só ele acha, mas deixa eu ler esta ‘praga’”. Li o diabo do poema, mas não entendi “zorra” nenhuma! E quando eu sou burra, eu empaco naquilo, não sai da minha cabeça. Enquanto eu não descubro, eu não me aquieto. Aí, (gesticula), fui atrás de outra professora de língua portuguesa que ensinava lá, a professora Socorro Cortez: “Professora, por que acham que “Os sapos” é um dos poemas mais bonitos?” Mesmo ela me explicando porque era considerado um dos mais bonitos, ainda continuei achando que não. Até hoje não gosto desse poema.

De uma forma ou de outra, de maneira espontânea ou impositiva, vida e literatura enredam-se nas histórias de leitura dessas alunas, principalmente, os romances:

A partir do momento que meu pai me deu *O Pequeno Príncipe*, eu descobri a literatura; descobri o que era viver (Daniele).

Adoro romances. Até hoje eu trabalho muito com todo tipo de romance em sala de aula. Eu recentemente fiquei danada porque a escola onde eu leciono está trabalhando com o *Projeto Chapada* e esse projeto prioriza muito a literatura, mas a 4ª série, que é a minha turma, ficou só com os contos de assombração. Já são 3 anos que só trabalho com contos de assombração. Já não agüento mais (risos) (Joana).

Uma vez, eu estava numa biblioteca pública e depois de ler um romance, que amei – não me lembro agora o nome do livro-, veio-me a vontade de ter a história comigo. Então, arranquei uma folha, coloquei dentro do meu caderno e sai toda desconfiada, mas feliz por estar levando um pedaço da história para casa (Carla).

Sou totalmente apaixonada por poesias e contos, mas os romances... Ah, esses eu os amo, principalmente os de Machado de Assis, que sempre me deixaram muito curiosa. Ele adora deixar o leitor com aquele gostinho: “Será que é isso? Será que é aquilo? O que será que aconteceu depois?” Até hoje ninguém sabe se Capitu traiu Bentinho. Isso me fascina! Me faz pensar! (Cristina).

Segundo Lajolo os romances representam para os leitores muito mais do que uma leitura envolvente e vertiginosa: “Junto com o suspense, ao lado do mergulho na história, transcorre o tempo de decantação. Enredo, linguagem e personagens depositam-se no leitor. Passam a fazer parte da vida de quem lê” (2004, p.14).

As histórias ouvidas, os contos, as poesias e os romances lidos pelas alunas se entrelaçam e se unem a formação profissional de cada uma, o que compromete, com certeza, a formação de outros leitores e outras leitoras. Segundo Graça Paulino (2004), a formação de professores envolve a história de cada um, as pessoas com as quais conviveu, as escolas que frequentou, tudo se agrega à formação pessoal e profissional. Dessa forma, uma história se entrelaça na outra, o que ensina a cada um a lidar com o medo e, ao mesmo tempo, com o desejo de mover as páginas de sua história e de outras histórias com desfechos surpreendentes.

5 DE TEIA EM TEIA, UMA HISTÓRIA A CONTAR

Cada um de nós tem uma história a contar: o conto de fadas mais marcante; a história contada pela mãe, pai, avós ou irmãos, que nunca encontramos nos livros, mas que se tornou inesquecível, a ponto de recontarmos essa mesma história para outras pessoas; o livro proibido que saciou a nossa fome: a curiosidade; as historinhas em quadrinhos que tanto nos fizeram dar gargalhadas e trazer mais humor para a vida; aquela notícia no jornal que mudou nosso dia-a-dia, o poema que nos fez sonhar com o primeiro beijo, por exemplo. E outras e outras histórias que o leitor e a leitora deste texto poderão complementar.

Eu também tenho uma história a contar: a história das mulheres-leitoras do curso de Letras do Campus IV – UNEB, Jacobina - BA. Mas como foi mesmo que tudo começou?

Inicialmente esta pesquisa me interessava porque trabalho com estágio supervisionado de língua portuguesa no Campus IV - UNEB, Jacobina – BA. Então, traçar as histórias de leitura dos estudantes desse curso e confirmar se suas histórias poderiam influenciar as histórias de seus alunos tornaram-se meus principais propósitos. Mas, ao começar a cursar as disciplinas *Literatura e História* e *Sociologia da Leitura*, no Mestrado de Estudo em Linguagens, no Campus I – UNEB, meu olhar foi sendo ampliado e as questões que se fizeram presente foram as seguintes: por que no curso de Letras há mais mulheres? Quando e como as mulheres começaram a ser reconhecidas como leitoras? Como a aluna do curso de Letras se constitui leitora? Qual sua representação de leitura, literatura e leitor? Suas histórias influenciam as histórias de outros leitores e outras leitoras? Dessas questões começaram a surgir outras: Como se deu ou se dá o contato delas com os livros? Através da família? Da escola? Esses livros são comprados? Onde? Ou são emprestados de amigos, vizinhos, professores,

bibliotecas? Como são escolhidos, procurados e como chegam aos caixotes e/ou às prateleiras em suas casas? Então, foi assim que esta história começou.

As histórias de leitura dessas mulheres-leitoras não foram suficientes para traçar o perfil das alunas do curso de Letras do Campus IV – UNEB, mas serviram de pistas para saber se suas práticas de leitura ocorrem apenas no âmbito formal ou se ultrapassam as paredes da escola e da universidade; qual a relação que estabelecem com a leitura e a literatura; o que entendem por leitor; quais livros consultam na biblioteca da universidade e se estes são lidos e considerados como seus prediletos (ou não); se os impressos que possuem em casa as satisfaziam; como os guardam e quando os procuram.

A partir daí, comecei a perceber que a leitura é uma experiência particular e é resultado do confronto entre o texto e as histórias de vida do leitor. O leitor seria um co-partícipe do texto folheado ou lido. Mas quando há um distanciamento do homem e da história; para que a obra seja lida de fato, há de se estabelecer outro caminho de relação obra/leitor. É necessário que haja um repertório de leitura para que ocorra a interpretação e a interação com as diversas situações do cotidiano. Na medida em que o leitor não estabelece um diálogo com o objeto lido, o mesmo será desprezado ou descartado.

Recorrer à abordagem (auto) biográfica possibilitou-me entender que a leitura necessita da memória, que, por sua vez, confere uma identidade ao sujeito/leitor, assim como possibilita, através das lembranças, que este tenha uma idéia mais íntima de si. Além disso, a memória, também depende da leitura, pois retoma o passado, propicia a reflexão do presente e acena para um futuro.

Com a Sociologia da Leitura pude verticalizar as relações entre leitura e compreender que o ato de ler, embora resulte de um procedimento individual, está condicionado aos processos sociais. Ou seja, a leitura é mais do que um ato individualizado; é uma prática social, porque oportuniza interações e trocas simbólicas e sociais. Pude, igualmente, avançar nos estudos da história cultural e romper com o conceito de leitura que não considerava os leitores anônimos e os textos à margem do cânone. Para tentar dessacralizar a literatura, é necessário romper com a imagem que o livro conota em nossa vida e indagar: para ser um leitor, há de se ler livros e ter muitos livros? E, ainda, apenas livros indicados pelos críticos literários,

intelectuais e professores dos cursos de Letras, bem como pelas escolas de ensino fundamental e médio?

As respostas foram surgindo a partir das histórias de leitura dessas mulheres que, apesar de fazerem parte do meio acadêmico, não entendiam o porquê da minha pesquisa com alunas que não tinham condições favoráveis para comprar muitos livros, ler diferentes textos e ter um universo de histórias a contar. Mulheres que ouviam histórias, folheavam, trocavam, pediam livros, revistas e jornais emprestados, criavam clubinhos de leitura e compartilhavam o que liam; mas que, no entanto, não percebiam que possuíam um vasto repertório de leitura, que faziam parte da história da humanidade e que eram protagonistas de suas histórias e de tantas outras.

Mulheres que abriam as portas da sua memória e de suas casas para outra mulher que, naquela situação, era uma pesquisadora, com caderno, caneta, papéis e gravador nas mãos e que se submetia, às vezes, a percorrer 30 km para chegar até a casa delas. Não importava se era noite ou dia, final de semana ou feriado. Esta mulher, com certeza, tinha seus propósitos, os quais elas tentavam descobrir pelo olhar, falar e vestir.

Como em cidade do interior o que se é ou se faz logo é conhecido e imaginado, enxergavam-me a partir do que Orlandi (2002) chama de relação de força, ou seja, do lugar a partir do qual o sujeito é constitutivo do que fala. Mesmo me apresentando como pesquisadora, elas me enxergavam com o perfil de professora e membro de uma Academia de Letras. Foi nesse contexto que suas histórias foram surgindo e as minhas ressurgindo, cujo mundo das representações foi sendo desnudado, lido e relido.

Dados importantes para responder as questões norteadoras desta pesquisa foram aparecendo a cada lembrança, que, muitas vezes, era acompanhada do saudosismo de épocas passadas, do encontro com alguém que não mais compartilhava do convívio delas, de uma história esquecida ou um livro ainda não lido ou que precisaria ser relido, mas que estava esquecido no tempo da memória ou na estante de um quarto, de uma biblioteca pública ou em caixotes empoeirados.

Um dado importante que pôde ser verificado através das narrativas dessas mulheres-leitoras diz respeito ao que uma aluna do curso de Letras deve ler e o que ela realmente lê. Houve a

possibilidade de desmistificar a idéia de que essas alunas liam muito, principalmente os textos literários, e que os liam porque gostavam e não porque estavam se formando para serem professoras de literatura. Além disso, que compravam muitos livros e os liam em demasia - como se não existissem outros meios de acesso à leitura.

Demonstraram em suas falas que a questão da falta de recursos financeiros é um empecilho para a compra de livros, mas não para o acesso à leitura. Empréstimos de livros, revistas ou jornais, às bibliotecas públicas ou às pessoas de seu convívio, bem como o uso da fotocópia em substituição ao livro são meios que as aproximam da leitura.

Contudo, deixaram pistas de que valorizam bastante os livros e que, se tivessem poder aquisitivo para comprá-los, os empréstimos e as fotocópias não ocorreriam com tanta intensidade, ou até mesmo nem ocorreriam. Permanece, ainda, a sacralização do livro como meio legítimo de acesso à leitura. Como afirmam Paulino et al.:

O livro guarda em nossa sociedade, até hoje, uma aura sacralizadora ligada por um lado, à sua durabilidade, por outro, à legitimidade dos conteúdos que veicula. [...] Trata-se de uma mitificação desse suporte que chega ao ponto de só ser considerado leitor quem lê livros (2001, p.31).

As alunas nem sempre se davam conta de tudo que estava incluso no jogo da leitura: conhecimento do autor, do editor, retomada de leituras, influência de professores, críticos literários, conversa com parentes, vizinhos, entre outros. Também não atentavam para o fato de que a leitura é formada pela ausência ou presença de livros nos lugares onde se vive; que as leituras não controladas e censuradas, o contato com os textos através de empréstimos de amigos e os contatos com textos extra-escolares, como gibis, fotonovelas, impressos pornográficos, enredos sentimentalistas, como *Júlia*, *Bianca* fazem parte do espaço de formação de leitores e leitoras, fora do âmbito escolar. O que parece ser individual é algo construído por todo um patrimônio anterior.

Ao tentarem definir biblioteca, as alunas restringiram-se mais à coleção ou conjunto de livros. Não foram inseridos outros tipos de coleções, como revistas, jornais, gibis, apesar de terem citado esses tipos de impressos como leitura na infância e na adolescência e mostrarem tê-los em sua biblioteca pessoal. VHS, CD-Rom, DVD e o texto eletrônico não foram citados nem como meio de acesso à leitura, nem como parte de uma biblioteca.

Chartier, ao comentar sobre a maior biblioteca do mundo, a do Congresso dos Estados Unidos, afirma: “[...] é preciso pensar não apenas nos livros, mas também em todos os materiais impressos” (1999, p. 127). Ele acrescenta que há de se pensar na leitura de textos frente à tela, visto que leitores e leitoras podem construir sentidos diferentes ao que lêem de acordo com a forma do objeto escrito.

As alunas que fizeram parte desta investigação ainda estão tentando se aproximar dessa leitura. Na primeira etapa da pesquisa, das 17 (dezesete) alunas, 06(seis) apontaram a internet como meio de compra de livros. Entretanto, na segunda etapa ficou visível que a leitura frente à tela ainda está distante da realidade delas, seja pela necessidade de estar em contato com o papel, sentir seu cheiro; seja pela impossibilidade de poder ler em outras posições – ler frente á tela exige postura ao sentar-se e isso gera desconforto – ou, às vezes, por não ter condições de comprar um computador ou ainda não ter sentido essa necessidade, mesmo fazendo parte de um meio acadêmico que exige e disponibiliza tal recurso.

Quando falam a respeito da biblioteca imaginária, o anseio delas é reunir em um só lugar, com dimensões imensas, bastante livros. Ainda existe a idéia da obrigação de ler tudo, principalmente os textos literários de autores consagrados. Assim, ainda não se deram conta de que ao ler, um indivíduo ativa sua biblioteca interna, ou seja, suas vivências e sua relação com o outro. E que a partir das constantes trocas que a circulação dos textos orais ou escritos suscita, prestar atenção nessas trocas é ler. Concordando com Mindlin (1997), a biblioteca se forma não a partir da acumulação de livros, mas das histórias lidas.

Mesmo priorizando os livros clássicos da literatura brasileira, apresentando conceitos de leitura, literatura e leitor engessados numa prática de leitura limitada: - ler para dizer o que o autor disse, ler para se instruir, ler para viajar na imaginação; literatura como estudo apenas das escolas literárias ou como arte da palavra; leitor como aquele que lê muito, que gosta de ler, que possui muitos livros; - as práticas de leitura das alunas do curso de Letras fogem da representação estabelecida pela sociedade para uma aluna desse curso.

Isto é, elas lêem diversos gêneros textuais (literatura erudita, literatura de cordel, literatura cor-de-rosa, textos informativos e de entretenimento), a partir de formas distintas (livros, gibis, revistas, jornais, fotocópias, meio digital – mesmo que em escala menor), em lugares informais (casa, ônibus, fila de banco, sala de espera de consultórios); e, a depender do livro,

lêem sentada no sofá da casa, deitada na cama do quarto, na rede, no chão da sala de estar, numa livraria.

Portanto, suas práticas de leitura mostraram-se mais desordenadas e menos controladas em relação aos séculos anteriores. Por exemplo, no século XXI não há mais pinturas ou gravuras que imobilizem as leituras numa atitude que remete às convenções atribuídas à “leitura legítima”. Lê-se no ônibus, no avião, na calçada ou nos bancos da praça, em festas, em academias de ginástica, em piscinas, em praias, cachoeiras; e qualquer gênero textual: romance, cordel, anúncio.

Da escuta das narrativas das alunas do curso de Letras do Campus IV - UNEB, compreendi que o conhecimento só se dá no compartilhar do que se lê, na interação com o outro. No caso desta pesquisa, com outras histórias, outras situações de vida, em tempos e espaços distintos. Enfim, a partir das histórias de leitura dessas mulheres-leitoras aprendi que a história contada por um vai influenciando a história do outro e o que se conta de uma maneira hoje, pode vir a ser contado de outra forma amanhã.

E assim, com a certeza de que de teia em teia todos têm uma história para contar, independente que esteja guardada na memória, num caixote ou numa prateleira, despeço-me de cada leitor, de cada olhar que, com certeza, não será igual ao meu, acreditando, no que diz o ditado popular: quem conta um conto aumenta um ponto. Espero ter acrescentado também o meu em relação ao estudo sobre a formação de leitoras, em especial as do curso de Letras. Agora, cabe a você, leitor/leitora, acrescentar seu ponto nessa história, rememorando os fragmentos retirados de leituras, habitualmente, misturados a muitos outros, que ainda serão remanejados pelas suas fantasias pessoais.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Barreto. Pesquisa (auto) biográfica: tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Barreto (Org). *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras. São Paulo: FAPESP, 2003.
- ABREU, Márcia. SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2005.
- _____. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006 a.
- _____. Diferentes formas de ler. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memorial/ensaios/inde.html>. Acesso em 15 dez. 2006b.
- ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia Editorial/ Scortecci Editora, 2005.
- ALENCAR, José. *Lucíola*. 1 ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- AMORIM, Galeno. Apresentação. In: AMORIM, Galeno (org.). et al. *Políticas Públicas do livro e leitura*. Brasília, Brasil: OEI; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Biblioteca verde. In: ANDRADE, Carlos Drummond. *A palavra mágica*. Seleção Luiza de Maria. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- ANDRADE, Ludmila Tomé. *Professores-leitores e sua formação: transformações discursivas de conhecimento e de saberes*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.
- ARISTÓTELES. *A arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- A SENHORA. *O Lidador*. Jacobina, p.4, 7 set. 1933.
- BAEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BAHIA, Governo do Estado. Secretaria da Cultura e Turismo. *Dicionário de autores baianos*. Salvador: A Secretaria, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BANDEIRA, Jacira Branco da Silva et al. *A identidade da mulher professora no município de Várzea da Roça*, 2001. Monografia. Licenciatura em Pedagogia, Habilitação nas séries iniciais do Ensino Fundamental – Departamento de Ciências Humanas - Campus IV- Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

BARRETO, Ângela Maria. *Memória e leitura: as categorias da produção de sentidos*. Salvador: EDUFBA, 2006.

BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BAYARD, Pierre. *Como falar dos livros que não lemos?* Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BELO, André. *História & livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica. Arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDES, Padre Manoel. ABC da Moral. In: *O Lيدador*, Jacobina, 13 dez. 1936.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRITO, Acássia Gomes de. *Os seios de Pandora: a autoconstrução da mulher na contemporaneidade*, 2002. Monografia de Especialização, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários – Departamento de Ciências Humanas – Campus IV-Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e renascimentos da narrativa. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CADORE, Luis Agostinho. *Curso prático de português: literatura, gramática e redação*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. Cultura amordaçada: DEOPS e o saneamento ideológico. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

CHALITA, Gabriel. *Mulheres que mudaram o mundo*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2007.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa. Difel, 1990.

_____. *A ordem dos livros*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

_____. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001a.

_____. Prefácio. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001b.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004.

CHIARA, Ana Cristina de Rezende. *Leitura e memória*. PROLER: Seminários de leitura. Goiânia, 30/04/1993.

CHRISTIAN, Jacob. Prefácio. In: BARATIN, Marc. CHRISTIAN, Jacob. *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2006.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. Global Editora: São Paulo, 2007.

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. Itinerários da leitura no espaço escolar. *Revista da FAEBA/ Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I – v.1, n.1 (jan./jun., 1992) – Salvador: UNEB, 1992.*

_____. *Cenas de leitura*. Salto para o Futuro, 2005.

_____. Os bastidores da leitura: práticas e representações ou do lixo à biblioteca. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CORRÊA, Carlos Humberto Alves. Entre práticas e representações: notas sobre o encontro com o mundo da leitura na universidade. In: SILVA, Lilian Lopes Martin da Silva (org). *Entre leitores; alunos, professores*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

CULLER, Jonathan. Leitores e leituras. In: CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Tradução: Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. *Boemia literária e a revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org). *A escrita da história: novas perspectivas*. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. São Paulo: Autêntica, 2006.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ERNANI & NICOLA. *Curso prático de língua, literatura e redação*, v. 1. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

FADIMAN, Anne. *Ex-libris: confissões de uma leitora comum*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Histórias de leitura. In: SILVA, Lilian Lopes Martin da Silva (Org). *Entre leitores; alunos, professores*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FRAISSE, Emanuel et al. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo: Ática, 1997.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 46 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. De Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GREGÓRIO FILHO, Francisco. Práticas leitoras (de cor... coração): algumas vivências de um contador de histórias. In: YUNES, Eliana (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

HALBWACH, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8 ed. Rio de Janeiro: DP &A, 2003.

HARTOG, François. A arte da narrativa histórica. In: BOUTIER, Jean. JULIA, Dominique. *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Trad. de Marcella Montara. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas - sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Trad. de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coord. e trad. de Luiz Costa Lima. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W. GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KLEIMAN, Ângela B. Apresentação. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. et al. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro, 2002.

LAHIRE, Bernard. *Sociología de la lectura*. Barcelona: GEDISA, 2004.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

_____. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4 ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1996.

LEITE, Márcia Maria da Silva. *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)*. Salvador: Quarteto, 2005.

LEMOS, Adriana. MACHADO, Marineide. DIAS, Denise. Você sabia que... num país que se diz de não leitores, acontece... In: *Varal de notícias: mundo do texto, mundo do leitor*. Salvador: PPGEL/UNEB N°. 1, dez. 2006, p. 4.

LEMOS, Doracy Araújo. *Jacobina, sua história e sua gente/memórias*. Jacobina: [s.n.], 1995.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (Org). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora UNB: Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. O gênero da docência. In: LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARCHI, Diana Maria. A literatura e o leitor. In: NEVES, Iara et al (Orgs). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 6 ed. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1997.

MARTINS, Ana Luiza. Gabinetes de Leitura do Império: casas esquecidas da censura. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

MELO, Cinthia Bianca Liberal. *Tieta(s) do agreste no Pingo do Caju*, 2002. Monografia de Especialização, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários – Departamento de Ciências Humanas – Campus IV-Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

MENDES, Célia Maria Batista. *O discurso feminino literário nas obras: Ciranda de pedra, As meninas e Memorial de Maria Moura*, 2002. Monografia de Especialização, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários – Departamento de Ciências Humanas – Campus IV-Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

MINDLIN, José. *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. O bibliófilo e a leitura. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

MOITA, M. C. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

MORAES, Ana Alcídia de. *A história de leitura em narrativas de professores: uma alternativa de formação*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

MORAES, Rubens Borba Alves de. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura e Tecnologia, 1979.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. RS: EDUNISC; Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

NEVES, Lúcia Maria Bastos. Antídotos contra obras “ímpias e sediciosas”: censura e repressão no Brasil de 1808 a 1824. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

NÓVOA, António e FINGER, Mathias. *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

OLIVEIRA, Alciene Brasileiro. *A representação do feminino em “As dozes cores do vermelho”, de Helena Parente Cunha*, 2003. Monografia de Especialização, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários – Departamento de Ciências Humanas – Campus IV- Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

O POVO. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/lietratura-cor-de-rosa>. Acesso em 30 ago. 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. *Discurso e leitura*. 5 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

PAULINO, Graça. Saberes literários como saberes docentes. In: *Presença Pedagógica*. V. 10, n. 59, set/out. 2004.

____ et al. *Tipos de textos, modos de leitura*. 2 ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PASSOS, Elizete Silva. Presença feminina nos cursos de graduação da Universidade Federal da Bahia. In: COSTA, Ana Alice Alcântara. ALVES, Ívia (Orgs.). *Ritos, mitos e fatos: mulher, gênero na Bahia*. Salvador: NEIM/UFBA, 1997.

PERONI, M. *Histories de lire: lecture et parcours biographique*. Paris: Bibliothèque publique d’information, C. G. Pompidou, 1998.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PINEAU, G., LE GRAND, J. L. *Les histoires de Vie*. Paris: PUF, 1993. (Col. Que Sais-je?).

QUEIROZ, Vera. *Crítica literária e estratégias de gênero*. Niterói: EDUFF, 1997.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, Roger. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. V.3

RAUEN, José Fábio. *Roteiros de investigação científica*. Tubarão: Editora Unisul, 2002.

REIS, Joaciara de Almeida Franco. *O discurso feminino contemporâneo na poesia de Elisa Lucinda*, 2002. Monografia de Especialização, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários – Departamento de Ciências Humanas – Campus IV-Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

REVISTA DA FAEEBA. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I – V. 1, n. 1 (jan./jun., 1992). Salvador: UNEB, 1992.

SAMPAIO, Josenilda Souza dos Anjos. *A mulher e o negro na sociedade dos excluídos em “Capitães de areia”*, de Jorge Amado, 2002. Monografia de Especialização, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários – Departamento de Ciências Humanas – Campus IV-Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

SANCHES NETO, Miguel. *Herdando uma biblioteca*. Editora Record: Rio de Janeiro, 2004

SANTANA, Gisélia Mota. *Representações do feminino em letras de músicas de Chico Buarque e Caetano Veloso*, 2002. Monografia de Especialização, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários – Departamento de Ciências Humanas – Campus IV-Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

SANTANA, Maria Suely de Lima. *Gênero em: escrita de mulher e crítica feminista*, 2002. Monografia de Especialização, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários – Departamento de Ciências Humanas – Campus IV-Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

SANTOS, Rita de Cassi Pereira. Ouvir histórias fez-me leitora. In: LONTRA, Hilda Orquídea H. (org). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora UNB: Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Alcira Pereira Carvalho. *50 anos depois*. Salvador, s.c.p.1984.

_____. *Jacobina Sim*. Centro Editorial e Didático (UFBA): Salvador, 1998.

SILVA, Alex Sandra Pereira. *As mulheres e as deusas na obra de Mário Donato: presença de Anita*, 2002. Monografia de Especialização, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários – Departamento de Ciências Humanas – Campus IV-Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

SILVA, Ana Lúcia Gomes. *Histórias de leitura na terceira idade: memórias individuais e coletivas*, 2005. Dissertação - Mestrado em Educação – Programa de Pós - Graduação em Educação, da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

SILVA, Dalva Almeida. *Itapura: entrelace do passado e presente*. Itaberaba-Ba: Gráfica Joade, 2002.

____. CARVALHO. Retrato de Miguel Calmon: análise geral do município. 1ª ed. Jacobina: Gráfica e Editora Oxente, 2007.

SILVA, Lilian Lopes Martin da Silva (Org). *Entre leitores; alunos, professores*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

SISTO, Celso. Contando a gente acredita. In: SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2005 a.

SISTO, Celso. Contar histórias: da oficina à sinfonia In: SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2005b.

SISTO, Celso. Gente contente – apontamentos (sempre incompletos) de um contador de histórias. In: SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2005c.

SOBRINHO, Marlúcia Ribeiro. *Pilungas, carnavais e uma mulher*, 2002. Monografia de Especialização, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários – Departamento de Ciências Humanas – Campus IV-Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

SOUZA, Elizeu Clementino. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

____. ABRAHÃO, Maria Helena Barreto (Orgs). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

TUFANO, Douglas. *Estudos de língua e literatura*. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1990.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Panorama Acadêmico. In: *Revista Interdisciplinar do Campus IV*. Jacobina: Gráfica Santa Cruz, 2001.

VASCONCELOS, Vânia Pereira. *Evas e Marias em Serrolândia: representação da mulher numa cidade do interior: 1960 – 1990*, 1999. Monografia de Especialização. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Metodologia da História – Departamento de Filosofia – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

VEIGA, Benedito José de Araújo. *Ah! Dona Flor, Dona Flor...* (memória da vida cultural baiana), 2001. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Universidade Federal da Bahia – UFBA.

VIEIRA, Cláudia Andrade. *Mulheres de elite em movimento por direitos políticos: o caso de Edith da Gama e Abreu*, 2002. Dissertação de Mestrado em História Social, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

VILLALTA, Luiz Carlos. Os leitores e os usos dos livros na América Portuguesa. ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZOLIN, Lucia Osana. *Desconstruindo a opressão: a imagem feminina em A República dos Sonhos*, de Nélide Piñon. Maringá: Eduem, 2003.

ANEXOS

ANEXO A

➤ Questionário

QUESTIONÁRIO (1ª ETAPA)

ORIENTAÇÕES: * Para algumas perguntas objetivas, você poderá assinalar mais de uma resposta.

* Se o espaço para responder as questões subjetivas não for suficiente, por favor, utilize o verso para concluí-las.

I - IDENTIFICAÇÃO

- 1- Nome completo: _____
- 2- Idade: _____
- 3- Naturalidade: _____
- 4- Origem social: _____
- 5- Cidade onde reside: _____
- 6- Estado civil: () solteira () casada () divorciada () viúva
() Outro - Especifique _____
- 7- Experiência profissional na área de Letras: () Sim () Não
- 8- Trabalha atualmente na área de Letras? () Sim () Não
- 9- Trabalha em outra área? () Sim () Não Especifique _____

II – FORMAÇÃO

- 1 - Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
() Pública () Particular () Pública e Particular

2 - Ano de conclusão do ensino fundamental

- 3 - Tipo de instituição que cursou o ensino médio
() Pública () Particular () Pública e Particular

4 - Ano de conclusão do ensino médio

5 - Ano de início do Curso de Letras

III – LEITURA E MEMÓRIA

- 1- Quem possibilitou o primeiro contato com a leitura?
() Mãe () Pai () Escola () Irmãos () Parentes () Amigos () Iniciativa própria
() Não lembra () Outro - Especifique _____

2- Quando foi seu primeiro contato com a leitura?
() Infância () Adolescência () Fase Adulta

3- Como teve acesso aos livros na infância?
() Biblioteca paterna/familiar () Biblioteca pública () Biblioteca particular

Comprando Ganhando Xerocopiando

Emprestado de familiares

de amigos

de vizinhos

de professores

Outro – Especifique _____

4- Como teve acesso aos livros na adolescência?

Biblioteca paterna/familiar Biblioteca pública Biblioteca particular

Comprando Ganhando Xerocopiando

Emprestado de familiares

de amigos

de vizinhos

de professores

Outro – Especifique _____

5 - Como teve acesso aos livros hoje?

Biblioteca paterna/familiar Biblioteca pública Biblioteca particular

Comprando Ganhando Xerocopiando

Emprestado de familiares

de amigos

de vizinhos

de professores

Outro – Especifique _____

6- Gostava de ouvir histórias?

Sim Não

Justifique _____

7- Quem contava as histórias?

Mãe Pai Avó Tios Irmãos Parentes Amigos Professor

Vizinhos Não me contavam histórias

Outro - Especifique _____

8- Quais histórias que mais gostava de ouvir?

Conto de fadas Fábulas Histórias familiares Histórias sobrenaturais

Lendas Causos Mitologia Histórias da Carochinha

Literatura infanto-juvenil Não lembra

Outras - Especifique _____

9- Gostava de contar histórias?

Sim Não

Justifique _____

10- Se gostava, em que fase ou fases de sua vida contava histórias?

11-Para quem contava histórias?

Amigos Pai Mãe Irmãos Sobrinhos Primos Alunos

Filhos Vizinhos Professores

() Outras pessoas - Especifique_____

12-Como foi a experiência de ser uma contadora de histórias?

IV – LEITURA, LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR

1- O que gostava de ler na infância?

- () Conto de fadas () Gibis () Contos infantis () Literatura infantil brasileira () Fábulas
() Revistas variadas () Jornais () Enciclopédias () Livros didáticos
() Dicionários () Textos bíblicos () Poesias () Letras de música
() Lia apenas o que a escola indicava () Não tinha preferência
() Outro - Especifique_____

2- O que gostava de ler na adolescência?

- () Literatura brasileira clássica () Literatura infantil brasileira
() Literatura juvenil brasileira () Romance estrangeiro () Romance policial
() Romance de aventura () Gibis () Auto-ajuda () Livros espíritas () Revistas variadas
() Receitas culinárias () Almanques () Jornais () Enciclopédias () Livros didáticos
() Dicionários () Textos bíblicos () Poesias () Contos () Crônicas () Reportagens
() Horóscopo () Biografias () Política () Artes () Artigos científicos () Fofocas
() Fábulas () Letras de música () Fotonovelas
() Não tinha preferência () Não gostava de ler
() Outro - Especifique_____

3- Qual tipo de leitura era incentivado na escola?

- () Literatura brasileira clássica () Literatura infantil brasileira
() Literatura juvenil brasileira () Romance estrangeiro () Romance policial
() Romance de aventura () Gibis () Auto-ajuda () Livros espíritas () Revistas variadas
() Receitas culinárias () Almanques () Jornais () Enciclopédias () Livros didáticos
() Dicionários () Textos bíblicos () Poesias () Contos () Crônicas () Reportagens
() Horóscopo () Biografias () Política () Artes () Artigos científicos () Fofocas
() Fábulas () Letras de música () Fotonovelas
() Lia apenas o que a escola indicava () Não tinha preferência () Não gostava de ler
() Outro - Especifique_____

4- Qual tipo de leitura é indicado na universidade?

- () Literatura brasileira clássica () Literatura infantil brasileira
() Literatura juvenil brasileira () Romance estrangeiro () Romance policial
() Romance de aventura () Gibis () Receitas culinárias () Contos de fadas
() Auto-ajuda () Livros espíritas () Revistas de divulgação científica () Jornais
() Enciclopédias () Livros didáticos () Dicionários () Textos bíblicos () Poesias
() Contos () Crônicas () Reportagens () Horóscopo () Biografias () Política
() Artes () Artigos científicos () Fofocas () Letras de música () Leituras acadêmicas
() Outro - Especifique_____

5- Atualmente, que tipo de leitura ou quais tipos de leitura fazem parte do seu cotidiano?() Literatura brasileira clássica () Literatura infantil brasileira

- () Literatura juvenil brasileira () Romance estrangeiro () Romance policial
() Romance de aventura () Gibis () Auto-ajuda () Livros espíritas
() Revistas variadas () Jornais () Enciclopédias () Livros didáticos () Dicionários

- Textos Poesias Contos Crônicas Reportagens Horóscopo
 Biografias Política Artes Artigos científicos Fofocas
 Leio apenas o que os professores indicam na faculdade Não tenho preferência
 Letras de música Leituras acadêmicas Todos
 Outro - Especifique_____ -

6- Você possui uma biblioteca pessoal?

- Sim Não

7- Se não, por quê?

8- Se sim, onde costuma comprar seus livros?

9- Quais livros fazem parte de sua biblioteca pessoal? Cite títulos e seus respectivos autores.

10- Quais livros/revistas gostaria de ter em sua biblioteca pessoal?

11- Por qual motivo gostaria de ter esses livros/revistas?

12- Por qual motivo acredita não ter esses livros ou revistas em sua biblioteca?

13- Freqüenta bibliotecas?

- Sim Não

14- Freqüenta quais bibliotecas?

15- Costuma partilhar suas leituras?

- Sim Não

16- Por quê?

17- Com quem costuma partilhar suas leituras?

- Mãe Pai Irmãos Família Amigos Filhos Colegas de faculdade
 Professores Namorado Marido
 Outro - Especifique _____

V- LEITURA , LITERATURA , LEITOR E SUAS REPRESENTAÇÕES

1- Para você, qual é o conceito de leitura?

2- Qual o espaço que a leitura ocupa em sua vida atualmente?

- A maior parte do tempo Boa parte das horas vagas
 Menor do que há alguns anos Maior do que há alguns anos
 Quase não leio Não tenho tempo para ler
 Outro - Especifique _____

3- O que é literatura para você?

4- Qual o sentido da literatura em sua vida?

5- A universidade tem estimulado a leitura de textos literários?

- Sim Não

Justifique _____

6- Você se considera um leitor?

- Sim Não

7- Por quê?

8- Para você, qual seria o perfil de um leitor?

ANEXO B

➤ Identificação e Formação das alunas

I- IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: JOANA
2. Idade: 43
3. Naturalidade: MIGUEL CALMON-BA
4. Origem social: MÉDIA- BAIXA
5. Cidade onde reside: MIGUEL CALMON-BA
6. Estado civil: () solteira (X) casada () divorciada () viúva
() Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: (X) Sim () Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: () Sim (X) Não
9. Trabalha em outra área? (X) Sim () Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1980

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
1983

5- Ano de início do Curso de Letras
2003-1

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: CARLA
2. Idade: 28
3. Naturalidade: MIGUEL CALMON - BA
4. Origem social: BAIXA
5. Cidade onde reside: MIGUEL CALMON - BA
6. Estado civil: () solteira (X) casada () divorciada () viúva
() Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: (X) Sim () Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: () Sim (X) Não
9. Trabalha em outra área? (X) Sim () Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1994

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
1997

5- Ano de início do Curso de Letras
2003-1

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: SUSANA
2. Idade: 26 ANOS
3. Naturalidade: MIGUEL CALMON - BA
4. Origem social: BAIXA
5. Cidade onde reside: MIGUEL CALMON- BA
6. Estado civil: (X) solteira () casada () divorciada () viúva
() Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: (X) Sim () Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: () Sim (X) Não
9. Trabalha em outra área? (X) Sim () Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1998

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
2001

5- Ano de início do Curso de Letras
2003

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: CRISTINA
2. Idade: 23 ANOS
3. Naturalidade: SANTO ANDRÉ - SP
4. Origem social: BAIXA
5. Cidade onde reside: MIGUEL CALMON - BA
6. Estado civil: (X) solteira () casada () divorciada () viúva
() Outro - Especifique
7. Experiência profissional na área de Letras: (X) Sim () Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: () Sim (X) Não
9. Trabalha em outra área? (X) Sim () Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1999

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
2002

5- Ano de início do Curso de Letras
2003

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: ANA
2. Idade: 25 ANOS
3. Naturalidade: CAMPO FORMOSO - BA
4. Origem social: BAIXA
5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: (X) solteira () casada () divorciada () viúva
() Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: () Sim (X) Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: () Sim (X) Não
9. Trabalha em outra área? () Sim (X) Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1996

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
1999

5- Ano de início do Curso de Letras
2003

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: VANESSA
2. Idade: 26
3. Naturalidade: PIRACICABA - SP
4. Origem social: MÉDIA - BAIXA

5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: solteira casada divorciada viúva
 Outro - Especifique
7. Experiência profissional na área de Letras: Sim Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: Sim Não
9. Trabalha em outra área? Sim Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
 Pública Particular Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1996

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
 Pública Particular Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
1999

5- Ano de início do Curso de Letras
2003

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: SIMONE
2. Idade: 42 ANOS
3. Naturalidade: JACOBINA - BA
4. Origem social: MÉDIA - BAIXA
5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: solteira casada divorciada viúva
 Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: Sim Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: Sim Não
9. Trabalha em outra área? Sim Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
 Pública Particular Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1977

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
 Pública Particular Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
1982

5- Ano de início do Curso de Letras
2003

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: DANIELE
2. Idade: 51
3. Naturalidade: JACOBINA - BA
4. Origem social: MÉDIA - ALTA
5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: solteira casada divorciada viúva
 Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: Sim Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: Sim Não
9. Trabalha em outra área? Sim Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
 Pública Particular Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1970

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
 Pública Particular Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
1974

5- Ano de início do Curso de Letras
2001

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: PALOMA
2. Idade: 49
3. Naturalidade: JACOBINA - BA
4. Origem social: MÉDIA - BAIXA
5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: solteira casada divorciada viúva
 Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: Sim Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: Sim Não
9. Trabalha em outra área? Sim Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
 Pública Particular Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1970

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
 Pública Particular Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
1973

5- Ano de início do Curso de Letras
1983

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: MARTA
2. Idade: 23 ANOS
3. Naturalidade: JACOBINA - BA
4. Origem social: MÉDIA - BAIXA
5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: solteira casada divorciada viúva
 Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: Sim Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: Sim Não
9. Trabalha em outra área? Sim Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
 Pública Particular Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1998

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
 Pública Particular Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
2001

5- Ano de início do Curso de Letras
2003

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: CARMEM
2. Idade: 26 ANOS
3. Naturalidade: JACOBINA - BA
4. Origem social: BAIXA
5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: solteira casada divorciada viúva
 Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: Sim Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: Sim Não
9. Trabalha em outra área? Sim Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
 Pública Particular Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1997

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
2000

5- Ano de início do Curso de Letras
2003

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: LÍDIA
2. Idade: 25 ANOS
3. Naturalidade: JACOBINA - BA
4. Origem social: MÉDIA
5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: () solteira (X) casada () divorciada () viúva
() Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: () Sim (X) Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: () Sim (X) Não
9. Trabalha em outra área? (X) Sim () Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
() Pública (X) Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1996

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
() Pública (X) Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
1999

5- Ano de início do Curso de Letras
2002

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome: PRISCILA
2. Idade: 32 ANOS
3. Naturalidade: SENHOR DO BONFIM - BA
4. Origem social: MÉDIA
5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: () solteira (X) casada () divorciada () viúva
() Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: () Sim (X) Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: () Sim (X) Não
9. Trabalha em outra área? (X) Sim () Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
() Pública (X) Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1990

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
() Pública (X) Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
1994

5- Ano de início do Curso de Letras
2001

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: THAISE
2. Idade: 27 ANOS
3. Naturalidade: FEIRA DE SANTANA - BA
4. Origem social: MÉDIA - BAIXA
5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: () solteira (X) casada () divorciada () viúva
() Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: () Sim (X) Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: () Sim (X) Não
9. Trabalha em outra área? () Sim (X) Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
() Pública (X) Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1988

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
2000

5- Ano de início do Curso de Letras
2003

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: MARISTELA
2. Idade: 23 ANOS
3. Naturalidade: ITAJUBA - MG
4. Origem social: BAIXA

5. Cidade onde reside: SERROLÂNDIA - BA
6. Estado civil: solteira () casada () divorciada () viúva
() Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: () Sim (X) Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: () Sim (X) Não
9. Trabalha em outra área? (X) Sim () Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1997

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
2000

5- Ano de início do Curso de Letras
2003

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: ANDRESSA
2. Idade: 26 ANOS
3. Naturalidade: CAMPO FORMOSO - BA
4. Origem social: MÉDIA
5. Cidade onde reside: UMBURANAS - BA
6. Estado civil: solteira () casada () divorciada () viúva
() Outro – Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: (X) Sim () Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: () Sim (X) Não
9. Trabalha em outra área? (X) Sim () Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1996

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
(X) Pública () Particular () Pública e Particular

4- Ano de conclusão do ensino médio
1999

5- Ano de início do Curso de Letras
2002

I - IDENTIFICAÇÃO

1. Nome completo: GILVÂNIA
2. Idade: 38
3. Naturalidade: JACOBINA - BA
4. Origem social: NÃO RESPONDEU
5. Cidade onde reside: JACOBINA - BA
6. Estado civil: () solteira () casada (X) divorciada () viúva
() Outro - Especifique _____
7. Experiência profissional na área de Letras: (X) Sim () Não
8. Trabalha atualmente na área de Letras: (X) Sim () Não
9. Trabalha em outra área? (X) Sim () Não Especifique

II – FORMAÇÃO

1- Tipo de instituição que cursou o ensino fundamental
() Pública (X) Particular () Pública e Particular

2- Ano de conclusão do ensino fundamental
1983

3- Tipo de instituição que cursou o ensino médio
() Pública (X) Particular () Pública e Particular

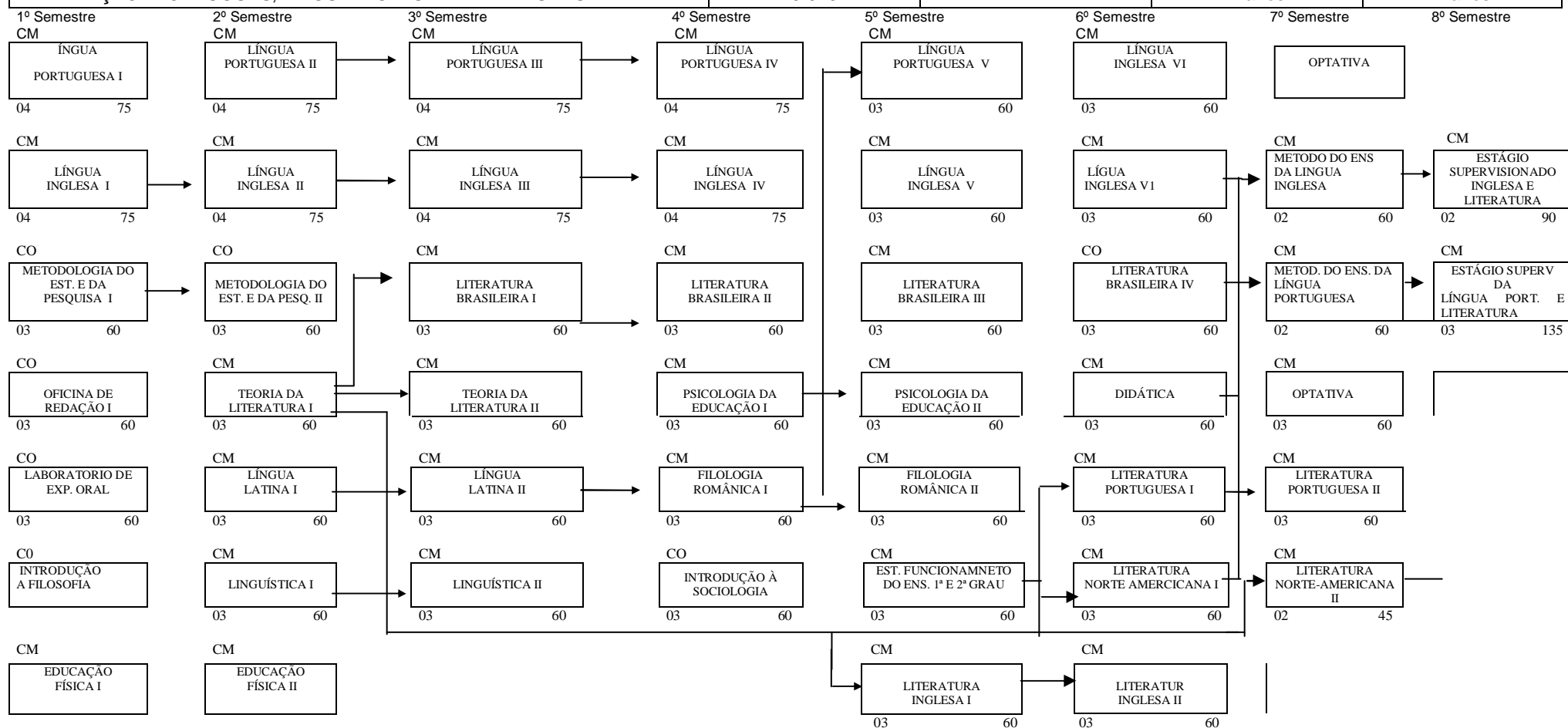
4- Ano de conclusão do ensino médio
1986

5- Ano de início do Curso de Letras
2003

ANEXO C

➤ Integração Curricular (Componentes curriculares cursados pelas alunas).

| UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB | INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR | | | |
|--|---------------------------|------------------|---------------|---------------|
| CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS | CARGA HORÁRIA | CREDITAÇÃO TOTAL | TEMPO MÍNIMO | TEMPO MÁXIMO |
| HABILITAÇÃO : PORTUGUÊS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS. | 3.075 | 147 | 4 anos | 7 anos |



| | | | | | | | | |
|----------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| C. HORÁRIA | 420 | 420 | 390 | 390 | 420 | 420 | 390 | 225 |
| CRÉDITO / SEM. | 21 | 21 | 20 | 20 | 21 | 21 | 18 | |

ANEXO D

- Livros mais vendidos na Livraria *Livro de Ouro Comercial de Livros LTDA.* de 01.01.03 a 15.09.07

Livro de Ouro Comercial de Livros Ltda.
CNPJ. 05.810.040/0001-12-IN. EST. 94538861
PRAÇA RIO BRANCO, 29 - JACOBINA - BAHIA
E-mail: Livro.de.ouro.@hotmail.com
FONE: (74) 621-3584

RELAÇÃO DOS LIVROS MAIS VENDIDOS: DE 01.01.03 A 15.09.07

EDUCAÇÃO

Ação psicopedagógica em sala de aula – M. Ferreira
A importância do ato de ler – Paulo Freire
A língua de Eulália – Marcos Bagno
A psicopedagogia clínica – Maria Weiss
A psicopedagogia no Brasil – Nadia Aparecida Bossa
A técnica de estudar – Marco Aurélio
Avaliação de aprendizagem escolar – Cipriano Luckesi
Avaliar para promover – Jussara Hoffmann
Como usar o jornal na sala de aula – Maria Alice Faria
Dez novas competências para ensinar – Philippe Perrenoud
Educar com fábulas – Alfonso Francia
Educar com parábolas – Alfonso Francia
Filosofia para crianças e adolescentes – Maria Luiza Silveira Teles
Filosofia para principiantes – Richard Osborne
História da educação – Neusa Maria Marques de Souza
O jornal como proposta pedagógica – Joana Cavalcanti
Pedagogia da autonomia – Paulo Freire
Pedagogia do oprimido – Paulo Freire
Por que (não) ensinar gramática na escola – Sírio Possenti
Preconceito lingüístico – Marcos Bagno

RELIGIOSO

Abra a porta – Cartilha do povo de Deus – (Redação e organização da equipe das dioceses)

A luta pessoal para resolver os problemas da vida íntima – Pe. Jonas Abib
Bíblia sagrada – (Geral)
Buscai as coisas do alto – Pe. Leo
Eucaristia o sacramento da cura – Pe. Robert de Guardis
Louvemos ao Senhor – (Geral)
Minutos de sabedoria – C. Torres Pastorino
O meu lugar é o céu – Pe. José Augusto
Terço da libertação – Regis Castro
O poder da esposa que ora – Stormie Omartian
O poder dos pais que oram – Stormie Omartian
Orações de poder – Maisa Castro (Org.)
Os cinco minutos de Deus – Alfonso Milagro
Os cinco minutos de Maria – Alfonso Milagro
Por que sou católico – Prof. Felipe Aquino
Quando só Deus é a resposta – Márcio de Mendes
Quem vos uniu foi Deus – Pe. José Augusto
Salmos – (Geral)
Sim, sim! Não, não! – Pe. Jonas Abib
Sofrer e amar – Luiza Santiago

AUTO-AJUDA

12 semanas para mudar uma vida – Augusto Cury
Aprendendo a gostar de si mesmo – Louise Hay
Dez leis para ser feliz – Augusto Cury
Enquanto o amor não vem – Iyanla Vanzant
Filhos brilhantes alunos fascinantes – Augusto Cury
Jesus o Maior Psicólogo que já Existiu – Mark W. Baker
Nunca desista dos seus sonhos – Augusto Cury
O mestre da sensibilidade – Augusto Cury
O mestre da vida – Augusto Cury
O mestre do amor – Augusto Cury
O mestre dos mestres – Augusto Cury
O mestre inesquecível – Augusto Cury

Pais brilhantes professores fascinantes – Augusto Cury
Por que os homens fazem sexo e as mulheres amor – Allan e Bárbara Pease
Por que os homens mentem e as mulheres choram – Allan e Bárbara Pease
Revolucione sua qualidade de vida – Augusto Cury
Seja líder de si mesmo – Augusto Cury
Superando o cárcere da emoção – Augusto Cury
Um dia daqueles – Bradley Trevor Greive
Você é insubstituível – Augusto Cury

ROMANCE

Abusado – Caco Barcellos
Anjos e demônios – Dan Brown
A tenda vermelha – Anita Diamant
Cem anos de solidão – Gabriel Garcia Marquez
Feliz ano velho – Marcelo Rubens Paiva
Fortaleza digital – Dan Brown
O alquimista – Paulo Coelho
O amor nos tempos do cólera – Gabriel Garcia Marquez
O caçador de pipas – Khaled Hosseini
O código da Vinci – Dan Brown
O diário de um mago – Paulo Coelho
O futuro da humanidade – Augusto Cury
O guardião de memórias – Kim Edwards
Olga - vida de Olga Benario – Fernando Morais
Onze minutos – Paulo Coelho
O zahir – Paulo Coelho
Os templários – Karen Roals
Ponto de impacto – Dan Brown
Quando Nietzsche chorou – Irvin D. Yalom
Viver para contar – Gabriel Garcia Marquez

ANEXO E

➤ Livros e autores que fazem parte da biblioteca pessoal das alunas:

- ✓ Livros didáticos
(Andressa)
- ✓ Livros de literatura
(Andressa)
- ✓ Livros de auto-ajuda
(Andressa)
- ✓ Livros de dinâmicas
(Andressa)
- ✓ Livros paradidáticos
(Andressa)
- ✓ Revistas
(Andressa)
- ✓ Jornais
(Andressa)
- ✓ Clássicos
(Thaise)
- ✓ Coleção de Jorge Amado
(Thaise, Maristela)
- ✓ Coleção de José de Alencar
(Thaise)
- ✓ Augusto Cury (muitos)
(Maristela)
- ✓ Paulo Coelho
(Maristela)
- ✓ Leonardo Boff
(Maristela)
- ✓ Pe. Léo
(Maristela)
- ✓ Arnaldo Jabor
(Maristela)

- ✓ Allan e Bárbara Pease
(Maristela)
- ✓ A Bíblia
(Andressa, Priscila)
- ✓ Alfabetização, de Ana Taberosky
(Andressa)
- ✓ Histórias de mulheres que mudaram o mundo, de Gabriel Chalita
(Andressa)
- ✓ Contos de aprendiz, de Carlos Drummond
(Priscila)
- ✓ O menino no espelho, de Fernando Sabino
(Priscila)
- ✓ Brim azul, de Ganymedes José
(Priscila)
- ✓ Caixa Postal 1989, de Ângela Carneiro
(Priscila)
- ✓ Moll Flanders, de Daniel Defoe
(Marta)
- ✓ A língua oculta, de Marcos Bagno
(Marta)
- ✓ O Código Da Vinci, de Dan Brown
(Marta, Lídia)
- ✓ A língua de Eulália, de Marcos Bagno
(Marta)
- ✓ Quando Nietzsche chorou, de Irvin D. Yalom
(Marta, Vanessa)
- ✓ Pesquisa na escola, de Marcos Bagno
(Marta)
- ✓ Dom Casmurro, de Machado de Assis
(Marta)
- ✓ A cidade e as serras, de Eça de Queirós
(Marta)
- ✓ Nunca desista dos seus sonhos, de Augusto Cury
(Marta)

- ✓ Memorial de Aires, de Machado de Assis
(Marta)
- ✓ Pedagogia do amor, de Gabriel Chalita
(Paloma)
- ✓ Laços de família, de Clarice Lispector
(Paloma)
- ✓ Perdas e ganhos, de Lya Luft
(Paloma, Daniele)
- ✓ A hora da estrela, de Clarice Lispector
(Paloma)
- ✓ Angústia, de Graciliano Ramos
(Paloma)
- ✓ Treinando a emoção para ser feliz, de Augusto Cury
(Paloma)
- ✓ Viva o povo brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro
(Paloma)
- ✓ O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde
(Vanessa)
- ✓ O monge e o executivo, de James C. Hunter
(Vanessa)
- ✓ O caçador de pipas, de Khaled Hosseine
(Lídia)
- ✓ O inocente, de John Grisham
(Lídia)
- ✓ A senhora das velas, de Walcyr Carrasco
(Lídia)
- ✓ O despertar da águia, de Leonardo Boff
(Daniele)
- ✓ Línea no jardim de Monet, de Christina Bjork
(Daniele)
- ✓ As formas do silêncio, Orlandi
(Daniele)
- ✓ Vida e obra de Dali, de Nathaniel Harris
(Daniele)

- ✓ Olímpia-Paris no tempo dos impressionistas, de Otto Friedrich
(Daniele)
- ✓ Circe e o historiador - Michel Zaidan Filho
(Daniele)
- ✓ O livro dos espíritos, de Allan Kardec
(Daniele)
- ✓ A nova mulher e a moral social, de Alexandra Kollontai
(Daniele)
- ✓ Sonetos, de Florbela Espanca
(Daniele)
- ✓ Poesias e sonetos, de Vinícius de Moraes
(Daniele)
- ✓ A insustentável leveza do ser, de Milan Kundera
(Daniele)
- ✓ Agosto, de Rubem Fonseca
(Daniele)
- ✓ Sagarana, de Guimarães Rosa
(Daniele)
- ✓ Para entender Hitler (a busca das origens do mal), de Ron Rosenbaum
(Daniele)
- ✓ Ilusões, de Richard Bach
(Daniele)
- ✓ Ler e escrever na escola, de Delia Lerner
(Daniele)
- ✓ O amante, de Marguerite Duras
(Daniele)
- ✓ Memórias de Adriano, de Marguerite Yourcenar
(Daniele)
- ✓ O perfume, de Patrick Suskind
(Daniele)
- ✓ Laços eternos, de Zíbia Gasparetto
(Daniele)
- ✓ O livro sagrado, de vários autores
(Daniele)

- ✓ As Valquírias, de Paulo Coelho
(Daniele)
- ✓ Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach
(Daniele)
- ✓ Fora de mim, de Richard Bach
(Daniele)
- ✓ O dom de voar, de Richard Bach
(Daniele)
- ✓ A parte para o sempre, de Richard Bach
(Daniele)
- ✓ O paraíso é uma questão pessoal, de Richard Bach
(Daniele)
- ✓ Longe é um lugar que não existe, de Richard Bach
(Daniele)
- ✓ O pequeno príncipe, de Saint-Exupery
(Daniele)
- ✓ Os maravilhosos contos de fadas, de diversos autores
(Daniele)
- ✓ O auto da compadecida, de Ariano Suassuna
(Daniele)

ANEXO F

- Livros circulados pelas alunas na biblioteca do Campus IV desde 2006:

1 - Thaise

- Vygotsky e a aprendizagem escolar - 28/08/2007
- Literatura infantil brasileira - 28/08/2007
- A psicanálise dos contos de fadas - 28/08/2007
- A educação pela arte - 19/07/2007
- A arte de ver a arte - 19/07/2007
- História da arte - 19/07/2007
- Comédias para se ler na escola - 29/05/2007
- Comédias para se ler na escola - 25/05/2007
- Iniciação à semântica - 24/03/2007
- Semântica - 24/03/2007
- Nova gramática do português contemporâneo - 24/03/2007
- Leituras de etnologia brasileira - 10/05/2006

2 - Carla

- Poemas de Florbela Espanca - 14/12/2006
- A literatura portuguesa através textos - 12/12/2006
- Língua portuguesa e literatura brasileira - 15/09/2006
- Crítica de ensino da língua portuguesa - 15/08/2006
- A crise da literatura - 09/02/2006
- Os professores e a reinvenção da escola - 09/02/2006
- Os professores e a reinvenção da escola - 26/01/2006
- A nova LDB - 19/01/2006

3 - Paloma

- Sujeito estético - 15/12/2006
- Confrontos na sala de aula - 03/02/2006
- Relações professor – aluno - 03/02/2006
- A hora da estrela - 03/02/2006
- Laços de família - 19/01/2006

4- Joana

- A dinâmica da violência escolar - 03/08/2007
- Confrontos na sala de aula - 03/08/2006
- Os professores e a reinvenção da escola - 07/02/2006
- Os professores e a reinvenção da escola - 31/01/2006

5- Daniele

- A produção da leitura na escola - 26/01/2006
- O corpo fala - 26/01/2006
- Manual de normalização de trabalhos técnicos científicos e culturais -26/01/2006
- O corpo fala - 02/02/2006
- A produção da leitura na escola - 02/02/2006
- Sintaxe do português - 22/03/2006
- Monografia passo a passo - 07/04/2006
- Matéria e memória -18/04/2006
- Matéria e memória - 24/04/2006
- Matéria e memória - 27/04/2006
- Matéria e memória - 04/05/2006
- Matéria e memória - 09/05/2006
- A construção do livro - 09/05/2006
- A poética do devaneio - 08/06/2006
- A poética do devaneio -16/06/2006
- Quem mandou nascer mulher?-14/07/2006
- Cultura escrita, literatura e história - 02/08/2006
- A produção da leitura na escola - 09/08/2006
- Protocolos de leitura - 09/08/2006
- A produção da leitura na escola -16/08/2006
- Protocolos de leitura -16/08/2006
- Protocolos de leitura - 22/08/2006
- A produção da leitura na escola - 22/08/2006
- Protocolos de leitura - 29/08/2006
- O texto na sala de aula - 30/08/2006
- Produção de leitura de textos -30/08/2006
- Tipos de textos, modos de leitura - 05/10/2006
- Tipos de texto, modos de leitura - 05/10/2006
- Tipos de textos, modos de leitura -12/10/2006
- Tipos de texto, modos de leitura - 12/10/2006
- Tipos de texto, modos de leitura - 25/10/2006
- Tipos de texto, modos de leitura - 31/10/2006
- A coerência textual - 08/11/2006
- A coerência textual -15/11/2006
- Sintaxe do português - 16/11/2006
- As cores do crepúsculo - 05/12/2006
- A poética do devaneio - 05/12/2006
- Monografia passo a passo - 05/12/2006
- A poética do devaneio - 12/12/2006
- As cores do crepúsculo - 12/12/2006
- Oralidade e escrita - 04/02/2007
- A linguagem esquecida - 04/02/2006
- Comunicação e expressão - 04/02/2006
- O texto e a construção dos sentidos -13/03/2007
- Ler para aprender - 13/03/2007
- Antologia poética - 22/03/2007

- Capacitação para professores alfabetizadores - 22/03/2007
- A psicanálise dos contos de fadas - 12/04/2007
- Do texto ao texto - 12/04/2007
- Cuidado, escola! - 12/04/2007
- Cuidado, escola! - 20/04/2007
- Do texto ao texto - 20/04/2007
- A poética do devaneio - 10/08/2007

6- Cristina

- Teoria do conto - 27/01/2006
- Como analisar narrativas - 06/02/2006
- São Bernardo - 10/02/2006
- O texto científico - 03/05/2006
- Relações de poder no cotidiano escolar - 03/07/2006
- Ensinações demais, aprendemos de menos - 03/07/2006
- A causa dos professores - 19/03/2006
- Antologia poética - 21/08/2006

ANEXO G

- Material de apoio utilizado na entrevista narrativa coletiva.

Biblioteca Verde

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.
São só 24 volumes encadernados
em percalina verde.
Meu filho, é livro demais para uma criança.
Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.
Quando crescer eu compro. Agora não.
Papai, me compra agora. È em percalina verde,
só 24 volumes. Compra, compra, compra.
Fica quieto, menino, eu vou comprar.

Rio de Janeiro? Aqui é o Coronel.
Me mande urgente sua Biblioteca
bem acondicionada, não quero defeito.
Se vier com arranhão recuso, já sabe:
quero devolução de meu dinheiro.
Está bem, Coronel, ordens são ordens.
Segue a Biblioteca pelo trem - de - ferro,
fino caixote de alumínio e pinho.
Termina o ramal, o burro de carga
vai levando tamanho universo.

Chega cheirando a papel novo, mata
de pinheiros toda verde. Sou
o mais rico menino destas redondezas.
(Orgulho, não; inveja de mim mesmo.)
Ninguém mais aqui possui a coleção
das Obras Célebres. Tenho de ler tudo.
Antes de ler, que bom passar a mão
no som da percalina, esse cristal
de fluida transparência: verde, verde.
Amanhã começo a ler. Agora não.

Agora quero ver figuras. Todas.
Templo de Tebas. Osíris, Medusa,
Apolo nu, Vênus nua... Nossa
Senhora, tem disso nos livros?
Depressa, as letras. Careço ler tudo.
A mãe se queixa: Não dorme este menino.
O irmão reclama: Apaga a luz, cretino!
Espermacete cai na cama, queima

a perna, o sono. Olha que eu tomo e rasgo
essa Biblioteca antes que pegue fogo
na casa. Vai dormir, menino, antes que eu perca
a paciência e te dê uma sova. Dorme,
filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.

Mas leio, leio. Em filosofias
Tropeço e caio, cavalgo de novo
meu verde livro, em cavaleiras
me perco, medievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,
verde pastagem. Ou antes carruagem
de fugir de mim e me trazer de volta
à casa a qualquer hora num fechar
de páginas?

Tudo que sei é ela que me ensina.
O que saberei, o que não saberei
nunca,
está na Biblioteca em verde murmúrio
de flauta-percalina eternamente.

(ANDRADE, Carlos D. *Carlos Drummond de Andrade*: seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Rita de Cássia Barbosa. 2 ed. São Paulo: Nova cultural. 1988).

➤ Leitura do texto em voz alta:

- 1- Fiquem à vontade para comentar sobre o texto e relacioná-lo com a trajetória de vida de vocês.
- 2- O que é uma biblioteca para vocês?
- 3- E uma biblioteca pessoal?
- 4- João Alexandre Barbosa, em seu livro *A biblioteca imaginária*, diz que, para ele, biblioteca imaginária é aquela de um só leitor, enquanto alguém que leu determinados livros e/ou autores; mas também, a inserção desse leitor no universo mais amplo de outros leitores que tiveram experiências parecidas ou contrárias. E, para vocês, o que é uma biblioteca imaginária?
- 5- Alguém quer fazer algum comentário ou acrescentar uma informação que julga importante?

ANEXO H

- Material de apoio utilizado na 2ª entrevista individual.

2ª ENTREVISTA (INDIVIDUAL)

Texto de sensibilização: Trechos do livro: LONTRA, Hilda Orquídea H. (Org). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora UNB: Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

“Registro, aqui, a minha historia pessoal de leitora. E quando precisamente teria ela começado? Poderia dizer que tudo começou na Rua da Aurora, casa de meu avô, onde nasci para a vida consciente. Lá, aos 4 anos, enquanto meu pai, em companhia de minha mãe, fazia estudos de especialização na Inglaterra, meus avós maternos – mais por preguiça de lerem para mim do que propriamente para me satisfazerem um desejo – ensinaram-me a ler. Eu vivia atrás de minha avó, na cozinha, para que ela me dissesse o que havia escrito nos livros e nas revistas que eu ia encontrando pela casa”.

(Elisabeth Hazin, p. 65)

“Quando nasci, foi me dado um direito a três grandes presentes: ser filha de um contador de histórias e uma rainha leitora; ter um amigo que lia por prazer e me ensinou a compartilhar leituras; e o último, que recebi recentemente, conhecer uma bruxa disfarçada de professora de leitura”.

(Margareth Alves Posta, p. 91)

“A Bíblia, a missa, a catequese... Trouxeram consigo as histórias do padre. Aqueles imensos sermões meio misteriosos, de um mistério bem diferente das histórias da minha tia. Mistério que me enchia de culpas, de medos. Deles, surgiram as tantas perguntas com as quais meu pai quase enlouquecia. O padre falava que Deus eram três – a Santíssima Trindade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Que nós (todos) éramos frutos do pecado, que eu não sabia o que era, mas certamente não era bom.

Que coisa complicada para uma cabeça que precisava de respostas e certezas para tudo! Como eu ouvia aquelas histórias tentando entender esses mistérios! E de tanto ouvi-las eu queria desvendá-las. Para depois contá-las. Mas as histórias bíblicas não bastaram. Vieram outras, todas movidas por uma curiosidade insaciável sobre algo para o que eu não tinha respostas de outra forma”.

(Elisângela Agostini, p.56 - 57)

“Minha irmã, por sua vez, se encarregava de me cercar (e junto sempre estava o meu irmão mais novo) com livros, gibis, discos. De seu mágico acervo, saltavam, via LPs, os contos de fadas universais. Sob o domínio da velha vitrola, na companhia serena dessa irmã carinhosa, cumpríamos o rito oficial de nos encontrarmos todos os dias com a *Cinderela*, com a *Gata Borralheira*, o *Gato de Botas*, o *Peter Pan*, o *Patinho Feio* e com tantos outros heróis e heroínas cujos caminhos, sempre carregados de dificuldades, lutas, e coroados pelo êxito final, me transmitiram confiança no futuro e um conhecimento singular, que ainda hoje seguem comigo vida afora”.

(Adriana L. da Silva M. Gouveia, p. 24 - 25)

“Já adolescente, como tarefa de Língua Portuguesa, fui dado a ler *A Hora da estrela*. Eu não aceitei direito aquele livro, muito diferente de tudo que eu lera até ali. Aquela moça feia protagonizando uma história com título de estrela, uma heroína fraca, amarela, quase muda, tudo isso me deixou meio desconcertado. Nada igual à força, à pujança dos heróis comuns para um leitor da minha idade. Mas aquele desconforto indiciava-me os segredos ali contidos”.

(André Lúcio Bento, p.17)

“Junto com Fernando Pessoa, alguns livros, lidos para fazer vestibular, mas que me marcaram. Um deles foi *Senhora*, de José de Alencar, que me fez sonhar com um Rio de Janeiro antigo e tranqüilo, mas já contaminado pela ganância capitalista e pelos casamentos de conveniência”.

(Maria de Glória Lima Barbosa, p.106)

“Passaram-se quatro anos, e nas aulas de Língua Portuguesa só copiava questões de gramática, sem nenhuma criatividade; não conheci o que seria produzir um texto. Fui até a 4ª série ginásial com a mesma professora. Tinha biblioteca no colégio, e a deixavam livre para consulta, mas como você só gosta daquilo que conhece, e eu não conhecera a importância dos livros nem o fascínio das histórias, a biblioteca pouco me atraía”.

(Arlinda Alves de Sousa, p.34)

“Onde leio? Normalmente leio na cama ou estirada em um sofá confortável. Que momentos do dia? Depende. Mas com certeza não sou um leitor das madrugadas. À meia-noite a corda da Cinderela costuma acabar. Pela manhã, costumo só enrolar. È momento para se ler o amanhecer das plantas e o canto dos pássaros. Então, desconfio que leio mais no período vespertino. Definitivamente, pra conseguir ler, preciso de pouco barulho por perto. Que me desculpe o pessoal do *heavy metal*, mas silêncio é fundamental.

Meios de acesso ao livro: compra? Empréstimo? Aluguel? Roubo? Para dizer, pelo menos, meia-verdade, com o suor do meu trabalho não batalho por ganha-pão, mas sim por um ganho-livro. O tal do livro é mesmo meu sonho de consumo. Eu uso bibliotecas públicas e amigo, mas o que eu gosto mesmo é de ter os tais livros. Assim posso voltar a eles, consultá-los (e, sobretudo, aprontar aquela bagunça geral na casa) no momento que quero. É meio chato confessar esse consumismo neurótico, mas quando estou meio *down*, uma visitinha às livrarias costuma promover um *up* no astral”.

(Áurea Sousa Oliveira, p.48)

“Por volta dos 12 anos, já não me satisfazia apenas em ouvir as histórias; comecei então, a ler às escondidas, principalmente os livros que minha irmã dizia não serem próprios para minha idade. Dos livros proibidos, lembro-me apenas de dois títulos: *Meu destino é pecar* e *Lírio do vale*, cujos autores me fugiram da memória. Das histórias lidas e ouvidas, ficaram-me apenas impressões de encontros e desencontros amorosos, invejas, maldades, etc., ingredientes comuns a histórias infantis e romances de todos os tempos”.

(Rita de Cassi Pereira dos Santos, p.123)

- 1- Quais **pessoas, fatos/situações/episódios, ambientes e livros** que marcaram a sua formação enquanto leitora?
 - Irei explorar detalhadamente cada um dos itens destacados.

- 2- Você compra/toma emprestado livros ou tira mais xérox? Por quê? O que você pensa a respeito disso?

- 3- Onde costuma ler? Em bibliotecas, livrarias, em casa, sebos...

- 4- Quais leituras você fez ou faz que teve ou tem receio de ser criticada/coibida? Por quê?

ANEXO I

- Material de apoio utilizado na 3ª entrevista individual.

3ª ENTREVISTA (INDIVIDUAL)

- 1- Quantos livros aproximadamente você acredita que possui em sua biblioteca pessoal?
- 2- Onde costuma guardá-los e por quê?
- 3- Como você faz a arrumação desses livros?
- 4- Com qual frequência e com quais propósitos esses livros são procurados (divertimento, informação, reflexão...)?
- 5- Imagine um incêndio na biblioteca onde estariam todos os livros que já leu. Entre pela última vez nesta biblioteca para salvar aqueles poucos livros que poderiam dizer quem é você como leitora.
- 6- Você acredita que suas histórias de leitura poderão influenciar outros leitores e outras leitoras? Por quê?

ANEXO J

- Componentes Curriculares e Ementas de Literatura do curso de Letras Vernáculas – Integralização Curricular:

| COMPONENTES CURRICULARES | EMENTAS |
|----------------------------------|---|
| Teoria da Literatura I | Conceitua arte, literatura e teoria da literatura. Distingue conotação de denotação, conhecendo os gêneros literários. Estuda a narrativa de ficção e seus componentes ficcionais. Analisa e compreende textos literários: o romance e o conto. |
| Teoria da Literatura II | Analisa o fenômeno estético-literário através das relações entre literatura e sociedade. Aborda os aspectos intrínsecos e extrínsecos da obra literária. Analisa criticamente o texto literário: o poema lírico, o poema satírico, o poema dramático. |
| Literatura Brasileira I | Estuda a Literatura Brasileira das Origens ao Romantismo, enfatizando a discussão sobre o aspecto nativista/ufanista e traçando linhas com autores contemporâneos. |
| Literatura Brasileira II | Estuda e analisa obras literárias de manifestação realista/naturalista, envolvendo tendências finiseculares e enfatizando o caráter urbano da ficção diante do contexto sócio-cultural do país. |
| Literatura Brasileira III | Estuda a prosa brasileira do Século XX, enfatizando a tensão cosmopolitismo X localismo no caráter documental de nossa ficção. |
| Literatura Brasileira IV | Estudo da poesia produzida no período que, no Brasil, ficou conhecido como Modernismo e seu diálogo com a produção brasileira contemporânea. |
| Literatura Brasileira V | Realiza estudo monográfico de um tema, autor ou obra da literatura brasileira: A ficção brasileira contemporânea. |
| Literatura Portuguesa I | Estuda a diacronia da Literatura Portuguesa do Trovadorismo ao Arcadismo, através de textos críticos, teóricos e literários representativos dos respectivos estilos de época. |
| Literatura Portuguesa II | Estuda a diacronia da Literatura Portuguesa do Romantismo ao Simbolismo, através de textos representativos, traçando linhas com pressupostos de transição ao Modernismo. |
| Literatura Portuguesa III | Analisa a literatura portuguesa no século XX, através de estudo de obra ou autor português contemporâneo. |

Fonte: Colegiado de Letras do Campus IV - UNEB

Ementas dos componentes curriculares de Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, versão inicial do Curso.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)